

FACULDADES EST  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

DÉBORA DAIANE BEYER DOS SANTOS

**A CONSTRUÇÃO DA RESILIÊNCIA COM MULHERES VÍTIMAS DE  
VIOLÊNCIAS: O ACONSELHAMENTO COMUNITÁRIO EM PEQUENOS GRUPOS  
NA CONSTRUÇÃO DE REDES DE APOIO**

São Leopoldo

2019



DÉBORA DAIANE BEYER DOS SANTOS

**A CONSTRUÇÃO DA RESILIÊNCIA COM MULHERES VÍTIMAS DE  
VIOLÊNCIAS: O ACONSELHAMENTO COMUNITÁRIO EM PEQUENOS GRUPOS  
NA CONSTRUÇÃO DE REDES DE APOIO**

Dissertação de  
Mestrado Acadêmico  
Para a obtenção do grau de  
Mestra em Teologia  
Faculdades EST  
Programa de Pós-Graduação  
Mestrado Acadêmico em Teologia  
Área de Concentração: Teologia Prática  
Linha de Pesquisa: Práxis teológica e  
espiritualidade em comunidades de fé e  
sociedade

Orientadora: Gisela Isolde Waechter Streck

São Leopoldo

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S237c Santos, Débora Daiane Beyer dos

A construção da resiliência com mulheres vítimas de violências: o aconselhamento comunitário em pequenos grupos na construção de redes de apoio / Débora Daiane Beyer dos Santos ; orientadora Gisela Isolde Waechter Streck. – São Leopoldo : EST/PPG, 2019.

124 p. : il. ; 31 cm

Dissertação (Mestrado) – Faculdades EST. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2019.

1. Violência contra as mulheres. 2. Aconselhamento pastoral. 3. Assistência social da Igreja. 4. Obras da igreja junto às mulheres. 5. Resiliência (Traço da personalidade). I. Streck, Gisela I. W. (Gisela Isolde Waechter), orientadora. II. Título.

CDD 305.42

DÉBORA DAIANE BEYER DOS SANTOS

**A CONSTRUÇÃO DA RESILIÊNCIA COM MULHERES VÍTIMAS DE  
VIOLÊNCIAS: O ACONSELHAMENTO COMUNITÁRIO EM PEQUENOS GRUPOS  
NA CONSTRUÇÃO DE REDES DE APOIO**

Dissertação de  
Mestrado Acadêmico  
Para a obtenção do grau de  
Mestra em Teologia  
Faculdades EST  
Programa de Pós-Graduação em Teologia  
Área de Concentração: Teologia Prática

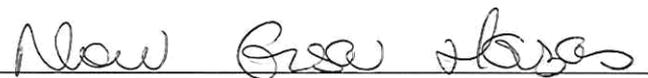
Data de Aprovação: 13 de junho de 2019

Prof.ª Dr.ª Gisela Isolde Waechter Streck (Presidente)



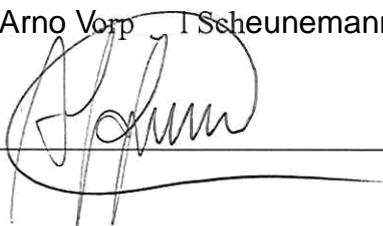
---

Prof. Dr. Nilton Eliseu Herbes (EST)



---

Prof. Dr. Arno Vorp I Scheunemann



---

*Aos meus pais, Claudio Beyer e Hélia A. Gira Beyer, que sempre me apoiam e incentivam a dar continuidade aos estudos.*

*Ao meu esposo Timóteo Seixas dos Santos e meus filhos Lucas Beyer dos Santos e Leonardo Beyer dos Santos pelo apoio e compreensão.*

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus que me agracia com o dom da vida diariamente.

À minha família, meu amparo, suporte, meu porto seguro, meus companheiros de jornada, aqueles que acreditam em minha capacidade e me incentivam constantemente.

Aos professores e professoras da EST, pelas significativas contribuições em minha formação.

À minha orientadora, profa. Dra. Gisela I. W. Streck que me orientou tão bem, de forma muito sábia durante o tempo de mestrado, pela sua dedicação, pelo incentivo e pelos conselhos.

Aos e as colegas de mestrado que tornaram as aulas momentos memoráveis de muitas reflexões, crescimento e aprendizado mútuo.

Ao CNPq pelo auxílio financeiro.

Meu muito obrigado!



*“Nisto não há judeu nem grego; não há servo nem livre; não há macho nem fêmea; porque todos vós sois um em Cristo Jesus.”*

Gálatas 3.28



## RESUMO

A presente pesquisa tem como tema o Aconselhamento com mulheres em situações de violência, a partir do Acompanhamento Comunitário. Destaca o que é considerado violências contra as mulheres; os números da violência contra as mulheres; os tipos de violência e o ciclo da violência contra as mulheres. Traz uma abordagem de como acontece essas violências no dia a dia, na sociedade, bem como nas comunidades cristãs; cita passos importantes já existentes no enfrentamento as violências contra as mulheres. Defende o Acompanhamento Comunitário como uma forma de Aconselhamento, suporte, ajuda e apoio a essas mulheres. Para tanto, conceitua Aconselhamento Comunitário, frisando a importância das comunidades cristãs e dos pequenos grupos na vida destas mulheres que enfrentam ou enfrentaram situações de violências. A pesquisa resgata a questão do cuidado no Aconselhamento Comunitário e traz Jesus como o maior exemplo desse cuidado. Reflete sobre as redes de apoio e como estas redes podem contribuir no enfrentamento às violências contra as mulheres. Aborda o tema da resiliência mostrando como é possível que mulheres violentadas saiam fortalecidas do trauma sofrido pelas violências. Cita as comunidades cristãs, bem como os pequenos grupos, como ferramentas importantes na vida das mulheres que enfrentam ou enfrentaram situações de violências para que alcancem processos resilientes.

**Palavras-chave:** Aconselhamento. Mulheres. Violências. Acompanhamento. Resiliência.



## **ABSTRACT**

The theme of this research is Counseling with women in situations of violence, based on Community Accompaniment. It elucidates what is considered violence against women, the numbers of violence against women, the types of violence and the cycle of violence against women. It deals with how this violence takes place day to day, in society as well as in the Christian communities; it cites important steps that already exist to confront violence against women. It defends Community Accompaniment as a form of Counseling, support and help for these women. For this, it conceptualizes Community Counseling, highlighting the importance of the Christian community and of the small groups in the life of these women who are faced with or have been faced with situations of violence. The research recovers the issue of care in Community Counseling and presents Jesus as the greatest example of this care. It reflects about the support networks and how these networks can contribute in confronting violence against women. It deals with the theme of resilience showing how it is possible for abused women to come out strengthened from the trauma suffered by the violence. It cites the Christian communities, as well as the small groups, as important tools in the life of the women who face or have faced situations of violence to arrive at resilient processes.

**Keywords:** Counseling. Women. Violence. Accompaniment. Resilience.



# SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>17</b>
<b>2 VIOLÊNCIAS CONTRA AS MULHERES: UMA REALIDADE A SER ENFRENTADA.....</b>	<b>21</b>
<b>2.1 Estatísticas das violências contra as mulheres.....</b>	<b>21</b>
<b>2.2 As violências contra as mulheres na vida cotidiana .....</b>	<b>24</b>
<b>2.3 As violências contra as mulheres na sociedade .....</b>	<b>28</b>
<b>2.4 As violências contra as mulheres nas comunidades cristãs .....</b>	<b>31</b>
<b>2.5 Textos bíblicos que são usados para justificar as violências .....</b>	<b>38</b>
<b>2.6 Identificando as violências contra as mulheres .....</b>	<b>40</b>
<b>2.7 Características de possíveis agressores.....</b>	<b>46</b>
<b>2.8 Marcos significativos no enfrentamento às violências contra as mulheres .....</b>	<b>49</b>
<b>3 ACONSELHAMENTO COMUNITÁRIO COM MULHERES EM SITUAÇÕES DE VIOLÊNCIAS .....</b>	<b>55</b>
<b>3.1 Definição de Aconselhamento Comunitário com mulheres em situações de violências .....</b>	<b>55</b>
<b>3.2 Jesus: modelo para o Aconselhamento Comunitário com mulheres em situações de violências.....</b>	<b>60</b>
<b>3.3 Aconselhamento Comunitário nas primeiras comunidades cristãs .....</b>	<b>64</b>
<b>3.4 Aconselhamento como ministério da comunidade .....</b>	<b>66</b>
<b>3.5 Perfil de um aconselhador/uma aconselhadora .....</b>	<b>73</b>
<b>3.6 Visitação como parte fundamental do Aconselhamento Comunitário com mulheres em situações de violências.....</b>	<b>77</b>
<b>3.7 As Redes de Apoio .....</b>	<b>79</b>
<b>4 PROCESSOS DE RESILIÊNCIA A MULHERES QUE ENFRENTAM OU ENFRENTARAM SITUAÇÕES DE VIOLÊNCIAS .....</b>	<b>89</b>
<b>4.1 Conceito de resiliência.....</b>	<b>89</b>

<b>4.2 As consequências do trauma causado pelas violências contra as mulheres .....</b>	<b>91</b>
<b>4.3 Processos resilientes em mulheres que enfrentam ou enfrentaram situações de violências .....</b>	<b>93</b>
<b>4.4 Desenvolvendo a resiliência – os fatores de proteção .....</b>	<b>95</b>
<b>4.5 As redes de apoio, de aconselhamento e acompanhamento com homens agressores .....</b>	<b>106</b>
<b>5 CONCLUSÃO .....</b>	<b>113</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>117</b>

# 1 INTRODUÇÃO

Violência tem se tornado palavra comum na sociedade. As pessoas vivem cercadas de violência, como nas ruas, no trânsito, nas escolas, contra idosos e idosas, crianças, etc., e dentre estas cresce também a cada dia as violências contra as mulheres. As violências contra as mulheres desconhecem fronteiras como raça, credo, cor, cultura, religião, nível de vida, classe social. As notícias de agressões são constantes, permeiam nosso cotidiano. É assustador o número de mulheres que são violentadas diariamente. A questão das violências contra as mulheres é um tema desafiador e deveria nos preocupar e inquietar na busca por dias melhores, onde a justiça, a paz e a igualdade sejam possíveis.

Esta pesquisa aborda o tema das violências contra a mulher. Assunto bastante atual e grave que carece de mais atenção e estudos por ser um problema mundial. Ainda que se tenha avançado nesta área com políticas públicas e sociais, com implementações de ações e programas governamentais e não governamentais, as violências contra as mulheres persiste e deixa marcas visíveis e invisíveis na vida de inúmeras mulheres.

No segundo capítulo a pesquisa apresenta marcos importantes na luta pelo enfrentamento às violências contra as mulheres, movimentos e ações que foram importantes para o enfrentamento às violências. Mostra os números das violências, a partir de dados e estatísticas, confirmando a triste realidade das violências contra as mulheres; revela como a violência faz parte do cotidiano das mulheres e vai se naturalizando. A pesquisa aponta para o fato de que as violências vão se mesclando com a vida das mulheres desde o nascimento, quando já começa a acontecer a diferenciação na construção de papéis masculinos ou femininos, sendo que a mulher ocupa papéis de inferioridade. A sociedade distingue e limita o que cabe a homens e o que cabe a mulheres e a mídia e meios de comunicação afirmam estes estereótipos existentes.

A pesquisa procura analisar as diferentes formas de reação frente à violência contra as mulheres, como a sociedade e a igreja, enquanto comunidades cristãs, se posicionam e se comportam frente ao assunto. Cita por um lado, alguns textos bíblicos e jargões religiosos, que são usados, de forma errônea, para, muitas vezes, justificar a violência; por outro lado, cita textos que por si só falam da igualdade que deve existir entre homens e mulheres. Aborda o que é violência, os tipos de violência e o ciclo da

violência. Auxilia a reconhecer pelas características uma mulher que está sendo violentada, bem como, características que podem ajudar a reconhecer um possível agressor.

Desta forma, a pesquisa visa suscitar a reflexão sobre as violências contra as mulheres, os diferentes tipos de violências, os ciclos da violência, causas e efeitos; analisando como este assunto tem sido abordado na sociedade, nas comunidades religiosas e pelas próprias mulheres violentadas. A pesquisa tem como objetivo somar conhecimentos para a construção de intervenções e enfrentamento as violências contra as mulheres.

A inquietação e preocupação com os inúmeros casos de violência contra as mulheres, inclusive dentro de famílias cristãs, motivou a presente pesquisa. O número de mulheres violentadas cresce a cada dia e é assustador. Apesar de haver muitas leis e avanços que visam garantir a igualdade entre homens e mulheres e a ampliação dos direitos das mulheres, dia após dia, mulheres são violentadas das mais diferentes formas. Longe de ser eliminada, a violência tem sido uma realidade na vida de muitas mulheres.

A pesquisa parte do pressuposto de que não basta às mulheres que enfrentam situações de violência apenas conhecer as leis, os direitos, mas que é necessário amparo para que possam romper com o ciclo da violência e buscar formas de enfrentamento; que prevenir, combater e se envolver no enfrentamento às violências contra as mulheres não é tarefa unicamente das mulheres violentadas, mas é de toda a sociedade; que se faz necessário engajamento e articulação por parte dos diferentes setores da sociedade, inclusive das comunidades cristãs. A pesquisa busca olhar para o Aconselhamento Comunitário como uma forma de acompanhamento, apoio e amparo, por parte de comunidades cristãs, a mulheres que enfrentam situações de violências.

O terceiro capítulo abordará o tema do Aconselhamento Comunitário com mulheres em situações de violências. A opção pela expressão “Aconselhamento Comunitário” se dá porque esta tarefa não é exclusiva de ministros e ministras, mas todas as pessoas da comunidade podem se envolver no Aconselhamento. Por isso, a pesquisa traz um breve conceito de Aconselhamento Comunitário com mulheres em situações de violências, resgatando as dimensões do cuidado na prática do Aconselhamento; cita Jesus e o seu agir amoroso como um modelo para o Aconselhamento Comunitário a mulheres em situações de violência e descreve como

aconteciam o Aconselhamento Comunitário nas primeiras comunidades cristãs, servindo de exemplo para as comunidades cristãs atuais. Jesus foi um exímio conselheiro, portanto, modelo para os dias atuais.

A pesquisa destaca o tema do Aconselhamento a mulheres em situações de violência como ministério da Comunidade Cristã como um todo, abordando a importância de relacionamentos pautados pelo caráter cristão de amor, solidariedade, ação, doação, amparo, cuidado, etc. Destaca-se a convivência e a comunhão como passos importantes no Aconselhamento com mulheres em situações de violências para que as mulheres alcancem a integralidade da vida plena.

Relata a necessidade de uma boa formação para as pessoas que optam por este ministério, apontando aspectos relevantes nesta formação. Ministros e ministras são aqueles e aquelas que incentivam e capacitam nestas formações. Entende-se que Aconselhamento é o ministério compartilhado dos ministros e das ministras com toda a comunidade.

Traz a visitação como parte fundamental do Aconselhamento Comunitário a mulheres em situações de violência, já que o acompanhamento é um dos objetivos do Aconselhamento Comunitário com mulheres em situações de violências.

A pesquisa destaca que o Aconselhamento Comunitário é usado desde as primeiras comunidades Cristãs, possui raízes na sabedoria do passado, sendo assim, tem muito a contribuir no enfrentamento às violências contra as mulheres. O amor é a principal característica de quem pretende acompanhar mulheres violentadas. A pesquisa também fala da relevância dos símbolos cristãos, como a oração, por exemplo, no Acompanhamento com mulheres em situações de violência.

A forma como as comunidades cristãs podem fazer parte das Redes de Apoio a mulheres em situações de violência através do Aconselhamento Comunitário também é destacada. Reflete sobre os espaços que são oferecidos às mulheres em situações de violência nas comunidades cristãs, citando os pequenos grupos como uma sugestão de espaço para tratar do tema do enfrentamento às violências, mas também como espaço de participação para as mulheres, onde possam desenvolver relacionamentos de confiança, amor, cuidado, respeito, apoio, ajuda, solidariedade etc., abordando como o Aconselhamento Comunitário a mulheres em situações de violências pode ser usado para prevenção.

No quarto capítulo a pesquisa busca responder às perguntas: como as mulheres enfrentam as situações de violências? O que fazer após o ocorrido? Essas

mulheres encontram espaços de auxílio, ajuda e cuidado? Como conviver com este trauma? Aborda o tema da resiliência a mulheres em situações de violências, mostrando que é possível sair fortalecidas do trauma. Traz um breve conceito de resiliência e como ela pode ser importante na vida de mulheres que enfrentaram situações de violências, na retomada do viver diário, para que encontrem o bem-estar e a qualidade de vida, apesar da violência sofrida. A pesquisa se refere a resiliência como a capacidade interna de refazer-se após um evento doloroso, capacidade de retomar as forças e seguir em frente apesar do acontecido. É um processo contínuo que vai sendo gerado ao longo da existência.

A pesquisa ressalta a importância de fatores externos para que aconteça a resiliência, como o apoio de pessoas e instituições; percebe-se, então, a importância e relevância das comunidades cristãs neste processo. A pesquisa relata fatores de proteção indicando o amor como o maior deles.

Por fim, a pesquisa também destaca a importância das comunidades cristãs e dos pequenos grupos na vida destas mulheres que enfrentam ou enfrentaram situações de violências, abordando os pequenos grupos como espaços de acolhida, cuidado, reflexão, empoderamento, etc., um espaço onde as mulheres podem se auxiliar mutuamente e encontrar processos de resiliência. Os pequenos grupos eliminam a ideia de isolamento e contribuem para relacionamentos mais próximos e doadores. Os pequenos grupos oferecem a possibilidade de formular propostas de enfrentamento às violências contra as mulheres e são tidos como espaços de cuidado mútuo.

Neste capítulo a pesquisa também destaca a importância de acompanhamentos com agressores frisando que esse acompanhamento é tão importante quanto outras medidas protetivas.

## 2 VIOLÊNCIAS CONTRA AS MULHERES: UMA REALIDADE A SER ENFRENTADA

As violências contra as mulheres são violação dos direitos humanos. Não é um assunto novo; por décadas tem perpassado a história da humanidade e, infelizmente, ainda tem sido um tema polêmico e atual em nossa sociedade, bem como nas comunidades cristãs, permeando o dia a dia. São grandes os malefícios causados pela violência, que afetam as mais diferentes dimensões de vida, principalmente da mulher, e que têm se estendido para famílias, comunidades, enfim, à sociedade como um todo.

Torna-se urgente refletir sobre o assunto, olhar para o que já foi feito, dar seguimento ao que tem dado resultados positivos e pensar novas formas de eliminar as discriminações, promovendo a igualdade, numa constante busca pela valorização dos direitos humanos e pelo fim da violência contra as mulheres.

### 2.1 Estatísticas da violência contra as mulheres

Os números mostram a triste realidade das violências contra as mulheres. Em 2016 foi feita uma pesquisa em 130 municípios brasileiros, e foram entrevistadas no total 4,4 milhões de mulheres. Segundo a pesquisa, a cada hora 503 mulheres sofreram algum tipo de violência no Brasil; 29% dessas mulheres entrevistadas passaram por algum tipo de violência física ou moral. Agressões verbais atingiram 22% das entrevistadas; 40% foram atingidas por assédio; 4% foram vítimas de armas de fogo ou facas. Espancamentos e estrangulamentos vitimaram 3%. Em 61% dos casos os agressores eram conhecidos da vítima; 52% disseram não ter feito nada após a agressão; 13% procuraram ajuda da família; 12% apoiaram-se em amigos e amigas e apenas 11% foram a uma delegacia da mulher.<sup>1</sup>

Quem mais sofre violência no Brasil são as mulheres, sendo as violências a maior causa de morte de mulheres entre 16 a 44 anos; ou seja, as violências matam

---

<sup>1</sup> MELO, Daniel. Mais de 500 mulheres são agredidas por hora no Brasil. **Agência Brasil**, 8 de março de 2017. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2017-03/mais-de-500-mulheres-sao-agredidas-por-hora-no-brasil-mostra>>. Acesso em 16 maio 2017.

mais que câncer e acidente de trânsito.<sup>2</sup> Homens também são violentados, mas em grau muito menor, e são pouquíssimos os registros de violência contra homens. De acordo com estimativas da Fundação Perseu Abramo, 2,1 milhões de mulheres são espancadas por ano no país, 175 mil por mês, 5,8 mil por dia, 243 por hora, 4 por minuto, uma a cada 15 segundos.<sup>3</sup> A cada 11 minutos uma mulher é estuprada no país. São 130 mulheres estupradas todos os dias. Estes são dados subnotificados porque as pesquisas mostram que apenas 10% das mulheres violentadas e estupradas têm coragem de denunciar, e somente 35% das mulheres que apanham dos seus parceiros os denunciam. E os números não param por aí: 70% dessas vítimas de estupro são crianças e adolescentes, mais de 80% do sexo feminino.<sup>4</sup>

Em termos epidemiológicos, pesquisas norte americanas indicam que 95% das vítimas de violência sexual são mulheres, 75% destas possuem menos de 30 anos de idade, entre 65 a 80% conhecem seu agressor e em dois terços dos casos das agressões ocorrem no domicílio das vítimas ou em lugares considerados seguros.<sup>5</sup>

Os agressores, na maioria das vezes, são pessoas da família: marido, pai, irmão, avô, tio, ou alguém próximo do círculo de amizades da família. No Brasil, aproximadamente 70% dos casos de violência acontecem em casa e envolvem pessoas do círculo de confiança da mulher, conforme mostra a Figura 1.<sup>6</sup>

---

<sup>2</sup> CARROL, Aileen Silva; ANDRADE, Sérgio. **Até quando?** O cuidado pastoral em contexto de violência contra a mulher. Viçosa-MG: Ultimato, 2010. p. 13.

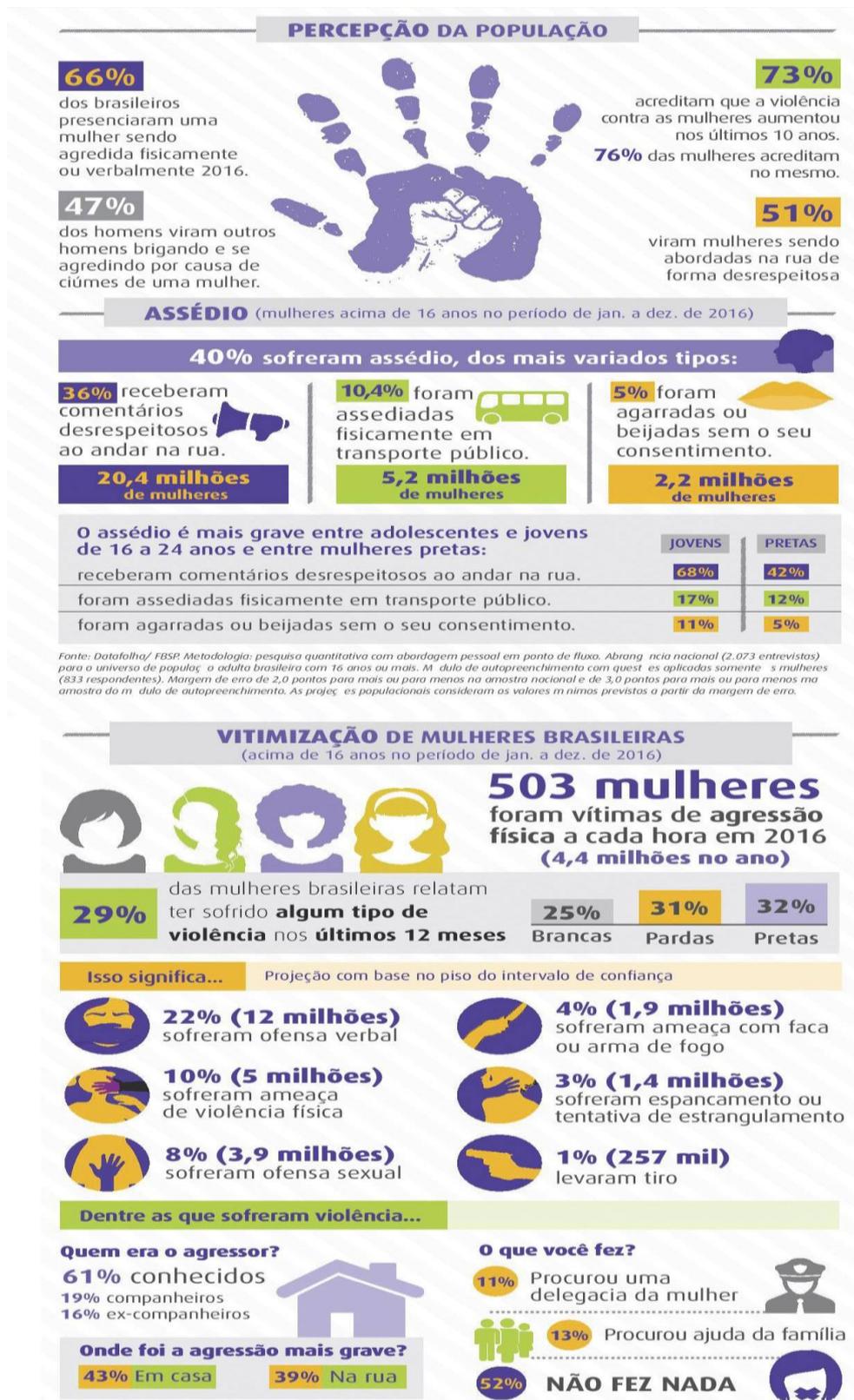
<sup>3</sup> CORNAGLIA, Graciela Patrícia; SANTOS, Karine dos (Orgs). **Pacto Nacional pelo enfrentamento à violência contra as mulheres**. São Leopoldo: CEBI, 2010. (Caderno 2). p. 17.

<sup>4</sup> RUDY, Jefferson. A cada 11 minutos, uma mulher é estuprada no Brasil. **Agência Senado**, 30 de maio de 2015. Disponível em: <<http://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/05/30/a-cada-11-minutos-uma-mulher-e-estuprada-no-brasil-alerta-simone-tebet>> Acesso em 16 de maio de 2017.

<sup>5</sup> GROSSI, Patrícia K.; WERBA, Graziela C. (Orgs). Nem com uma flor: reflexões sobre abordagens com grupos de homens agressores. In: GROSSI, Patrícia K.; WERBA, Graziela C. **Violências e gênero**. Coisas que a gente não gostaria de saber. Porto Alegre/RS: EDIPUCRS, 2001. p. 84.

<sup>6</sup> CARROL; ANDRADE, 2010, p. 22.

Figura 1 - Os dados da violência contra as mulheres no Brasil

Fonte: SANTOS, 2017<sup>7</sup>

<sup>7</sup> SANTOS, Barbara Ferreira. Os números da violência contra mulheres no Brasil. **Revista Exame**, São Paulo, Editora Abril, 8 de março de 2017. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/brasil/os-numeros-da-violencia-contra-mulheres-no-brasil/>>. Acesso em 05 jun. 2017.

Na maioria das vezes, os casos de violência contra a mulher surgem de relações mais próximas, como o casamento ou o início das relações sexuais. A partir dessas relações, os agressores passam a ter um sentimento de posse ou propriedade sobre a mulher.<sup>8</sup> Ou seja, ao contrário do que muitos pensam, as pesquisas afirmam que o lar não é o lugar mais seguro; grande parte dos casos de violências acontece dentro de casa, ou estão ligados a pessoas muito próximas, na maioria das vezes, da família:

[...] a violência causa danos – às vezes irreparáveis – a uma em cada quatro mulheres brasileiras e que mais de 60% dos assassinatos de mulheres no mundo são cometidos por homens com os quais as vítimas tinham ou haviam tido envolvimento amoroso, confirmando o dado já amplamente divulgado pelas delegacias da mulher de todo o Brasil, de que os agressores das mulheres se encontram muito mais dentro de casa do que fora dela.<sup>9</sup>

Os dados estatísticos confirmam a tese de que as violências passam por uma dominação concedida aos homens no decorrer de tempos e culturas, uma ideia de que o homem é superior à mulher e em casa é ele quem manda, educa, corrige, castiga, grita, e assim, fere física, emocional e psicologicamente as mulheres.

Os danos causados às mulheres são enormes. Triste é que, passam despercebidos pela sociedade, não provocando revolta, indignação, comoção e uma busca por mudanças onde as mulheres tenham seus direitos preservados.

## 2.2 As violências contra as mulheres na vida cotidiana

As violências contra as mulheres fazem parte da vida cotidiana e o que preocupa é o fato de estarem se naturalizando na humanidade. Desde o nascimento da criança acontece uma distribuição de papéis, animando desde a infância, homens e mulheres, a desenvolverem determinadas habilidades e capacidades pré-estabelecidas como padrões e aceitas no dia a dia da sociedade. “Nosso cotidiano desvela a dominação de gênero. Nas atividades mais triviais visualizamos a naturalização dos privilégios masculinos sobre sujeitos sociais dominados, heterônomos, não autônomos – as mulheres.”<sup>10</sup> O que se tem como natural é, na

---

<sup>8</sup> MENEGHEL, Stela Nazareth (Org.). **Rotas críticas**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2007. p. 30.

<sup>9</sup> GROSSI; WERBA, 2001, p. 77.

<sup>10</sup> VILHENA, Valéria Cristina; SOUZA, Sandra Duarte de. **Pela voz das mulheres**: uma análise da violência doméstica entre mulheres evangélicas atendidas no Núcleo de Defesa e Convivência da Mulher - Casa Sofia. São Bernardo do Campo. 2009. 152 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de

verdade, cultural e foi normatizado com o tempo pela cultura, sociedade e, muitas vezes, pela religião.

[...] a violência em suas diferentes roupagens começa muito cedo, assim como a convivência com ela. A violência é colocada como um ingrediente da vida cotidiana, e conforma uma perspectiva em concebê-la como inevitável, pois, aparecendo ainda na infância, torna-se muito poderosa e, de certa forma, naturalizada.<sup>11</sup>

O problema das violências tem sua base numa cultura propagada e difundida há anos. Com o tempo foi se estabelecendo cultural e sociologicamente, até mesmo a partir das religiões, qual é o papel do homem e qual é o papel da mulher. Normas sociais, costumes, tradições, religiosidade são alguns dos fatores que determinam e delimitam papéis e funções diferentes para homens e mulheres na sociedade. Essa educação diferenciada para homens e mulheres gera as mais diferentes formas de violências contra a mulher.

O que determina a violência contra as mulheres são aspectos sócio-culturais que definem papéis desiguais para homens e mulheres. Homens são desde a infância, ensinados a desenvolver atitudes competitivas, agressivas e a demonstrar poder pela força física. Eles aprendem também que tem o direito de controlar e mandar nas mulheres.<sup>12</sup>

Estes fatos, normas, regras estabelecidas por determinadas culturas, crenças, por sua vez, servem como justificativas para atos violentos. “O ser homem e o ser mulher dependem, basicamente, das construções sociais e culturais transmitidas e vivenciadas no cotidiano das pessoas.”<sup>13</sup> Nascemos do sexo feminino ou do sexo masculino. Mas é a sociedade, a cultura que nos transforma em homens e mulheres. Pode-se dizer que o conceito homem e mulher vai muito além do sexo, das diferenças biológicas, está relacionado também a um processo de construção social, onde homens e mulheres têm seus papéis estipulados por relações de poder predominantes na sociedade.<sup>14</sup>

Não podemos confundir gênero com sexo. “Gênero é o sexo atribuído.”<sup>15</sup> A pessoa nasce do sexo feminino ou masculino, este é um fator biológico, mas é a

---

Humanidades e Direito, Universidade Metodista de São Paulo, Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião, São Bernardo do Campo, 2009. p. 71.

<sup>11</sup> MENEGHEL, 2007, p. 113.

<sup>12</sup> VILHENA, 2009, p. 43.

<sup>13</sup> MUSSKOPF, André S.; BLASÍ, Marcia (Orgs.). **Ainda feminismo e gênero**. São Leopoldo: CEBI, 2014. p. 27.

<sup>14</sup> CORNAGLIA, 2010, p. 07.

<sup>15</sup> GROSSI; WERBA, 2001, p. 49.

sociedade, a cultura e tantos outros fatores que vão ensinar-lhe ser homem ou ser mulher.

Rosa ou azul? Balé ou futebol? Boneca, não! Carrinho, sim, bola, sim. São pequenos gestos e aparentemente pequenas escolhas que organizam a sociedade. Mas é também sobre uma política cotidiana que se atribuem os traços permanentes de gênero. Ao longo dos anos, as identidades das pequenas crianças conformam a distribuição de ambientes sociais sem o aparato da discussão das normatizações e da cultura, naturalizam-se os corpos a maneira como se deseja, inclui-se e exclui-se sobre uma “coerência de gênero e binária”.<sup>16</sup>

Essas construções de papéis diferenciados “homem” e “mulher” construídos historicamente são repassadas com naturalidade de geração em geração, colocando a mulher em posição inferior ao homem, contribuindo para a disseminação das violências contra as mulheres, fazendo com que mulheres sofram diariamente discriminações, diversas restrições, encontrem dificuldades para conquistar seus direitos. A hierarquia existente entre homens e mulheres, que gera tantas desigualdades e violências contra a mulher, não é natural, mas estabelecida a partir de construções sociais. Sobre este assunto, a Convenção sobre a Eliminação de todas as formas de Discriminação contra a mulher afirma:

De fato, pouco vale mudar as leis do país, se não se muda também o comportamento das cidadãs e cidadãos. Para isso, o governo deve fazer campanhas nas televisões e jornais, para educar as pessoas, ensinando que o preconceito deve ser deixado de lado, para que todos vivam de forma mais justa.<sup>17</sup>

Desde o nascimento, a identidade da pessoa começa a ser construída. Esta construção é influenciada por fatores como linguagens, expectativas, cultura, religiosidade, tradição. Aos poucos a criança vai aprendendo o que é ser mulher e o que é ser homem, influenciada por todo o contexto em que está inserida. Este processo é contínuo e tem durabilidade para a vida toda, muda de época para época e de lugar para lugar.

Homens e mulheres podem não diferenciar-se simplesmente no trabalho que executam e na quantidade de poder ou autoridade que são capazes de exercer. Na maioria das sociedades parece, ou pelo menos assim se aceita, que a personalidade básica, as habilidades e estilos cognitivos, a motivação,

---

<sup>16</sup> MUSSKOPF; BLASÍ, 2014, p. 124.

<sup>17</sup> LIBARDONI, Alice. **Direitos humanos das mulheres...** Em outras palavras: Subsídios para capacitação legal de mulheres e organizações. Brasília: Agende, 2002. p. 29.

a competência para tarefas específicas ou outros tipos de traços pessoais, difere, sistematicamente entre ambos os sexos.<sup>18</sup>

Assim sendo, se atribui o que é esperado de ambos os sexos diante da sociedade, família, escola, igreja e na vida em geral. Muitas vezes essas normas de gênero que são atribuídas no decorrer da vida da mulher é que a inferiorizam, minimizam o seu valor, a sua importância, a humilham e, por fim, acabam por justificar a violência contra a mulher. Assim, por exemplo, as mulheres aprendem a esperar dos homens a provisão, uma vez que foi-lhe sendo inculcado com o tempo que este papel de provedor é do homem, ao mesmo tempo em que se tem a ideia de mulher como alguém cuidadosa, submissa, sofredora.<sup>19</sup>

A mulher é ensinada e animada a se conformar com os papéis que lhe são impostos, por relações de poder historicamente e culturalmente definidos. Estes papéis pré-atribuídos, na maioria das vezes, são secundários aos dos homens.

Sabemos que, historicamente, o corpo feminino tem sido disciplinado e normatizado. A descrição-imposição de um ideal estético contemporâneo, por exemplo, particularmente para as mulheres, profusamente divulgado pela mídia, imprime certos modelos que, inserindo-se em suas subjetividades torna-as escravas de disciplinas e normas quanto a aparência, moda, conduta e conformação corporal desenvolvendo-se a percepção de carência, insatisfação e/ou desvalorização em relação aos seus próprios corpos.<sup>20</sup>

As violências contra as mulheres estão presente em todas as esferas da sociedade, na educação, na cultura, na vida social, nas religiões, nas crenças e mitos, nas mais diferentes classes sociais, grupos, entidades e núcleos, não importando classe, cor, credo, etc. Ela simplesmente está ali, em toda parte, até onde jamais se imaginaria que estivesse, inclusive dentro de igrejas, famílias e relacionamentos cristãos. Quando se fala das violências contra as mulheres é necessário refletir sobre as certezas, ou seja, o que foi ensinado com o passar do tempo: será que é mesmo verdade, correto?<sup>21</sup>

Vejamos algumas frases e afirmações cotidianas sobre as quais se deveria refletir e questionar se é mesmo assim: a família é um dos lugares mais seguros que existe; as mulheres devem ser submissas ao marido; as violências acontecem porque a mulher fez algo errado; as violências contra a mulher são consequência de um país-

---

<sup>18</sup> GROSSI; WERBA, 2001, p. 55-56.

<sup>19</sup> VILHENA, 2009, p. 48.

<sup>20</sup> GROSSI; WERBA, 2001, p. 88.

<sup>21</sup> CARROL; ANDRADE, 2010, p. 21.

sociedade-família pobre; quem agride faz isto porque tem problemas (bêbado – drogado - problemas emocionais); as pessoas mudam, se o homem prometeu que vai parar de agredir ele vai parar; na Igreja não acontecem essas coisas de violências contra as mulheres; deixe o parceiro que a violência cessará; quando o homem age com violência é porque não conseguiu controlar seus impulsos frente a alguma situação; briga de marido e mulher ninguém mete a colher; mulher é para ficar cuidando da casa e dos filhos; e tantas outras frases que se ouve no dia a dia.<sup>22</sup>

A postura de que homens são superiores às mulheres foi sendo ensinada na vida social e comunitária, na família, nas escolas, na igreja. “A violência contra a mulher é histórica. Ao longo do tempo, os homens constantemente se consideraram superiores às mulheres e, por essa razão, assumiram o controle sobre suas ‘propriedades’.”<sup>23</sup>

A sociedade e a própria família, muitas vezes, dão a entender que a mulher é a responsável pela união e bem-estar da família e, por isso, deve aguentar tudo calada, se sacrificar em nome da boa imagem da família, da amizade ou da própria comunidade/igreja.

Estereótipos que descrevem a mulher violada como sedutora e desejosa do estupro, o violador como ensandecido ou descontrolado frente aos seus impulsos sexuais e o estupro como uma ocorrência incomum contaminam o modo como a violação tem sido abordada, manejada e escrita na história dos homens e das mulheres.<sup>24</sup>

Mas não é porque sempre foi assim que deve continuar a ser. A partir de reflexões, conceitos e pré-conceitos, tabus podem ser revistos e novas posturas podem ser assumidas. É fundamental que se reflita sobre propostas, programas, políticas públicas, planos para a reversão desse quadro dos mais diferentes tipos de violências contra a mulher.

### **2.3 A violência contra as mulheres na sociedade**

A sociedade distingue e limita o que cabe a homens e o que cabe a mulheres, por exemplo: homens não choram, são fortes; mulheres, por sua vez, são sensíveis e fracas. Assim se separam trabalhos para homens e trabalhos para mulheres. Quantas

---

<sup>22</sup> CARROL; ANDRADE, 2010, p. 22-27.

<sup>23</sup> CARROL; ANDRADE, 2010, p. 23.

<sup>24</sup> GROSSI; WERBA, 2001, p. 87.

vezes se escuta: “Isto não é trabalho de mulher”; atitudes esperadas de homens e atitudes esperadas de mulheres e assim seguem as inúmeras rotulações ao que é de homens e o que cabe às mulheres. O homem é considerado aquele que tem os melhores empregos, os mais importantes, ele que detém a força, o poder e a autoridade. As mulheres ainda enfrentam uma cultura que lhes nega igualdades de direitos, legitimando a violência.

De certa forma, assim como as mulheres, os homens também têm seus papéis impostos pela sociedade desde o seu nascimento. Não é bem visto, por exemplo, aquele homem que trabalha em casa, que se responsabiliza por funções domésticas ou se dedica aos cuidados dos filhos e das filhas, tanto que a própria constituição brasileira concede licença maternidade de quatro ou seis meses para a mãe, mas apenas três dias de licença paternidade para o pai. Essas diferenciações de atribuições estão enrustidas nos mais diferentes setores da sociedade.

Mídia e meios de comunicação afirmam os estereótipos existentes entre homens e mulheres. É comum ver em novelas, por exemplo, mulheres como donas de casa, cuidando dos filhos e filhas, sendo abusadas e maltratadas física, psicológica e emocionalmente. Por outro lado, os homens são os detentores da força, do poder, eles que têm os empregos considerados melhores, como administradores, empresários, advogados, etc. A mulher negra, normalmente, aparece como a empregada, não casada, que passa por dificuldades, incapaz de “ser alguém na vida”, que está ali, servindo, e no mais, passa quase despercebida.

As violências contra as mulheres não são problema de uma única classe social, mas alcançam todas as classes.

[...] a chamada violência doméstica não é privilégio das classes populares, como a ideologia dominante quer fazer crer. Ao contrário, certos tipos específicos de violência que ocorrem na família, no ‘lar, doce lar’, ocorrem com uma incidência maior nas camadas sociais médias e altas, como por exemplo os casos de abusos sexuais contra crianças.<sup>25</sup>

Quando as mulheres agem de forma diferente a estes estereótipos que lhes são infligidos, os homens normalmente respondem com agressões e violências, buscando intimidá-las. Policiais, ao receberem denúncias de mulheres violentadas ou

---

<sup>25</sup> SILVA, Marlise Vinagre. **Violência contra a mulher**: Quem mete a colher? São Paulo: Cortez, 1992. p. 67.

testemunhas das violências, muitas vezes, acabam afirmando os estereótipos existentes que definem homens e mulheres, e desta forma, minimizam as violências.

Sobre a intervenção de terceiros nos casos de violências, percebe-se que ainda se leva a sério o ditado popular: “Em briga de marido e mulher, ninguém mete a colher”. As pessoas não querem se envolver, na maioria das vezes não denunciam, não se dão conta que calando estão se omitindo e contribuindo para que a violência continue a acontecer.

Muitos homens que agredem mulheres usam dos mais diferentes argumentos para justificar seus atos. Em relação a esse assunto, os autores Aileen e Andrade afirmam:

A violência é usada por três motivos: primeiro, porque o autor da violência aprendeu a usá-la (por exemplo, observando os pais na infância); segundo, porque ele tem a oportunidade de usá-la, devido ao desequilíbrio de poder e à falta de proteção a mulher; e terceiro porque ele escolheu usar a violência para alcançar seus objetivos.<sup>26</sup>

Em caso de casais, as violências são consideradas conflito entre o casal, que eles devem resolver entre si e com o tempo tudo se ajusta. Por este motivo, esta violência que ocorre dentro de casa, muitas vezes não é reconhecida, identificada e é minimizada, e quando a violência não é identificada e reconhecida, também não é denunciada.

Precisa-se aprender a ler e reler conceitos e perguntar: de onde surgiram, para quem foram falados/escritos, ainda tem sentido de ser nos dias atuais?

[...] se os homens entrarem nas suas casas e empurrarem carinhos de bebês, darem de comer aos seus filhos e filhas e começarem a se lembrar, espontaneamente, de levar o lixo para fora, de lavar, estender e recolher a roupa do varal e a sociedade o tolerar, tanto legal quanto socialmente, como no caso das mulheres, se os homens conseguirem isso, desenvolverão uma solidariedade ampliada, que atravessará as suas experiências no cotidiano e o mundo será mais bonito.<sup>27</sup>

Estudos baseados em informações decorrentes de 90 sociedades em todo o mundo descrevem quatro fatores que fazem com que as violências contra as mulheres continuem a prevalecer, legitimando-a, são eles: desigualdade econômica; o uso da

---

<sup>26</sup> CARROL; ANDRADE, 2010, p. 24.

<sup>27</sup> EGGERT, Edla. **Narrar processos**: tramas da violência doméstica e possibilidades para a educação. Florianópolis/SC: Ed Mulheres, 2009. p. 45.

violência física para resolver conflitos; autoridade masculina; forma de controlar a mulher.<sup>28</sup>

Apesar de haver muitas iniciativas e progresso considerável no diálogo, nas propostas, nas leis de combate às violências contra a mulher, as violências ainda persistem. As violências contra as mulheres são uma realidade presente e um problema grave, prejudicando a vida de muitas mulheres e de suas famílias, trazendo-lhes medo, dor, insegurança, sofrimentos indizíveis. Isto porque o machismo, as desigualdades, a discriminação, o recurso às violências para resolver conflitos, normas e conceitos que se tornaram tabus, ainda estão presentes em nossa sociedade. As políticas públicas ainda não alcançaram a visibilidade necessária e a conscientização; talvez essa não tenha sido a prioridade das políticas públicas, ou faltem os recursos necessários, talvez as leis, programas e propostas não tenham sido aplicadas de forma coerente, estas são questões a serem analisadas e repensadas.

#### **2.4 As violências contra as mulheres nas comunidades cristãs**

As religiões, bem como, lideranças religiosas, ocupam um papel importantíssimo na vida das pessoas, oferecendo um sentido à vida, seja acompanhando, orientando, através dos discursos pastorais, firmando valores éticos e morais, refletindo sobre conteúdos existenciais do ser humano. As religiões têm influenciado a vida de pessoas e da sociedade como um todo desde o seu início, seja contribuindo para a formação de conduta de indivíduos, seja influenciando e legitimando formas de ser, de pensar e de agir pessoais ou coletivas. As religiões recebem destaque também no que diz respeito à vida de mulheres em situações de violências. Líderes, ministros e ministras são, muitas vezes, procurados e procuradas por mulheres que sofrem com as violências: “[...] embora não apresentem serviços de atenção específicos, constituem um ponto de referência para muitas mulheres violentadas, seja através dos discursos ou de suas práticas”.<sup>29</sup>

Em se tratando das violências contra a mulher, as religiões podem aprofundar conhecimentos refletindo sobre temas oportunos e problemáticos do cotidiano das

---

<sup>28</sup> CUNHA, Tânia Rocha Andrade. **O preço do silêncio**. Mulheres ricas também sofrem violência. Vitória da Conquista/BA: Edições Uesb, 2007. p. 39-40.

<sup>29</sup> MENEGHEL, 2007, p. 43.

peessoas; fazer valer os direitos humanos, conseqüentemente, os direitos das mulheres; pregar o amor e o respeito, vincular-se a discursos e práticas sociais que buscam o enfrentamento da violência contra a mulher.

Por exemplo, nas zonas rurais do Peru, organizações religiosas de base começaram a incorporar o tema na catequese familiar. Encontraram-se também alguns padres e pastores na Costa Rica e Nicarágua dispostos a apoiar as mulheres maltratadas e até a coordenar ações com outras instituições da comunidade.<sup>30</sup>

Mas as religiões podem também contribuir para relações desiguais entre homens e mulheres, relações de submissão da mulher ao marido, machismo, influenciar na divisão de papéis que mulheres e homens desempenham na sociedade, bem como afirmar estereótipos de inferioridade da mulher, sancionando normas culturais e sociais, legitimando a subserviência da mulher e naturalizando contra as mulheres, dificultando a resistência e a denúncia frente a casos de violências contra a mulher.

Relacionamentos cristãos não estão imunes às violências, também nas igrejas ou em famílias cristãs as violências estão presentes. São inúmeros os depoimentos de mulheres de famílias cristãs denunciando que foram violentadas na família ou no próprio ambiente religioso do qual fazem parte. As religiões são resistentes a mudanças, e por continuarem seguindo doutrinas antigas legitimam as violências contra as mulheres.

As atitudes culturais masculinas ditas 'de macho', como a agressividade, a insensibilidade, os adultérios, por exemplo, levam as mulheres a buscarem nas igrejas evangélicas respostas, alívio e soluções para seus dilemas, medos e frustrações. Mas em contrapartida, 'quase sempre', as mulheres encontram nestas instituições religiosas valores tradicionais e conservadores sobre a família, o sexo e os papéis de gênero definidos – o que traz uma explicação 'parcial' e uma pseudocomodidade para sua condição existencial.<sup>31</sup>

Infelizmente, a religião tem legitimado os estereótipos feminino e masculino, contribuindo também nas justificativas do agressor frente às violências e no silêncio de inúmeras mulheres que sofrem na pele e na alma a dor das violências. Alguns textos bíblicos relatam casos de violências contra a mulher, naturalizando essas violências, outros textos bíblicos foram sendo usados ao longo dos anos para justificar as violências contra as mulheres. Interpretações errôneas de textos bíblicos reafirmam

---

<sup>30</sup> MENEGHEL, 2007, p. 43.

<sup>31</sup> VILHENA, 2009, p. 89.

a inferioridade da mulher e sua submissão ao homem, e assim, mulheres que enfrentam situações de violências, encontram respostas culpabilizadoras nas religiões e em seus/suas líderes, ministros e ministras.

A figura bíblica de Maria, a mãe de Jesus, normalmente é usada como um exemplo de mulher, um modelo positivo para as mulheres se espelharem, um ideal do qual as mulheres devem, no mínimo, se aproximar. Todas as mulheres deveriam ser como Maria: virgem, boa mãe, boa esposa, obediente. Com a autoridade que lhes é atribuída, clérigos difundem até hoje esta ideia em suas mensagens, pregações, aconselhamentos, etc.

A figura de Maria, do cristianismo, traz a valorização da mulher, mas não da mulher-fêmea, sem *invólucros de santidade*. A figura de Maria vem emoldurar o arquétipo da mulher, que sobretudo a sociedade ocidental de tradição cultural judaico cristã valoriza: a mulher que se funda nos atributos da virgindade, da santidade e da maternidade. Esse arquétipo reafirma as dicotomias que dividem as mulheres em puras e impuras, honestas e desonestas, santas e putas.<sup>32</sup>

A partir do exemplo de Maria percebe-se como a Igreja interfere e influencia na vida em sociedade, muitas vezes, usando textos e personagens bíblicos para embasar seus discursos, moldando os papéis das mulheres e submetendo-as a funções que lhes cabem na sociedade, deixando claro quais são as expectativas existentes em relação às mulheres. Dessa forma, o discurso das comunidades cristãs perpetua modelos e padrões estereotipados, legitimando a desigualdade de gênero e as violências contra as mulheres.

Essas imagens, a partir de textos e personagens bíblicos, são reproduzidas e ensinadas continuamente. As próprias mulheres acabam incorporando, mesmo que inconscientemente, estas imagens que lhes são passadas e inculcadas diariamente. Refletindo sobre essa relação que as religiões fazem entre Maria e as mulheres, a autora Valéria Vilhena afirma:

A exploração dos aspectos do cuidado, proteção, serviço recairão da devotada Maria para todas as mães humanas a ponto de poderem até sentir-se culpadas se dedicarem tempo exclusivo para seu próprio cuidado. É uma maternidade idealizada e tornada padrão social e fortalecida pela tradição cristã católica e absorvida também pelos evangélicos. Das mães serão cobradas a partir de tal padrão, e o mesmo não será exigido da paternidade. Não se dita divisão igualitária de responsabilidade e cuidado sobre a prole.<sup>33</sup>

---

<sup>32</sup> SILVA, 1992, p. 72.

<sup>33</sup> VILHENA, 2009, p. 73.

Pode-se perceber visivelmente, no dia a dia, esta questão do extremo cuidado que recai sobre as mulheres no que diz respeito à prole. Mulheres se sacrificam, sofrem, se submetem a todo tipo de violência a fim de manter o matrimônio e o cuidado com os filhos e as filhas, esquecem-se de si mesmas, justamente por se sentirem mais responsáveis pela instituição família do que os homens.<sup>34</sup> Percebe-se que está reservado à mulher o ser mãe, ser esposa, a responsabilidade pelas boas relações e bom funcionamento do lar, bem como recai sobre a mulher a culpabilidade pelos problemas e fracassos no lar. Já ao homem está reservado a educação moral e o sustento financeiro do lar.

Em contraposição à figura de Maria, virgem, progenitora, cuidadora, boa e devotada, as religiões trazem a figura de Eva, pecadora e impura, associando as mulheres ao mal, à desordem. A figura de Eva tem muito peso no discurso teológico e moral. A partir de Eva, a mulher é identificada com o pecado original, com a sedutora, a tentadora, a pecadora, aquela que abandonou a lei divina e deu ouvidos ao diabo e abriu a porta para a sua entrada no mundo.

Entretanto outra representação religiosa de gênero oposta da pura imaculada Maria é a imagem de Eva, a mulher que se deixou seduzir por uma serpente. Eva, no entanto, é a figura que primeiramente se remete às mulheres e a virgem Maria é invocada às mulheres mães. A tentadora, condenada não diretamente pela queda, mas responsável por conduzir e induzir o pecado ao paraíso sendo excluída e, por sua culpa, toda a humanidade também perdeu o privilégio de também viver no paraíso. A sentença condenatória de Javé sobre Eva foi a multiplicação de sua dor ao conceber e 'O teu desejo será para o teu marido e ele dominará sobre ti' (cf. Gn 3.16.20). Essa sentença ainda hoje tem o mesmo valor para as mulheres, e Maria, na tradição cristã, é a contraposição da imagem de Eva pecadora [...]<sup>35</sup>

O que acontece é que não se reflete, ou se reflete pouco, sobre estas questões, mas se naturaliza e até mesmo se sacraliza essas informações. "A construção do pensamento cristão no que tange às mulheres passa a ser sacralizado para não ser mais questionado e discutido. Se é sagrado, é natural e foi Deus quem quis assim; logo, não se discute, não se indaga, não se questiona."<sup>36</sup> Durante séculos a mulher tem sido vista como inferior ao homem, como a auxiliar, a culpada, tem seu valor diminuído, sendo a responsável pela introdução do mal no mundo, hospedeira do pecado, objeto da fraqueza humana. A história bíblica de Eva, a primeira mulher, tem sido usada para justificar essas características.

---

<sup>34</sup> VILHENA, 2009, p. 74.

<sup>35</sup> VILHENA, 2009, p. 74.

<sup>36</sup> VILHENA, 2009, p. 80.

A força teológica dos sermões e dos conselhos pastorais sobre o papel da mulher na família, sobre o seu não direito ao seu próprio corpo, a culpa de Eva transferida a todas as mulheres, pois por Eva o pecado entrou no mundo e assim tudo passou a ficar perdido, a doutrina da 'endemonização', o cuidado da casa e dos filhos, a manutenção da harmonia do lar, a paciência, o sacrifício, a abnegação e a tolerância como atributos femininos pesam sobre as mulheres no decorrer de séculos de história.<sup>37</sup>

Religiosos embasam seus discursos em textos bíblicos para minimizar a mulher e valorizar o homem concedendo-lhe poder sobre a mulher, sujeito vulnerável, secundário e inferior ao homem. Chegou-se à conclusão que como detentora do mal e do pecado a mulher precisava ser vigiada e seus atos e ações controlados, justificando, assim, a subordinação da mulher, "sexo frágil" ao homem "sexo forte".

Eis uma grande questão, que surge do meio religioso. Mulheres, frente às violências domésticas, ao pensarem em reagir e se separar, são confrontadas com o famoso "Até que a morte os separe", ou seja, casamento é para sempre.

A vontade de Deus para o casamento é o amor pleno, mas quando há violências este amor não existe e a vontade de Deus não está se cumprindo. Quem pratica violências quebra os votos de amar, respeitar e cuidar o outro para todo o sempre. Quem separa o que Deus uniu neste caso é o parceiro, e não a mulher que está apenas vivendo este rompimento de votos do marido ou que vai lá e registra este rompimento.

A forma como a igreja ou comunidade religiosa tratam as questões relativas ao conceito de submissão e perdão e os papéis do homem e da mulher nas relações de gênero, em geral, favorecem a interiorização por parte da mulher de que a violência é aceitável no casamento.<sup>38</sup>

Algumas mulheres acabam silenciando, quando confrontadas com a afirmação de que se entregarem as preocupações a Deus, Ele ajudará. A tese aqui é: ore mais e Deus te ajudará. Tais palavras bíblicas não convidam a parar de agir. Sim, a Bíblia convida a apresentar a Deus temores e preocupações (Filipenses 4. 6), mas ao ler a continuação deste texto e demais textos bíblicos chega-se à conclusão que, além de orar, é preciso agir. Orar é importante, mas oração e ação precisam caminhar juntas.

Há testemunhos bíblicos de homens e mulheres que precisaram agir, além de orar, para dar continuidade a suas vidas e chegarem a algum lugar ou objetivo. O próprio Jesus fugiu da multidão que pretendia apedrejá-lo (João 7. 30), ou seja, orou,

---

<sup>37</sup> VILHENA, 2009, p. 120.

<sup>38</sup> CARROL; ANDRADE, 2010, p. 38.

mas também agiu. Moisés fugiu dos exércitos do Faraó (Êxodo 14). Ao olhar a Bíblia em geral, se perceberá que são inúmeras as situações do povo de Deus que mesclam fé e ação.

Em igrejas, se remete o assunto à questão meramente espiritual, afirmando-se que é o diabo e seus demônios que estão agindo no ou através do agressor. Neste sentido, é preciso compreender que as violências são uma escolha. O mal ou o diabo e seus demônios não podem agir em uma pessoa se ela não der espaço para isso. O que acontece é que é mais fácil colocar a culpa em Deus ou no Diabo, ao invés de assumir suas atitudes e consequências. Lembrando que o ato de assumir o comportamento agressivo, violento, é ponto chave do rompimento do ciclo de violência.

Outra questão que mulheres em situações de violências enfrentam nas comunidades cristãs é a questão do perdão. Normalmente, nas comunidades cristãs incentiva-se o perdão ao agressor. O que a princípio não é ruim, mas os métodos usados para se chegar ao perdão às vezes são problemáticos e nem mesmo são usados, simplesmente exige-se o perdão, “perdoe e esqueça”. A pergunta é: como esquecer tudo o que o agressor fez? O perdão é um importante fator para a cura e a resiliência, mas ele normalmente acontece com o tempo, após ou junto a um processo de superação. O perdão também não pode estar ligado ao esquecimento nem confundido com ele. Esquecer, muitas vezes, é impossível, principalmente quando as marcas permanecem. E é bom, que quem praticou as violências, assuma as consequências desta, como diz no livro de Provérbios 19.19-20: “Homem de grande ira tem de sofrer o dano; porque se tu o livrares, virás ainda a fazê-lo de novo. Ouve o conselho e recebe a instrução, para que sejas sábio nos teus dias por vir”.

É importante não confundir o perdão com a confiança, perdoar não significa que se confia novamente na pessoa, a confiança pode demorar a se reestabelecer, atitudes positivas e o tempo podem auxiliar neste processo, mas muitas vezes, essa confiança se perdeu de tal forma, que não se torna mais possível reconquistá-la. “A igreja precisa compreender que os cristãos não são imunes ao pecado das violências e que tal realidade precisa ser tratada para garantir a proteção das pessoas que sofrem e o arrependimento do agressor.”<sup>39</sup> Uma das formas de a igreja ou grupos da igreja contribuírem nessa luta é educando seus membros sobre relacionamentos

---

<sup>39</sup> CARROL; ANDRADE, 2010, p. 117.

violentos, sintomas, características, ensinar a diagnosticá-los.<sup>40</sup> É possível contribuir em um processo de educação e reeducação através de palestras, seminários, material escrito (panfletos/cartilhas), por mensagens e pregações em cultos, grupos, etc.

Podem-se criar grupos de apoio para mulheres em situações de violências nas dependências da comunidade; ser parceiros de ONGS ou outras instituições que trabalham neste sentido, enviando recursos para auxiliar neste trabalho.<sup>41</sup> Aconselhamento a noivos ou casais é uma ótima oportunidade para falar sobre o assunto, “sondar” como está o relacionamento, e prevenir através dos conselhos para que a violência não venha a acontecer.

São muitas as perdas que podem surgir a partir de relacionamentos violentos, como da família, dos filhos e filhas, da estabilidade financeira, da casa, de bens, da dignidade, da autoestima, da alegria, do contato com outras pessoas, com o mundo, da identidade, do sentimento de pertença. A experiência de perda sentida por uma mulher que sofreu violências pode ser, muitas vezes, parecida com a de quem perdeu alguém que muito amava, para a morte.

Quando a mulher que sofreu com a violência estiver fora de perigo imediato, ela poderá ser acompanhada no processo de luto. O Luto é uma fase necessária para que a mulher assimile e reinterprete as perdas vivenciadas durante o relacionamento passado.<sup>42</sup>

Por um lado, avanços podem ser observados nessa área das religiões. Nos seminários e faculdades teológicas cresce o número de mulheres estudando para serem ministras religiosas em comunidades. Têm acontecido mais ordenações de mulheres nas instituições religiosas. Instituições religiosas tem se envolvido na luta pelo enfrentamento às violências contra as mulheres, mas, por outro lado, tantas vezes os direitos das mulheres ainda continuam sendo suprimidos e/ou negligenciados. Muito ainda precisa ser feito para que os direitos das mulheres sejam reconhecidos, para que mulheres não sejam mais violentadas, mas tenham vida digna e em abundância.

---

<sup>40</sup> CARROL; ANDRADE, 2010, p. 117.

<sup>41</sup> CARROL; ANDRADE, 2010, p. 116.

<sup>42</sup> CARROL; ANDRADE, 2010, p. 55.

## 2.5 Textos bíblicos que são usados para justificar a violência

Há textos mal interpretados como, por exemplo, o texto da criação dos primeiros seres humanos, Adão e Eva. Sendo Eva criada da costela de Adão, tem sua origem divina negada, remetendo ao rótulo de imperfeita e inferior ao homem. Genesis 1.27: “Criou-os a sua imagem e semelhança, homem e mulher os criou”. Deus diz que criou homem e mulher à sua imagem e semelhança, e não só o homem. Homem e mulher foram criados à imagem e semelhança de Deus, diferentes em forma, características, mas iguais em valores, direitos e deveres. “Mulher e homem como pessoas foram feitos para viver em relação recíproca, abertos um para o outro na sua comum igualdade perante Deus, chamados a uma vida de comunhão e solidariedade.”<sup>43</sup>

Homens e Mulheres são iguais diante de Deus em importância e em pessoalidade. Tanto homens como mulheres foram criados à imagem de Deus, com suas diferenças, refletindo juntos a beleza do caráter de Deus. O que deve eliminar qualquer sentimento de orgulho e inferioridade.<sup>44</sup> Em se tratando do termo “ajudadora idônea” (Gênesis. 2.20), Maria Bingemer afirma que o termo “ajudadora idônea” não significa no texto hebraico atividade subordinada, mas uma relação de reciprocidade.<sup>45</sup>

Outro texto muito difundido e interpretado erroneamente, na maioria das vezes em que é citado, é o texto de Efésios 5.22: “As mulheres sejam submissas aos próprios maridos como ao Senhor”. A Bíblia afirma que as mulheres precisam ser submissas aos seus maridos. Engana-se quem pensa que submissão significa sofrer calada, esta é uma forma totalmente errada de interpretar o termo “submissão”. O apóstolo Paulo deixa claro que as pessoas, homens e mulheres, devem viver de forma harmoniosa, em comunhão, sujeitando-se um ao outro (Efésios 5.21). Estar sujeito remete a uma preocupação com a outra pessoa em todos os sentidos (Filipenses 2.4). Quando Paulo fala que a mulher deve submeter-se a seu marido, fala também que o marido deve amar a sua esposa, assim como Cristo amou a Igreja (submeteu-se a

---

<sup>43</sup> BINGEMER, Maria Clara Luchetti (Org.). **O Lugar da mulher**. São Paulo: Edições Loyola, 1990. p. 31.

<sup>44</sup> JOVENS da Betel.com. **O ser humano como homem e mulher**. Disponível em: <<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/educacao/referencias-bibliograficas-tiradas-na-internet-como-colocar-no-trabalho/48764>>. Acesso em 04 jun. 2017.

<sup>45</sup> BINGEMER, 1990, p. 15-16.

ela), a ponto de dar a sua vida por ela. Ou seja, submissão no sentido bíblico não significa dominação ou violências, mas sim, mostra uma forma de viver em amor.<sup>46</sup>

Mateus 5.31-32 e 1 Coríntios 7.10-17 são textos bíblicos que normalmente são usados contra a prática do divórcio, mas o texto abre duas exceções, o adultério e o abandono.<sup>47</sup> Também é necessário lembrar do contexto em que os textos bíblicos foram escritos. Na cultura Judaica apenas os homens tinham direito ao divórcio. Os homens podiam repudiar suas mulheres por coisas pequenas e insignificantes, as mulheres que foram rejeitadas ficavam completamente abandonadas, pois as mulheres que tinham algum valor eram as casadas e que preferencialmente tinham gerados filhos homens. Quando Deus fala sobre repúdio, pode-se deduzir que está falando a favor do bem-estar da mulher, contra a ação dos homens, de abandonar suas esposas, ação esta, que era normal na época.<sup>48</sup> Em Malaquias 2.13-16, Deus condena o divórcio de homens que querem simplesmente se divorciar de sua mulher para ficar com outra, e não o divórcio de mulheres que querem quebrar o círculo da violência no casamento; o próprio Deus condena as violências e a infidelidade.<sup>49</sup>

Se, por um lado, textos são interpretados erroneamente, outros textos, por si só, trazem um diálogo de igualdade entre as pessoas: “Assim, não pode haver judeu nem grego, nem escravo nem liberto, nem homem nem mulher, porque todos vós sois um em Cristo Jesus”, Gálatas 3.28. Também se pode citar: “Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus”, Mateus 5.9. Conforme estes últimos textos, a Bíblia afirma que a vida do homem e da mulher é pautada pela igualdade, pelo respeito mútuo, pelo amor, conseqüentemente, pela convivência sem violência.

É importante a conscientização de que a Bíblia foi escrita em uma época específica, em determinada cultura, que deve ser levada em conta quando da leitura de seus textos.

A Bíblia, com toda a sua autoridade indiscutível, presta serviço à sociedade destacando o valor da vida e dignidade de toda criatura. Em questões morais, Lutero é claro ao afirmar que os preceitos morais contidos nas escrituras são passíveis de análise contextual, ou seja, foram dados ao povo em um contexto específico.<sup>50</sup>

---

<sup>46</sup> CARROL; ANDRADE, 2010, p. 54.

<sup>47</sup> CARROL; ANDRADE, 2010, p. 87-88.

<sup>48</sup> CARROL; ANDRADE, 2010, p. 89.

<sup>49</sup> CARROL; ANDRADE, 2010, p. 90.

<sup>50</sup> MUSSKOPF; BLASÍ, 2014, p. 99.

Uma interpretação correta das Sagradas Escrituras jamais justificará as violências contra as mulheres, isto porque a Bíblia incentiva a construção de relações baseadas no amor, na igualdade, no respeito mútuo. Inclusive, a Bíblia incentiva a não se ignorar situações de violências, contribuindo para a invisibilidade destas, mas convida as pessoas a se colocar ao lado dos e das que sofrem, buscando vida plena, vida digna e em abundância.

É preciso refletir e discutir o tema nas comunidades cristãs, pensando e promovendo ações e atitudes que visem o empoderamento das mulheres e o enfrentamento às violências.

## 2.6 Identificando as violências contra as mulheres

Quando se fala de violências contra a mulher logo são lembrados aspectos físicos ou o estupro, mas antes destes precedem muitos atos violentos, atos pequenos, que vão se somando e aumentando em grau e força com o passar dos dias. “A violência contra mulheres é uma das formas, de infração aos direitos humanos mais praticadas e menos reconhecidas no mundo.”<sup>51</sup>

Violência não trata apenas de comportamentos praticados, mas também da ausência destes: ausência de amor, de carinho, de respeito. “A violência é sempre um abuso, uma brutalidade, ofensa, destruição e crueldade.”<sup>52</sup> Pode ser visível, nas ruas (assaltos, brigas, tiroteios), mas muitas vezes é invisível à sociedade, principalmente quando está dentro de casa; muitas vezes vem enrustida e disfarçada naqueles que se acham os detentores do poder, pode vir disfarçada de tradição, moralidade, ou até mesmo de religiosidade.

Entende-se por violência, tudo aquilo que fere, destrói ou agride pessoas – ações que não preservam a vida e/ou prejudicam o bem-estar tanto individual como social. Essas podem ser tanto físicas como psicológicas; e ocorrem tanto em nível macro – as violências estruturais da sociedade. Quanto em nível micro – as violências interpessoais.<sup>53</sup>

A violência não física é tão problemática quanto a física ou até pior em determinados casos. As marcas da violência física, na maioria das vezes, desaparecem, mas as marcas emocionais e psicológicas permanecem por muito mais

---

<sup>51</sup> CUNHA, 2007, p. 37.

<sup>52</sup> MENEGHEL, 2007, p. 132.

<sup>53</sup> MENEGHEL, 2007, p. 71.

tempo, inclusive, pela vida toda, se a mulher não for tratada e acompanhada, para que tenha suas feridas curadas.

Pratica-se violências sempre que se há relações desiguais entre as pessoas; quando o poder é exercido por uma pessoa ou um grupo sobre alguém; quando alguém tem seus direitos negados; quando se grita, se é autoritário, se obriga, se quer que tudo seja “do nosso jeito”, se age com raiva, explodindo em determinadas situações.

A convenção Interamericana para prevenir, punir e erradicar a violência contra a mulher (Convenção de Belém do Pará), definiu violência contra a mulher como:

Para os efeitos desta convenção, entender-se-á por violência contra a mulher qualquer ato ou conduta baseada no gênero, que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, tanto na esfera pública como na esfera privada.<sup>54</sup>

Refere-se às violências contra a mulher apenas por ser mulher. Surge do preconceito de que homens são superiores e mulheres inferiores, agindo assim, comete-se discriminação, que leva à violência. Entende-se que pode ser praticada nos mais diferentes lugares:

- a) Ocorrida no âmbito da família ou unidade doméstica ou em qualquer relação interpessoal, quer o agressor compartilhe, tenha compartilhado ou não a sua residência, incluindo-se, entre outras formas, o estupro, maus tratos e abuso sexual;
- b) Ocorrida na comunidade e cometida por qualquer pessoa, incluindo, entre outras formas, o estupro, abuso sexual, tortura, tráfico de mulheres, prostituição forçada, sequestro e assédio sexual no local de trabalho, bem como em instituições educacionais, serviços de saúde ou qualquer outro local; e;
- c) perpetrada ou tolerada pelo estado ou seus agentes, onde quer que ocorra.<sup>55</sup>

Muito se fala sobre violência física contra as mulheres, mas os casos de violências vão muito além das marcas físicas. As violências contra as mulheres podem se manifestar de formas variadas, e assim como os casos de violência física, também os demais casos, precisam ser denunciados.

---

<sup>54</sup> LIBARDONI, 2002, p. 86.

<sup>55</sup> LIBARDONI, 2002, p. 90.

**Física:** qualquer conduta que ofenda a saúde e integridade física, corporal, da mulher, dano causado por força física ou algum tipo de arma. Por exemplo: socos, puxões de cabelo, surras, tapas, chutes, espancamento, etc.

**Psicológica:** qualquer conduta que cause danos emocionais, psicológicos, baixa autoestima, ameaças, constrangimentos, humilhações, manipulação, isolamento, insulto, vigilância, perseguição, chantagem, ofensas, gritos, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir. Quando o agressor ameaça a vítima fazendo-a silenciar, ao invés de denunciar, a omissão de ajuda e o preconceito, são alguns exemplos desse tipo de violência.

**Sexual:** conduta que lhe obrigue manter, presenciar ou participar de relação sexual não desejada, contra a sua vontade ou permissão, mediante ameaças, intimidação, manipulação, uso de forças, suborno, coação, chantagem. Insinuações constrangedoras também são consideradas violência. Pode ser praticada por estranhos, ou até mesmo por pessoas bem próximas, como da família ou do círculo de amizades.

**Patrimonial:** violência que afeta a saúde emocional e a sobrevivência dos membros da família, quando a mulher é impedida de trabalhar, por exemplo. Qualquer conduta que configure retenção, destruição, subtração de seus objetos pessoais ou instrumentos de trabalho.

**Moral:** qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria.

**Doméstica:** violência que é praticada dentro de casa, ou entre pessoas que convivem cotidianamente.

**Institucional:** violência exercida em âmbito público, instituições sociais, religiosas ou privadas. Poderíamos citar a falta de acesso ou qualidade dos serviços públicos referentes a violência contra as mulheres.

A Lei Maria da Penha é um importante instrumento na prevenção, punição, erradicação enfrentamento e luta contra as violências.

A Lei Maria da Penha, entre as muitas alterações produzidas, define violência doméstica e familiar contra a mulher, amplia o seu âmbito de ocorrência, altera regras de competência, eleva a pena máxima do crime de lesão corporal leve, prevê alterações no procedimento extrajudicial e judicial, além de criar medidas de proteção à mulher<sup>56</sup>.

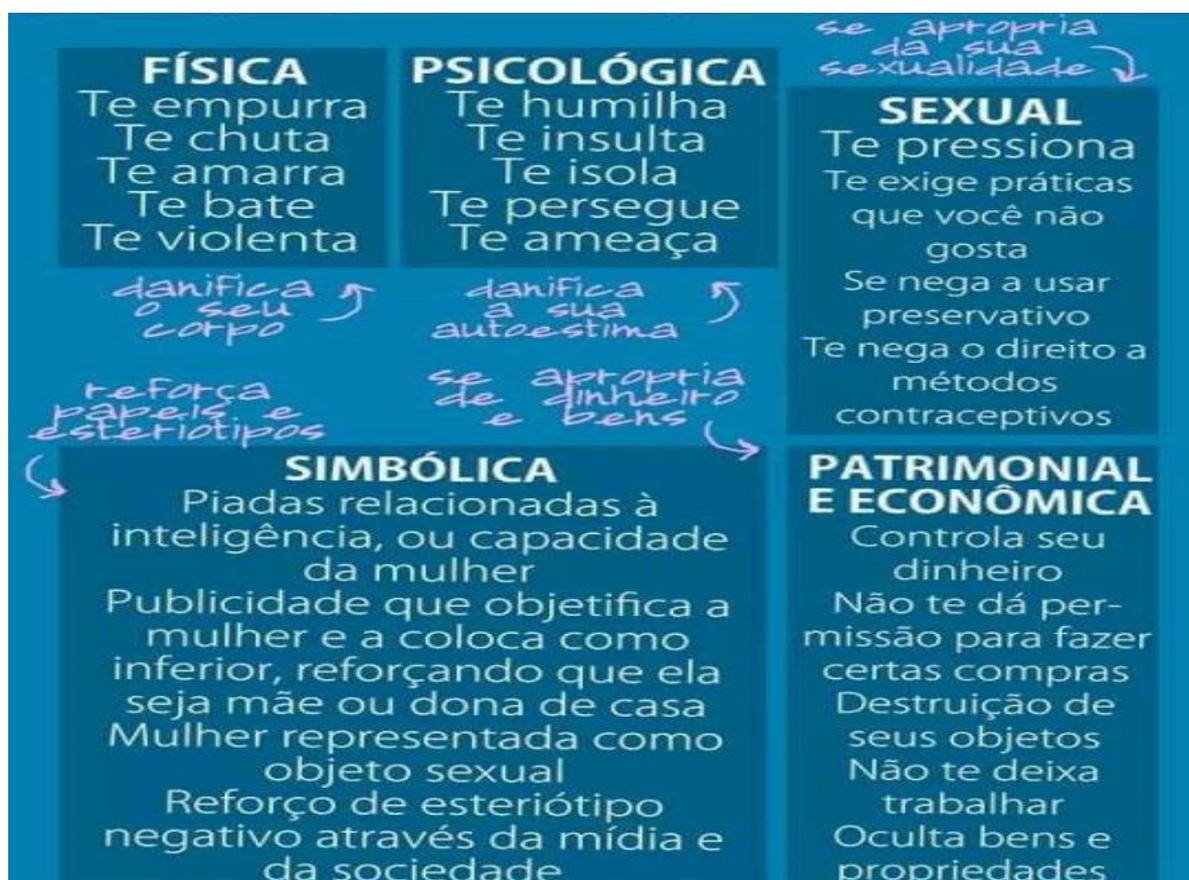
---

<sup>56</sup> MENEGHEL, 2007, p. 137.

A Lei Maria da Penha define cinco tipos de violências contra as mulheres, conforme a Figura 2:

**Figura 2 – Os tipos de violência contra as mulheres**

SUPERLA, 2010<sup>57</sup>



A partir de entrevistas, Stela Meneghel conclui: “Embora a violência física seja a mais conhecida e a que socialmente se considera a mais perigosa, a agressão psicológica foi sentida por muitas entrevistadas como a mais dolorosa, danosa e demolidora.”<sup>58</sup> Referindo-se a violência patrimonial, a autora afirma: “Com esse tipo de violência, os agressores estendem o braço de controle até onde outras formas de violência não chegam. Essa é uma forma de assegurar a permanência das mulheres em um espaço e sob as condições impostas por eles.”<sup>59</sup> Sobre a violência sexual, acrescenta: “A violência sexual é particularmente humilhante.”<sup>60</sup>

<sup>57</sup> SUPERELA. **Violência contra a mulher**: Conheça os tipos e saiba denunciar. Disponível em: <<http://superela.com/2015/11/10/violencia-contra-a-mulher-conheca-os-tipos-e-saiba-como-denunciar/>>. Acesso em 28 jun. 2017.

<sup>58</sup> MENEGHEL, 2007, p. 32.

<sup>59</sup> MENEGHEL, 2007, p. 33.

<sup>60</sup> MENEGHEL, 2007, p. 32.

A violência, segue um padrão de agressão. “A agressão é infligida em um ciclo repetitivo, composto de três fases: a criação da tensão, o ato de violência e uma fase amorosa, tranquila.”<sup>61</sup>

A primeira fase do ciclo caracteriza-se pelo acúmulo de tensão, briga e disputas criam um clima de desconfiança nas interações entre homem e mulher.<sup>62</sup> Nesse período podem ocorrer discussões, xingamentos, críticas, reclamações, acusações, agressões verbais e emocionais, psicológicas, agressões de menor grau. Essa primeira fase acaba com uma explosão violenta chegando à segunda fase.

A segunda fase do ciclo se dá quando o episódio de violência atinge o seu auge, no momento mais intenso. Nessa fase, muitas vezes, a mulher procura ajuda.<sup>63</sup> Pode-se dizer que nesta segunda fase acontece o episódio de violência em si, caracterizado por tapas, puxões de cabelo, ponta pés, socos, chutes, facadas, ameaças com armas, estupro, etc., deixando a violência muito clara.

Depois desse segundo episódio, o agressor pode demonstrar certo constrangimento, remorso, entrando na terceira fase, o período mais calmo. A terceira fase é a do arrependimento por parte do agressor, fase do pedido de desculpas, retomada da relação, período que traz esperanças de mudança para a mulher violentada.<sup>64</sup> Este período mais calmo é conhecido por muitos autores como lua de mel, onde se fortalecem os vínculos entre o homem e a mulher. Muitas vezes o agressor até chega a mudar os seus hábitos nesta fase. Com o tempo a tensão volta a se acumular levando a um novo episódio de violência, retornando à primeira fase.<sup>65</sup>

Conforme Nívea Nunez de La Paz, se referindo ao ciclo da violência, diz não ser correto nominar a terceira fase do ciclo como “Lua de mel”. Esta fase poderia ser chamada de “fase de apaziguamento”, pois é o agressor quem comanda quando inicia e termina este ciclo. É, na verdade, um momento de “manipulação afetiva”, já que a mulher se sente confusa, insegura, desorientada. É uma junção de sentimentos como medo, esperança e amor.<sup>66</sup> Esta violência passa por três ciclos, conforme mostra a Figura 3:

---

<sup>61</sup> TONSA, Sandra. **O Ciclo da Violência CONTRA a Mulher**. 2012. Disponível em: <<http://psicologiaautoestimaebela.blogspot.com.br/2012/02/o-ciclo-da-violencia-contra-mulher.html>>. Acesso em 01 jun. 2017.

<sup>62</sup> SCHAIBER, Lilia Blima et al. **Violência dói e não é direito**. São Paulo: UNESP, 2005. p. 132.

<sup>63</sup> SCHAIBER, 2005, p. 132-133.

<sup>64</sup> SCHAIBER, 2005, p. 133.

<sup>65</sup> SCHAIBER, 2005, p. 133.

<sup>66</sup> PAZ, Nívea Ivette Núñez de la (org.). **Da violência de gênero para relações humanizadas**: guia regional. São Leopoldo: CEBI, 2010. p. 16.

**Figura 3 - As três fases do Ciclo da Violência contra as mulheres**Fonte: TONSA, 2012<sup>67</sup>

Conhecer sobre o ciclo da violência contra as mulheres é importante tanto para a mulher violentada como para aqueles e aquelas que, de alguma forma, prestam-lhe auxílio. Refletir sobre o Ciclo da Violência, ou seja, refletir sobre a natureza cíclica dos episódios de violências, poderá levar a mulher a romper com as ilusões de mudanças temporárias e com a própria violência.<sup>68</sup>

<sup>67</sup> TONSA, 2012.

<sup>68</sup> SCHAIBER, 2005, p. 133.

## 2.7 Características de possíveis agressores

Nenhum comportamento da mulher pode ser apontado como justificativa para as violências. Pois nada justifica atos violentos. Algo comum nem sempre significa algo correto.<sup>69</sup>

Não há razões para acreditar que a violência se dê estritamente por motivos pessoais e que as mulheres, então, deveriam se envergonhar de seu comportamento 'causador' da violência, quando, ao contrário, trata-se de um fenômeno, social e cultural existentes em diversas partes do mundo, e associado às valorizações culturais de comportamentos violentos, via de regra, identificados com certas formas de exercer a masculinidade.<sup>70</sup>

Entende-se, então, que as violências contra as mulheres estão ligadas a comportamentos ensinados no cotidiano da sociedade e por isso é de extrema importância analisar e conhecer esses comportamentos que podem levar homens a serem possíveis agressores.

Buscar conhecer as características dos principais agressores, quais são suas argumentações e os contextos em que ocorrem as situações de violência entre homens e mulheres, se não nos fornecer uma resposta definitiva, certamente poderá nos instruir no sentido de lidarmos da melhor maneira possível com atos e comportamentos violentos, a fim de que eles não venham a se repetir.<sup>71</sup>

Não existe um perfil único que possa fazer com que facilmente se perceba e reconheça um agressor, mas, segundo Grossi e Werba, algumas características podem revelar possíveis agressores:

Homens com personalidade tipo *borderline*: antissocial, introvertido, temperamental e hipersensível ao desrespeito interpessoal. Ele reage excessivamente, tem súbitas explosões de raiva e pode ter problemas de alcoolismo;

Homens de personalidade narcisista e antissocial: são autocentrados, tomando dos outros e dando apenas o que lhes convém;

Homens com personalidade compulsivo-dependente: São inflexíveis, tem baixo autoestima e exigem apoio contínuo da mulher ou da namorada.<sup>72</sup>

São possíveis agressores aqueles homens que normalmente batem, esmurram, esbofeteiam, empurram; ameaçam ferir mulher e filhos e filhas ou até

---

<sup>69</sup> SCHAIBER, 2005, p. 45.

<sup>70</sup> SCHAIBER, 2005, p. 42.

<sup>71</sup> SCHAIBER, 2005, p. 52.

<sup>72</sup> GROSSI; WERBA, 2001, p. 102.

mesmo amigos e amigas; têm acessos de raiva e fúria; são super protetores; têm crises de ciúmes constantes; não deixam a esposa livre para visitar familiares e amigos; impedem a mulher (esposa ou filha) de ir a lugares que gostaria de ir; impedem de trabalhar, estudar ou participar de grupos e organizações; destroem coisas e objetos pessoais; não deixam a mulher ter livre acesso a bens financeiros da família, como contas bancárias, cartões de crédito, dinheiro, controlam as finanças e a obriga a prestar contas do que demais pessoas da família gastam; obrigam a mulher a fazer sexo contra a sua vontade ou a fazer atos que a mulher não gostaria; insultam mulheres ou chamam por nomes pejorativos; usam a intimidação ou manipulação para controlar alguém; humilham pessoas, inclusive na frente de outras.<sup>73</sup>

Juliana Paim afirma: “Um agressor tem baixa autoestima e sente-se impotente e ineficaz no mundo. Ele pode aparentar ser um vencedor, mas sentir-se derrotado. Está sempre se esforçando para parecer o ‘macho perfeito’.”<sup>74</sup> Conforme a autora, possíveis agressores são pessoas que têm dificuldades em confiar em outras pessoas, têm medo de perder o controle, vive isolado e demonstra sentimentos de raiva e tensão, culpabiliza outros pelas suas ações, imagina coisas que na realidade não acontecem, muitas vezes apresenta dupla personalidade, apresenta momentos de amabilidade e em outros age com violências.<sup>75</sup>

Se o homem vem de uma família que praticava violências é bem provável que seja também alguém violento, ou que diante de alguma situação determinada poderá reagir com violência; homem que gosta de se envolver em brigas e faz papel de machão, age da mesma forma dentro de casa ou frente a mulheres com as quais convive; outros sintomas são: maltrata animais, dá soco nas paredes, chuta coisas, mostra como reage a situações negativas, possivelmente estas serão suas reações quando a esposa, ou amiga, ou filha ou irmã não lhe agrada.<sup>76</sup>

Alguns autores referem a violência como uma forma encontrada por muitos homens de afirmação da sua masculinidade, especialmente entre aqueles a quem foi negado acesso à masculinidade hegemônica por questões de raça, etnia, classe e orientação sexual; ou então aos homens cuja socialização se deu com outros homens que apresentam uma conformidade exagerada com os papéis tradicionais. Nesses casos, a busca de assemelhar-se ao padrão

---

<sup>73</sup> MILLER, Mariy Susan. **Feridas invisíveis**: abuso não-físico contra mulheres. São Paulo: Summus, 1999. p. 21-22.

<sup>74</sup> PAIM, Juliana. Entendendo a Violência Doméstica. In: PEIXOTO, Mariana da Costa. **Protegendo as Mulheres da Violência Doméstica**. Brasília/DF: FNEDH, 2006. p. 9.

<sup>75</sup> PAIM, 2006, p. 9.

<sup>76</sup> CARROL; ANDRADE, 2010, p. 106.

dominante representa a tentativa de alçar ou resgatar maior poder nas relações que vive.<sup>77</sup>

Homens que têm algum vício, álcool ou droga, são possíveis agressores. Os vícios têm grande ligação com as violências. Homens que têm ideias tradicionais e machistas no que diz respeito a homens e mulheres também têm tendência a serem agressores. Assim também acontece com aqueles homens que têm muito ciúmes, monitora atividades, cuida com quem vai, para onde vai, querem saber de tudo e ter tudo sob o seu controle. Homens agressores normalmente vivem em altos e baixos constantes, costumam lidar com facas e armas e ameaçam pessoas, fazem com que as pessoas sintam medo deles, fazem com que as pessoas façam o que eles querem por medo de suas reações.<sup>78</sup>

Conforme Juliana Paim, também são possíveis agressores, homens que transformam conversas insignificantes em grandes discussões; homens que maltratam ou ameaçam maltratar animais de estimação também são considerados possíveis agressores.<sup>79</sup> Todas essas características de possíveis agressores servem para alertar e para fazer com que as violências possam ser diagnosticadas e combatidas.

Na realidade, a imagem estereotipada de um homem abusivo, como aquele homem que explode com facilidade, que não sabe controlar sua raiva, só existe na mente daqueles que desejam eliminar a possibilidade de que ele possa ser exatamente como nós.<sup>80</sup>

Normalmente, os agressores estão conscientes de seus atos, mas os ignoram como agressão. Podem até sentir certa culpa, mas na maioria dos casos logo acham alguém ou alguma coisa para culpar ou justificar as violências. Os agressores acham formas de enfraquecer a mulher para fortalecerem-se a si próprios, humilham as mulheres para se exaltarem, tiram o poder da mulher mostrando que quem detém o poder são eles.

Homens que utilizam o abuso como método normal para solucionar controvérsias e erradicar irritações sabem muito bem o que estão fazendo, e o fazem com indiferença, não vendo o que está errado em seu comportamento. Na realidade, eles não consideram o seu comportamento

---

<sup>77</sup> SCHAIBER, 2005, p. 70.

<sup>78</sup> CARROL; ANDRADE, 2010, p. 106.

<sup>79</sup> PAIM, 2006, p. 10.

<sup>80</sup> GROSSI; WERBA, 2001, p. 102.

como um *abuso*. Para eles, esses atos são inteiramente normais, a maneira 'natural' de maridos e esposas se relacionarem. Eles não sentem culpa.<sup>81</sup>

Uma característica em comum na maioria dos agressores é encontrar pontos fracos na mulher, que a sensibilizam e a fazem ceder a chantagens, humilhações, armadilhas das mais diferentes, da crueldade das violências ao trauma físico, emocional e psicológico.

É importante saber detectar sinais de alerta, e saber quais as devidas providências a serem tomadas, para que casos de violências contra a mulher sejam evitados.

## **2.8 Marcos significativos no enfrentamento às violências contra as mulheres**

Muitas pessoas têm se envolvido na luta pela erradicação das violências contra as mulheres: movimentos sociais, públicos, privados, ONGS, organizações religiosas têm se movimentado neste sentido. Pessoas e grupos que de uma forma ou outra trazem o mesmo clamor de Aileen Carol e Sérgio Andrade: “Não à violência do coração, não à violência da Palavra, não à violência do punho.”<sup>82</sup>

A Organização das Nações Unidas (ONU) demonstrou o seu apoio ao combate às violências contra as mulheres, com a criação da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Esta declaração foi um passo importante na busca contra a opressão, a discriminação, a desigualdade e todo tipo de violências contra as mulheres. A Declaração Universal dos Direitos Humanos afirma que o direito à vida é fundamental e inalienável.<sup>83</sup>

A Declaração Universal dos Direitos Humanos afirma o direito à vida para todas as pessoas, declarando assim, que qualquer tipo de violência contra a mulher precisa ser erradicado. A eliminação das violências contra a mulher constitui um passo para estabelecer a paz e a vida digna para todas as pessoas. Após este importante documento surgiram outras convenções e organizações significativas, dentre elas, cito:

Duas convenções internacionais de Direitos Humanos são significativas pelos direitos das mulheres e pelo fim da discriminação e violência contra as mulheres: a *Convenção Sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a mulher* (18 de dezembro de 1979, Assembleia Geral

---

<sup>81</sup> MILLER, 1999, p. 28.

<sup>82</sup> CARROL; ANDRADE, 2010, p. 9.

<sup>83</sup> LIBARDONI, 2002, p. 12.

*das Nações Unidas – Brasil: signatário\1981, ratificada e em vigor\1984) e a Convenção Interamericana para prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher – “Convenção do Belém do Pará” (09 junho 1994).<sup>84</sup>*

Convenções e organizações como as mencionadas foram surgindo com o intuito de erradicar a violência e reprimir discriminações contra as mulheres, apontam para equidade, igualdade de direitos e para a paz. No Brasil, em 1988, foi aprovada a Constituição Federal, lei esta a mais importante do país, superior a qualquer outra lei; ela é base de todas as outras leis.<sup>85</sup> Referindo-se aos direitos humanos e, consequentemente aos direitos das mulheres:

A Constituição diz que homens e mulheres são iguais em direitos e deveres, que o governo deve promover o bem de todos sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação (art. 5º, I e art. 3º, IV), e a lei tem que punir qualquer discriminação contra os direitos fundamentais – vida, dignidade, saúde, educação, trabalho, moradia, (art. 5º, XLI).<sup>86</sup>

No intuito de garantir os direitos fundamentais dos cidadãos e das cidadãs, promovendo o bem de todos e todas, a Constituição Federal afirma que o estado criará mecanismos para coibir todo tipo de violências contra a mulher.

Com as lutas iniciadas pelas feministas nos anos 60/70, século XX, a violência foi sendo adicionada como tema de estudos e pesquisas acadêmicas nas diferentes sociedades.<sup>87</sup> Mas as tantas denúncias sobre violências contra as mulheres só foram admitidas em nível mundial e tratadas como questões de Estado a partir de 1995, na Conferência das Nações Unidas para a mulher, conferência realizada em Beijing, na China. Nessa Conferência se afirmou que “a violência contra a mulher viola os direitos humanos.”<sup>88</sup>

Foi a resistência e a luta política dos movimentos feministas, que fez com que, depois de muito trabalho e debate, em 1993, conseguiu-se inserir, na Conferência de Direitos Humanos de Viena, a afirmação de que “os direitos das mulheres são direitos humanos”. Este foi um dos passos para se chegar ao tão importante texto da ONU:

É violação dos direitos humanos todo e qualquer ato baseado no gênero que resulte ou possa resultar em dano físico, sexual, psicológico, ou em sofrimento para a mulher, inclusive ameaças de tais atos, coerção ou

---

<sup>84</sup> PAZ, 2010, p. 14.

<sup>85</sup> BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 1988. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/governo/2010/01/constituicao>>. Acesso em 31 maio 2017.

<sup>86</sup> LIBARDONI, 2002, p. 24.

<sup>87</sup> NENEGHEL, 2007, p. 72.

<sup>88</sup> GROSSI; WERBA, 2001, p. 10.

privação arbitrária da liberdade, podendo ocorrer em público ou na vida privada.<sup>89</sup>

Foi um grande avanço, no entanto, a invisibilidade quanto às violências contra as mulheres ainda é grande; não só ocupa páginas e páginas de livros, mas inúmeras histórias de vida de mulheres agredidas, violentadas diariamente.

A data de 25 de novembro foi oficializada pela ONU como o Dia Internacional pelo Fim da Violência contra a Mulher, em 1999<sup>90</sup>, graças ao esforço de mulheres, organizações de mulheres e de direitos humanos para os direitos das mulheres.

Na ocasião, Noellen Heyzer expressou: Se nos comprometermos com a criação de um mundo livre da violência contra mulheres e meninas, nossos filhos e filhas dirão que acabamos com o crime mais universal e impune de todos os tempos, praticado contra metade da população do planeta.<sup>91</sup>

Outro importante marco para a questão das violências contra as mulheres foi a Campanha internacional de 16 dias pelo fim da violência contra a mulher, de 25 de novembro a 10 de dezembro. O Brasil participa desta campanha desde 2003.<sup>92</sup> Datas como a de 25 de novembro a 10 de dezembro querem levar ao diálogo e à reflexão sobre as violências que atingem grande parte das mulheres, despertando para o enfrentamento às violências. Nestas datas, em especial, acontecem marchas, protestos, campanhas que clamam por justiça, pelo fim das violências contra a mulher, disseminando informações sobre os tipos de violências, os direitos das mulheres e formas de combater as violências contra a mulher.

Em âmbito nacional, o documento mais conhecido e utilizado em casos de violências contra a mulher é a Lei Maria da Penha. Foi criada no Brasil, no ano de 2006, e o nome foi dado em homenagem a Maria da Penha Maia Fernandes, uma entre tantas mulheres vítimas de violências.

Maria da Penha Maia Fernandes, cearense, foi agredida pelo seu marido durante seis anos. Após uma tentativa de homicídio por parte de seu marido, ficou paraplégica, quando ainda estava em recuperação, seu marido tentou eletrocutá-la; a partir daí Maria da Penha fez da dor um combate. O agressor veio a ser punido

---

<sup>89</sup> GROSSI; WERBA, 2001, p. 10.

<sup>90</sup> BRENNER, Lara. **25 de novembro**: Dia Internacional da Não Violência Contra a Mulher. Disponível em: <<http://www.revistabula.com/5521-25-de-novembro-dia-internacional-da-nao-violencia-contra-a-mulher/>>. Acesso no dia 01 jun. 2017.

<sup>91</sup> PAZ, 2010, p. 22

<sup>92</sup> BRAGA, Maria Elisa dos Santos. **Campanha dos 16 dias de ativismo pelo fim da violência contra as mulheres**: 20 de novembro a 10 de dezembro. Disponível em: <<http://www.cfess.org.br/arquivos/contraviolenciamulher2.pdf>>. Acesso em 01 jun. 2017. p. 1.

dezenove anos e seis meses após os fatos.<sup>93</sup> “Vem com o intuito de minimizar o sofrimento, oferecendo novos instrumentos legais e oportunizando mais agilidade às medidas protetivas, dentro da perspectiva dos direitos humanos e da igualdade de todos perante a lei.”<sup>94</sup>

A lei Maria da Penha define o que caracteriza violências contra mulheres, estabelece formas de violência; é uma Lei específica em relação aos direitos das mulheres, criada como um mecanismo para prevenir e coibir a violência contra a mulher, e estabelecer medidas de proteção e assistência a mulheres em situação de violências.

A Lei n. 11.340\06 – Lei Maria da Penha – foi sancionada pelo Presidente da República em 07 de agosto de 2006, e entrou em vigor a partir do dia 22 de setembro do mesmo ano. Essa Lei cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar de forma inovadora no que concerne ao tratamento legal dado. A Lei só cabe quando o sujeito passivo for do sexo feminino, contudo o autor do fato (da violência) poderá ser do sexo feminino ou masculino. Sua aprovação, pelo Estado brasileiro, retira do espaço privado a violência doméstica, reconhecendo-a como questão de ordem pública.<sup>95</sup>

A partir da Lei Maria da Penha surgem órgãos e entidades aos quais as mulheres em situações de violência podem recorrer: Secretarias de Políticas para as mulheres, Casas de abrigo, Centros de Referência da Mulher, Centro de Referência da Assistência Social (CRAS), Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS), Conselhos dos Direitos das Mulheres, Delegacias especializadas de Atendimento à Mulher (DEAM), Defensoria Pública da Mulher, Serviços de Saúde, Centros de Educação e Reabilitação do Agressor, Organizações não governamentais (ONGs).

Na década de 1980 foram criados o Programa de Atenção Integral à Saúde da Mulher (PAISM), no Ministério da Saúde e o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM), com o objetivo de promover, em âmbito nacional, políticas para eliminar a discriminação contra a mulher, assegurando condições de liberdade de direitos, bem como sua plena participação nas atividades políticas, econômicas e culturais do País. Foram criadas ainda, as DEAMs – Delegacias Especializadas no Atendimento à Mulher.<sup>96</sup>

Nos últimos anos, avanços têm acontecido nas políticas de prevenção e enfrentamento às violências contra a mulher. Muitos seminários, convenções,

---

<sup>93</sup> MENEGHEL, 2007, p. 135.

<sup>94</sup> MENEGHEL, 2007, p. 137.

<sup>95</sup> VILHENA, 2009, p. 40.

<sup>96</sup> MENEGHEL, Stela Nazareth (Org.) **Rotas Críticas II**. Ferramentas para trabalhar com a violência de gênero. Santa Cruz do Sul/RS: EDUNISC, 2009. p. 65.

encontros tem focado na questão das violências buscando medidas para erradicá-la, mas os serviços de atendimento à mulher ainda são poucos e precários. “Quando comparado ao número de mulheres que sofrem violências, o número de abrigos é insuficiente. Os poucos abrigos existentes estão disponíveis apenas para os casos avaliados como risco de vida.”<sup>97</sup> Mulheres violentadas são atendidas por homens machistas e sem formação adequada. “[...] a invisibilidade das mulheres e de seus direitos humanos, e, conseqüentemente, a invisibilidade das violências contra a mulher, são processos culturais e históricos, portanto, passíveis de reversão.”<sup>98</sup> Ou seja, cada ser humano é chamado para lutar contra a violência em busca de um mundo melhor.

No Brasil, nos últimos anos, houve avanços em vários campos, que se traduziram em mudanças na legislação, produção crescente de estudos sobre a incidência de atos violentos contra a mulher, criação de delegacias especializadas e de serviços de atendimento às vítimas, além de adoção de políticas públicas específicas para combater o problema. Mas a tarefa de enfrentar esse desafio ainda é imensa e requer, necessariamente, uma ampla política nacional de combate à violência contra as mulheres, com a adequada alocação de recursos orçamentários para os serviços e equipamentos necessários. Nessa luta, é fundamental colocar em prática não apenas as ações repressivas como também medidas capazes de contribuir para o empoderamento feminino, assegurando a todas as mulheres o acesso a seus direitos nas mais variadas dimensões da vida social.<sup>99</sup>

Avanços têm acontecido no que diz respeito a leis de enfrentamento às violências contra as mulheres, mas muito ainda precisa ser feito para que as violências contra as mulheres sejam erradicadas. Um fator importante de enfrentamento às violências contra as mulheres que pode ser praticado pelas comunidades cristãs é o Aconselhamento Comunitário, e esse é o assunto do terceiro capítulo.

---

<sup>97</sup> CARROL; ANDRADE, 2010, p. 40.

<sup>98</sup> GROSSI; WERBA, 2001, p. 80.

<sup>99</sup> BARSTED, Leila Linhares. A violência contra as mulheres no Brasil e a Convenção de Belém do Pará dez anos depois. In: PEIXOTO, Mariana da Costa. **Protegendo as Mulheres da Violência Doméstica**. Brasília/DF: FNEDH, 2006. p. 28.



### **3 ACONSELHAMENTO COMUNITÁRIO A MULHERES EM SITUAÇÕES DE VIOLÊNCIAS**

Cada vez mais mulheres têm enfrentado solitárias e em silêncio casos de violências dos mais diferentes tipos. O Aconselhamento Comunitário quer ser uma ajuda, apoio a essas mulheres em situações de violências. Através do Aconselhamento Comunitário a Igreja pode se fazer presente na vida das mulheres violentadas, sendo rede de apoio, auxiliando-as através do amor e do cuidado a enfrentarem a fase difícil pela qual estão passando. “A poimênica e o aconselhamento pastoral são valiosos instrumentos através dos quais a igreja permanece relevante para a necessidade humana. Eles são formas de traduzir a boa nova para a ‘linguagem de relacionamento’.”<sup>100</sup> Aconselhamento é um ministério de relacionamentos de indivíduo para indivíduo ou entre pessoas de um pequeno grupo.<sup>101</sup> Aconselhamento Comunitário com mulheres em situações de violências é um caminhar junto com mulheres que enfrentam situações de violências em um relacionamento, onde essas mulheres são convidadas a partilhar o sofrimento, a dor, a angústia, as dúvidas e as dificuldades, buscando formas de superação, de empoderamento e de enfrentamento às violências.

#### **3.1 Definição de Aconselhamento Comunitário com mulheres em situações de violências**

Quando se fala de Aconselhamento nas comunidades cristãs, normalmente pensa-se no Aconselhamento Pastoral, desenvolvido unicamente por ministros e ministras. Mas Aconselhamento pode ser entendido como o ministério de ajuda da comunidade como um todo. Schneider-Harprecht, definindo Aconselhamento, diz que “Aconselhamento Pastoral” é uma tradução da expressão “*pastoral counseling*”, que pode ser definido como o ministério de ajuda da comunidade cristã e baseia-se na fé

---

<sup>100</sup> CLINEBELL, Howard J. **Aconselhamento pastoral**: modelo centrado em libertação e crescimento. 4. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2007. p. 14.

<sup>101</sup> CLINEBELL, 2007, p. 24.

cristã.<sup>102</sup> Conforme o autor, não se trata de tarefa reservada especificamente a ministros e ministras, mas Aconselhamento Pastoral é expressão da vida da comunidade como um todo. Schneider-Harpprecht afirma:

Aconselhamento acontece sempre e em qualquer cultura quando pessoas convivem, participam do discurso público e particular, e comunicam-se sobre as dificuldades no grupo familiar, no trabalho, na igreja ou congregação religiosa, nas diferentes relações sociais em que estão inseridas. A convivência e a comunicação são o fundamento social do Aconselhamento em geral.<sup>103</sup>

Nesse sentido, todas as pessoas da comunidade podem se envolver no ministério do Aconselhamento, e é para frisar esta ideia de que Aconselhamento pode ser exercido pelas pessoas, membros de uma comunidade cristã, que esta pesquisa se refere a “Aconselhamento Comunitário” e não “Aconselhamento Pastoral”.

Através do Aconselhamento Comunitário pessoas membros de comunidades cristãs demonstram cuidado umas pelas outras, colocam-se à disposição para auxiliar umas às outras. Hurdling define a essência do Aconselhamento como: “[...] ajudar ao outro por meio de um relacionamento de cuidado.”<sup>104</sup> Também nesta ótica do cuidado, a partir de Schipani, pode-se destacar como enfoque principal do Aconselhamento Comunitário a mulheres em situações de violências a ajuda a estas mulheres para levarem uma vida sadia e de fé em meio às suas jornadas humanas.<sup>105</sup> Scheunemann afirma: “Não se trata de falar uma palavra a alguém, mas de vivenciá-la com este alguém, respeitando-o como centro, sujeito e protagonista de seu mundo e de sua história.”<sup>106</sup> Trata-se de dar continuidade ao Servir de Jesus, e neste sentido, o Aconselhamento Comunitário com mulheres em situações de violências não é um peso, uma obrigação, mas um servir como relação com o semelhante, no caso, as mulheres em situações de violência.

---

<sup>102</sup> SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph; ZWETSCH, Roberto E.; HOCH, Lothar Carlos. **Teologia prática no contexto da América Latina**. 3. ed. revista e ampliada São Leopoldo, RS: Sinodal, 2011. p. 256-257.

<sup>103</sup> SCHNEIDER-HARPPRECHT, ZWETSCH, HOCH, 2011, p. 257.

<sup>104</sup> HURDING, Roger F. **A árvore da cura: modelos de aconselhamento e de psicoterapia**. São Paulo: Vida Nova, 1995. p. 35.

<sup>105</sup> SCHIPANI, Daniel S. **O caminho da sabedoria no Aconselhamento Pastoral**. São Leopoldo/RS: Sinodal, 2003. p. 104.

<sup>106</sup> SCHEUNEMANN, Arno. Crises pessoais: sua interface com as novas articulações sociais e o aconselhamento como empoderamento em redes sociais de apoio, significado, serviços e trabalho. In: HOCH, Lothar Carlos e SCHEUNEMANN, Arno (Orgs.). **Redes de Apoio na crise**. São Leopoldo/RS: Escola Superior de Teologia, 2003. p. 72.

O objetivo do Aconselhamento Comunitário com mulheres em situações de violências é descobrir com estas mulheres que enfrentam situações de violências o significado da liberdade cristã, auxiliando-as a viverem a relação consigo mesmas, com Deus e com o próximo de maneira consciente e responsável, buscando melhorias nas condições de vida dessas mulheres.<sup>107</sup> Conforme Schipani afirma: “O papel principal do aconselhador [da aconselhadora] pastoral é, apropriadamente servir de guia no processo [...]”<sup>108</sup> Dessa forma, o Aconselhamento Comunitário com mulheres em situações de violências busca meios para a superação do sofrimento, da dor e da opressão, visa apoiar e auxiliar mulheres que estão passando por casos de violência, através do acompanhamento, ajudando, empoderando-as e buscando resgatar a dignidade humana dessas mulheres. Clinebell diz que:

O aconselhamento pastoral visa ajudar as pessoas a lidar construtivamente com seus problemas imediatos, tomar decisões, encarar responsabilidades e corrigir comportamento prejudicial a si mesmas e as outras, bem como expressar, experimentar e, conseqüentemente, resolver sentimentos, atitudes e autopercepções que bloqueiam o crescimento.<sup>109</sup>

Percebe-se que a convivência e a comunhão têm lugar central no Aconselhamento. É a partir da convivência e da comunhão que se faz Aconselhamento com mulheres em situações de violências e se percebe a necessidade de Aconselhamento. Pessoas cristãs são impulsionadas pelo amor de Cristo a amarem uns aos outros/umas às outras, participando dos mais diferentes momentos da vida de cada qual, sejam momentos de alegria, de felicidade ou momentos de tristeza e sofrimento, auxiliando cada qual em suas dificuldades; alguns textos bíblicos, como os que seguem, apontam para este fato: Romanos 12. 15: “Alegrai-vos com os que se alegram; e chorai com os que choram.”; 1 Tessalonicenses 5. 11: “Por isso exortai-vos uns aos outros, e edificai-vos uns aos outros, como também o fazeis.”; 1 Tessalonicenses 5. 14 que diz: “Rogamo-vos, também, irmãos, que admoesteis os desordeiros, consoleis os de pouco ânimo, sustenteis os fracos, e sejais pacientes para com todos”; Gálatas 6. 2: “Levai as cargas uns dos outros, e assim cumprireis a lei de Cristo.” Estes textos bíblicos, e tantos outros que falam no mesmo sentido, mostram que é motivação bíblica amar as pessoas, se importando com elas, auxiliando-as, ajudando-as, apoiando-as, empoderando-as.

<sup>107</sup> SCHNEIDER-HARPPRECHT, ZWETSCH; HOCH, 2011, p. 256-257.

<sup>108</sup> SCHIPANI, 2003, p. 59.

<sup>109</sup> CLINEBELL, 2007, p. 33.

Aconselhamento Comunitário com mulheres em situações de violências pode ser entendido, como registra Hoch, como “[...] uma forma de atualização do Evangelho.”<sup>110</sup>

O ponto de partida do Aconselhamento Comunitário com mulheres em situações de violências são situações concretas de sofrimento, consequências da violências. Mas estas situações não são apenas individuais e isoladas. A partir de Lothar Hoch é possível entender que o Aconselhamento Comunitário com mulheres em situações de violências é muito mais amplo que uma simples orientação individual, pois cada mulher vive em seus relacionamentos situações sociais, políticas, econômicas, familiares, culturais, religiosas etc. que precisam ser levadas em conta quando do Aconselhamento Comunitário.<sup>111</sup> Faz parte do Aconselhamento Comunitário com mulheres em situações de violências olhar não só para as violências sofridas pelas mulheres, mas também refletir sobre as causas dessas violências, buscando estruturas mais justas de sociedade.

O Aconselhamento Comunitário com mulheres em situações de violências pode ser de grande valia, uma vez que não fornece respostas prontas, mas presta auxílio e apoio no processo de reflexão e tomada de decisões. Aconselhamento Comunitário não é “oferecer conselhos”, mas caminhar juntos/juntas, é um acompanhamento da mulher em sua situação de dor e sofrimento, colocando-se à disposição para auxiliar no que for preciso. Acompanhamento que visa propiciar para a mulher violentada apoio, alívio, refrigério, companhia, reorganização de ideias e pensamentos, enfrentamento a violência.

O Aconselhamento Comunitário pode ajudar a mulher violentada a perceber os diferentes aspectos do seu problema, despertando forças, apontando novos horizontes, desafiando, empoderando, podendo levar ao amadurecimento e ao crescimento. “Fornece oportunidades de tirar da própria situação adversa a motivação e a coragem necessárias para juntar os cacos da vida e dar a volta por cima”.<sup>112</sup> Por isso é essencial que mulheres violentadas encontrem pessoas com as quais elas possam desabafar, pessoas que se coloquem à disposição para ajudá-las, apoiá-las,

---

<sup>110</sup> HOCH, Lothar Carlos. Aconselhamento pastoral e libertação. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 29, p. 17-40, 1989. Disponível em: <[http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos\\_teologicos/article/view/1054/1011](http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/1054/1011)>. Acesso em 23 nov. 2017. p. 26.

<sup>111</sup> HOCH, 2017, p. 25.

<sup>112</sup> CARRETEIRO, Maria Aparecida M. de Almeida; ARMANGE, Marcos Augusto. **A superação de crises a partir do aconselhamento pastoral e dos grupos de apoio**: a Bíblia como recurso terapêutico. 2009. 44 f. TCCP (Especialização em Aconselhamento e Psicologia Pastoral) - Escola Superior de Teologia, Programa de Pós-graduação, São Leopoldo, 2009. p. 11.

fortalece-las e empoderá-las. Através do Aconselhamento Comunitário, ou seja, do acompanhamento amoroso, do apoio, da força, do ânimo oferecidos pelos aconselhadores ou aconselhadoras, o amor de Deus pode ser percebido pela mulher violentada, fazendo com que esta mulher tenha a sua imagem ressaltada, como ser humano integral, sujeito, completa e independente.<sup>113</sup>

O Aconselhamento Comunitário é uma das ferramentas através da qual o amor de Deus torna-se uma realidade praticada e experimentada nos relacionamentos comunitários. “O aconselhamento pode permitir-nos descobrir novas dimensões de nossa humanidade.”<sup>114</sup> O Aconselhamento deve libertar e potencializar os seres humanos.<sup>115</sup> Portanto, o Aconselhamento Comunitário a mulheres em situações de violência pode transformar, renovar, potencializar, liberar potenciais e libertar. Schneider-Harpprecht afirma que Aconselhamento Comunitário acontece onde pessoas são ajudadas em nome de Jesus Cristo a libertarem-se, a expressarem-se, conscientizando-se de sua situação, onde buscam protestar contra o sofrimento; formulam expectativas e esperanças, buscam soluções, procuram a cura, o apoio, a orientação e a consolação.<sup>116</sup>

O Aconselhamento Comunitário a mulheres em situações de violência entra em cena quando o crescimento integral dessas mulheres está comprometido e/ou bloqueado pelos problemas e sofrimentos enfrentados a partir da violência sofrida. O Aconselhamento Comunitário pode ser reparador, oferecendo amor, cuidado, apoio, informações, formação espiritual e orientações éticas. Através do Aconselhamento é possível fomentar a integralidade da mulher violentada, nas mais diferentes fases da vida, desenvolvendo potencial de enfrentamento, força, estima, esperança e competência.<sup>117</sup>

---

<sup>113</sup> GROSSMANN, Carla Andrea. **O aconselhamento pastoral a partir de uma ótica feminista**. São Leopoldo. 1995. 50 f. Trabalho (Conclusão de curso de Teologia) – Faculdades EST, São Leopoldo, 1995. p. 22.

<sup>114</sup> CLINEBELL, 2007, p. 14/15.

<sup>115</sup> GROSSMANN, 1995, p. 15.

<sup>116</sup> SCHNEIDER-HARPPRECHT; ZWETSCH; HOCH, 2011, p. 274.

<sup>117</sup> CLINEBELL, 2007, p. 25.

### 3.2 Jesus: modelo para o Aconselhamento Comunitário com mulheres em situações de violência

Conforme a Bíblia, Jesus foi um aconselhador. Em Isaías 9.6 está escrito: “Pois já nasceu uma criança [...] o seu nome será maravilhoso, conselheiro [...].” Na tradição judaica cristã pessoas eram chamadas pelas suas qualidades ou características.<sup>118</sup> Ou seja, atribuindo a Jesus o título de “conselheiro” está se afirmando que o próprio Jesus foi um exímio conselheiro e é o maior modelo para o Aconselhamento Comunitário. Jesus praticou o cuidado e o amor em suas relações; preocupava-se com o bem-estar das pessoas, se interessava pelas pessoas e buscava estar em contato com elas, indo até onde as pessoas estavam. O Aconselhamento está embasado na relação do próprio Deus com seu povo em Jesus. Mateus 1.23 diz: “Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho, e ele será chamado pelo nome de Emanuel, que quer dizer Deus conosco.” Em Jesus, Deus se relaciona com seu povo através de um relacionamento amoroso, solidário e fraterno. O amor de Jesus não fazia, e não faz, distinção de pessoas, todos e todas têm o mesmo valor, Ele age com igualdade para com homens ou mulheres, restituindo-lhes sua integridade e dignidade, para que todos e todas tenham condições adequadas de vida.

As mulheres não foram excluídas do amor e do ministério de Jesus. A Bíblia, em vários momentos, retrata o amor e o cuidado de Jesus para com as mulheres, por exemplo, quando presta solidariedade e compaixão à mulher viúva, como relatado em Lucas 7.11-17; Jesus é ungido por uma mulher, relatado em Lucas 7.36-50; Jesus aponta para as prostitutas como exemplos de fé, relatado em Mateus 21.31-32. Em Lucas 8.2-3 encontra-se o relato de mulheres junto a Jesus; Lucas 13.10-17 relata a cura da mulher encurvada; Marcos 7.24-30 relata a fé da mulher sírio fenícia. Mateus 9.18-26 menciona o encontro de Jesus com a mulher que sofria de hemorragia; Lucas 10.38-42 relata a visita de Jesus a Marta e Maria. Estes versículos citados, dentre tantos outros, mostram que as mulheres experimentavam em Jesus um poder restaurador, pois o Espírito amoroso de Deus se movia nele e através dele.<sup>119</sup> Assim, também nos dias atuais, as pessoas cristãs são convidadas a deixar o Espírito

---

<sup>118</sup> RINKLIN, Ruth. **A fé cristã como auxílio na recuperação da dignidade humana em vítimas de abuso sexual**. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2014. p. 15.

<sup>119</sup> CLINEBELL, 2007, p. 15.

amoroso de Deus se mover nelas e através delas, para que mulheres que sofreram ou sofrem com as violências sejam animadas, fortalecidas e encorajadas.

O modelo de Jesus é de proximidade e comunhão, conforme João 1.14: “[...] A Palavra se tornou um ser humano e morou entre nós [...].” Jesus foi presença ativa no meio do povo, manifestava sensibilidade e empatia em ir até as pessoas. A partir de Jesus brotavam sinais de vida em abundância. O Evangelho de Lucas 24.13-35 traz a narrativa do caminho de Emaús, mostrando um Jesus companheiro de caminhada. Conforme este texto, faz parte do Aconselhamento de Jesus: se juntar a alguém sem ser reconhecido; caminhar juntos; acompanhar; não chamar atenção para si próprio; tomar consciência dos sofrimentos e aflições do outro/da outra; a ênfase está centrada na aconselhanda ou no aconselhando. Um dos objetivos do Aconselhamento Comunitário com mulheres em situações de violências é o acompanhamento, o se fazer presente, a afirmação da autoestima das mulheres violentadas.<sup>120</sup> Estimular a autoestima das mulheres violentadas é fundamental para um processo de empoderamento e cura. Neste sentido também se pode olhar para Jesus e aprender Dele. As palavras e gestos de Jesus para com as mulheres foram de acolhimento, cuidado, empatia, o que é extremamente importante. Jesus acreditava na capacidade e potencialidade das mulheres.<sup>121</sup> Muitas vezes Jesus questionava, perguntava, levava à reflexão, exatamente para estimular capacidades e potencialidades.

Kjell Nordstokke afirma que cristãos e cristãs não podem viver uma teologia, uma religiosidade limitada à eternidade, mas aqui e agora o Reino de Deus pode ser vivido. Sinais do Reino de Deus, de vida em abundância, podem ser afirmados através de ações e atitudes diárias.<sup>122</sup> O exemplo de Jesus motiva a cada um/cada uma para se envolver com a realidade buscando a vida plena, vida em abundância. Luiz Henrique Rossi também enfatiza a questão do “serviço” praticado por Jesus, destacando o fato de Jesus ter assumido uma posição de servo, e afirma que o fato de Jesus ter lavado os pés dos discípulos evidencia que a cura inicia com gestos de

---

<sup>120</sup> SILVA, Elizabeth Luiza da. **Terapia comunitária. Ética, resiliência e aconselhamento pastoral.** São Leopoldo. 2014. 73 f. Dissertação (Mestrado Profissional) - Escola Superior de Teologia, Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2014. p. 60.

<sup>121</sup> LUCKMANN, Sandro. **Ensaio sobre a prática poimênica.** São Leopoldo. 1998. 33 f. Monografia (Semestral) – Faculdades EST, São Leopoldo, 1998. p. 16.

<sup>122</sup> NORDSTOKKE, Kjell. **A diaconia como prática social e saber acadêmico.** Seminário oferecido pela Faculdades EST, 16 a 20 de outubro de 2017.

serviço.<sup>123</sup> Se engajar no enfrentamento às violências e no acompanhamento a mulheres violentadas é semear sinais do reino de Deus, buscando vida em abundância para todos e todas. Roger Hurding afirma: “Nossos recursos e inspiração, mediados pelo espírito, estão no Senhor Jesus Cristo, que é a imagem perfeita de Deus [...]”<sup>124</sup> Cada pessoa cristã reflete como um espelho o próprio Cristo. É Cristo que move cada qual em seus relacionamentos. Refletindo sobre Jesus ser exemplo de cuidado nos relacionamentos, Hurding cita uma frase de Atanásio: “Ele se tornou aquilo que somos, para que pudesse fazer de nós aquilo que ele é.”<sup>125</sup>

Jesus convidava as pessoas para que lhes contassem suas histórias e ouvia com respeito as queixas e lamentações. É importante traduzir em palavras a dor, as queixas, escutando a própria voz. Dar nome às dores, aos problemas e dificuldades. É importante que a mulher violentada consiga falar e possa ouvir-se, mas também ter a certeza de que outra pessoa está realmente interessada em lhe ajudar e por isso está atenta às suas palavras.<sup>126</sup>

A fala é um dispositivo fundamental, pois pela fala a pessoa se comunica e tem a chance de se expressar, o que é possível, em gemidos, choro, gritos ou simplesmente sussurros. É um exercício de expressão do que se passa internamente numa pessoa. A chance de poder dizer, mesmo que não sejam as coisas em sua exatidão, já é um excelente exercício de denotar questões que causam desconfortos psicológicos.<sup>127</sup>

Jesus ouvia tudo com muita atenção e jamais julgava, também animava as pessoas da época a não julgarem uns aos outros, como está relatado em João 8.1-11, texto que relata a história da mulher condenada por adultério.<sup>128</sup> Jesus fazia cada pessoa olhar para si e refletir sobre sua própria vida, confrontava cada qual com sua própria condição, levava cada um/uma a analisar a si mesmo/mesma e não aos outros/outras. Tendo Jesus como exemplo, o Aconselhamento Comunitário com mulheres em situações de violências vai tecendo sua teia em solidariedade com as mulheres que estão sofrendo. Essas teias, muitas vezes invisíveis, são construídas

<sup>123</sup> ROSSI, Luiz Henrique Solano. A vocação terapêutica da Igreja. In: KOHL, Manfred Waldemar; BARRO, Antônio Carlos. **Aconselhamento Cristão Transformador**. Londrina/PR: Descoberta, 2006. p. 127.

<sup>124</sup> HURDING, 1995, p. 293.

<sup>125</sup> HURDING, 1995, p. 439.

<sup>126</sup> WILKE, Ester Delene; WONDRACEK, Karin Hellen Kepler. **O aconselhamento pastoral à luz do Deus triúno**: tarefa curativa como ministério do espírito. São Leopoldo. 2007. 54 f. Trabalho de Conclusão (Especialização em Aconselhamento e Psicologia Pastoral) - Escola Superior de Teologia, Programa de Pós-graduação, São Leopoldo, 2007. p. 39.

<sup>127</sup> SILVA, 2014, p. 44.

<sup>128</sup> LUCKMANN, 1998, p. 17.

tantas vezes, em um processo onde cada um/cada uma reconhece a força e a dor do outro/da outra, sem julgar. No Aconselhamento Comunitário com mulheres em situações de violências busca-se substituir um ambiente, solitário por um ambiente solidário.

Jesus confrontava as ideias estabelecidas, questionava, desafiava valores, atitudes e práticas normatizadas a partir de uma ética e uma política de compaixão que revelava a graça divina.<sup>129</sup> A compaixão era elemento fundamental no ministério de Jesus, afirmando o amor a Deus e ao próximo de forma crítica construtiva. Jesus confronta os questionamentos com as escrituras sendo mediador entre a experiência humana e a vontade divina e no momento oportuno, Jesus se distancia.<sup>130</sup> “Distância na hora certa é vital para o amadurecimento do aconselhando [da aconselhanda]”.<sup>131</sup> Saber o momento de distanciar-se é importante. Distanciar-se, no momento oportuno é reconhecer as suas próprias limitações, mas também acreditar na força divina da transformação, reconhecendo a capacidade da própria mulher violentada.<sup>132</sup>

Cristo é o modelo de Aconselhamento Comunitário para cristãos e cristãs. É necessário olhar para Cristo e aprender com Ele. “Martim Lutero afirma que devemos nos tornar Cristo uns para os outros.”<sup>133</sup> Neste sentido, a forma de ser e de agir deve espelhar Cristo. O amor de Cristo pelas pessoas deve motivar o amor de uns para com os outros. O amor de uns para com os outros leva ao prazer em auxiliá-los em suas fraquezas, problemas, angústias, crises e dificuldades. Quando alguém tem amor para com outra pessoa não fica indiferente aos seus sofrimentos.

Conforme consta em João 20.21, Jesus Cristo disse: “Assim como o pai me enviou, eu também envio vocês.” Pessoas cristãs são animadas a viver como Jesus viveu; servirem assim como Jesus serviu; andar assim como Jesus andou; cuidar assim como Jesus cuidou; se importar como Jesus se importou; e sobretudo, amar assim como Jesus amou. Pessoas cristãs são chamadas a dar continuidade ao agir amoroso de Cristo, conforme João 12.26. “Quem quiser me servir siga-me; e, onde eu estiver, ali também estará esse meu servo.” Em Jesus, Deus intervém na realidade humana. Jesus veio encarnado na realidade humana, seguir a Jesus é olhar e refletir sobre a realidade humana, buscando transformação e dignidade humana.

---

<sup>129</sup> SCHIPANI, 2003, p. 52.

<sup>130</sup> RINKLIN, 2014, p. 16.

<sup>131</sup> RINKLIN, 2014, p. 16.

<sup>132</sup> RINKLIN, 2014, p. 16.

<sup>133</sup> CLINEBELL, 2007, p. 62.

Em Jesus, é fundamental reconhecer a dor do outro/da outra e compadecer-se.<sup>134</sup> Deus, em Jesus, age e assim cada pessoa cristã é convidada a fazer, agir e atuar em favor da vida, da dignidade humana, da justiça, dos direitos humanos e da paz. Em João 10 encontramos a expressão usada por Jesus: “Dou a minha vida pelas ovelhas.” Todas as qualidades que Jesus demonstrava nos relacionamentos se resumem nessa expressão: dar a vida pelas ovelhas. O relacionamento de Jesus com as pessoas é tão profundo a ponto de dar a vida por elas.

Afirmar que Cristo é o modelo para a prática do Aconselhamento Comunitário com mulheres em situações de violências significa afirmar que Cristo está no centro da prática de Aconselhamento e no centro das reflexões críticas construtivas que brotam do próprio Aconselhamento Comunitário. “Os aconselhadores [as aconseladoras] pastorais procuram ser orientados por uma visão inspirada em Cristo do tornar-se humano, da humanização – a integralidade humana e a plenitude da vida, e o viver sadio e sábio.”<sup>135</sup> Aconselhadores cristãos e aconseladoras cristãs fazem Aconselhamento Comunitário com mulheres em situações de violências num caráter cristão, ou seja, motivados e inspirados por Cristo, conforme Schipani: “[...] eles [elas] representam deliberadamente o Cristo cura d’almas, que orienta e nutre, sustenta, reconcilia, liberta e cura.”<sup>136</sup>

### **3.3 Aconselhamento Comunitário nas primeiras comunidades cristãs**

O Aconselhamento Comunitário tem sido um instrumento utilizado pelas comunidades cristãs nas mais diferentes situações no decorrer dos tempos. Possui profundas raízes na sabedoria do passado. No início da história da igreja, aconselhamento era chamado cura d’almas. Cura significava, algumas vezes, “curar”, mas em muitos casos significava “cuidar”.<sup>137</sup> O cuidado é essencial no Aconselhamento Comunitário com mulheres em situações de violências. Através das mais variadas formas de cuidado, pessoas cristãs podem se colocar ao lado de mulheres em situações de violência e auxiliá-las, seja no enfrentamento às violências, seja na organização de ideias e reflexões, oferecendo algo que seja necessário no momento, animando-as, apoiando-as, fortalecendo-as e empoderando-as.

---

<sup>134</sup> NORDSTOKKE, 2017.

<sup>135</sup> SCHIPANI, 2003, p. 81.

<sup>136</sup> SCHIPANI, 2003, p. 83.

<sup>137</sup> CLINEBELL, 2007, p. 38-39.

Nas primeiras comunidades cristãs, cristãos e cristãs se encontravam nas casas em um clima de amor e fraternidade, para orar, estudar, repartir o pão, e nestes contextos acontecia o Aconselhamento Comunitário (Cf. Atos 2.41-47). “Na cristandade primitiva, a prática poimênica era uma manifestação natural de toda comunidade”.<sup>138</sup> Todas as pessoas eram agentes do Aconselhamento. Nos encontros cotidianos cristãos e cristãs compartilhavam suas dores, alegrias, tristezas, desafios, sofrimentos e se aconselhavam mutuamente. Hurding afirma que o compromisso pelo próximo, através do cuidado, tem perpassado as relações do povo de Deus.<sup>139</sup> Nas primeiras comunidades cristãs o apóstolo Paulo usa a figura do corpo para explicar a unidade e o compromisso de uns para com os outros em relação ao cuidado. Em 1 Coríntios 12.26 diz: “Se uma parte do corpo sofre, todas as outras sofrem com ela. Se uma é elogiada, todas as outras se alegram com ela.”

Foi se intensificando o interesse pelo Aconselhamento e conseqüentemente, as atividades nessas áreas foram se expandindo, visto a sua importância, valor e eficiência. Com o passar do tempo esse ministério foi sendo delegado aos ministros religiosos e às ministras religiosas, por serem considerados e consideradas melhores conhecedores e conhecedoras da Palavra de Deus e autoridades diante da sociedade.<sup>140</sup> Mas o Aconselhamento, bem como o Aconselhamento a mulheres em situações de violência, é ministério compartilhado dos ministros e das ministras com toda a comunidade.<sup>141</sup> Partindo desse entendimento, a partir do século XX, novamente as pessoas leigas ganharam espaço nas comunidades, no que diz respeito ao Aconselhamento.<sup>142</sup> “Segundo a compreensão neotestamentária, a poimênica é tarefa da congregação inteira [...]”.<sup>143</sup> A igreja toda é chamada a se preocupar, cuidar, apoiar e auxiliar, de alguma forma, aquele e aquela que sofre, o que também vale no caso de mulheres em situações de violências.

Membros de comunidades, enquanto pertencentes ao corpo de Cristo e incentivados pelo amor do próprio Cristo, são convidados a se colocarem ao lado também das mulheres em situações de violências, levando amor, ânimo, fortalecimento, apoio, compaixão, para que cada vez mais mulheres violentadas

---

<sup>138</sup> RINKLIN, 2014, p. 17.

<sup>139</sup> HURDING, 1995, p. 21.

<sup>140</sup> RINKLIN, 2014, p. 17.

<sup>141</sup> CLINEBELL, 2007, p. 25.

<sup>142</sup> RINKLIN, 2014, p. 17.

<sup>143</sup> CLINEBELL, 2007, p. 33.

possam vivenciar a sua integralidade, sua dignidade humana, a cura e o crescimento: “[...] o cuidado pastoral permanece ministério de toda comunidade cristã e fica essencialmente ligado com o discipulado de Cristo.”<sup>144</sup> Ou seja, o Aconselhamento Comunitário com mulheres em situações de violências pode ser promovido e executado não só por ministros e ministras, mas também por leigos e leigas das comunidades cristãs. Conforme Howard Clinebell: “O papel do pastor [ou pastora] consiste em treinar, inspirar e supervisionar as pessoas leigas no ministério de poimênica [...]”.<sup>145</sup>

Pessoas dispostas a auxiliar mulheres em situações de violências através do Aconselhamento Comunitário possibilitam cura e crescimento. “Somente se um número cada vez maior de nós aceitar esse desafio, é que nossas igrejas poderão cumprir sua missão de serem centros de treinamento e de capacitação para cura e libertação, integralidade e justiça!”<sup>146</sup>

### 3.4 Aconselhamento como ministério da comunidade

Cada pessoa cristã é convidada a se envolver no Aconselhamento Comunitário com mulheres em situações de violências tendo como exemplo o próprio Jesus. Percebe-se a importância desse ministério do Aconselhamento Comunitário a mulheres em situações de violência nas comunidades cristãs, bem como o papel de ministros e ministras no incentivo e formação de pessoas que se dispõem a assumir este ministério.

Conforme Luiz Henrique Solano Rossi, a igreja atual, na ânsia por crescimento numérico e financeiro, começou a priorizar grandes projetos e eventos, deixando de lado, muitas vezes, os relacionamentos; indo na mesma direção da sociedade, muitas comunidades cristãs têm oportunizado mais o consumismo religioso e têm trazido menos oportunidades para relacionamentos que possam curar feridas e gerar vida em abundância.<sup>147</sup> O Aconselhamento Comunitário com mulheres em situações de violências, como ministério da comunidade toda, quer resgatar a importância dos

---

<sup>144</sup> COELHO, Ana Alice Teixeira de Lima; HOCH, Lothar Carlos. **Aconselhamento em grupos na igreja local**. São Leopoldo. 2008. 47 f. Trabalho de Conclusão (Especialização em Aconselhamento e Psicologia Pastoral) - Escola Superior de Teologia, Programa de Pós-graduação, São Leopoldo, 2008. p. 36.

<sup>145</sup> CLINEBELL, 2007, p. 33.

<sup>146</sup> CLINEBELL, 2007, p. 384.

<sup>147</sup> ROSSI, 2006, p. 111.

relacionamentos solidários cotidianos, oportunizando-os e valorizando-os, tornando a igreja uma comunidade de cuidado e de apoio mútuo.

Um dos papéis de ministros e ministras no Aconselhamento Comunitário é incentivar, motivar, desafiar e equipar pessoas da comunidade cristã para este ministério, ou mesmo incentivar a formação daqueles e daquelas que se sentem desafiados/as por esta tarefa para servirem com seus dons, através do Aconselhamento Comunitário. Trata-se de capacitar pessoas para viverem de maneira solidária com aquelas mulheres que sofrem por causa da violência, assumindo cada qual sua responsabilidade cristã e social.<sup>148</sup>

Investir tempo em capacitação de leigos e leigas ao ministério de Aconselhamento Comunitário com mulheres em situações de violências é uma forma de aprofundar, ampliar e repartir o ministério do Aconselhamento com toda a comunidade. “Quando pessoas leigas engajadas tornam-se pastoras informais para seus vizinhos [e vizinhas], colegas e companheiros [e companheiras] membros da igreja, elas se tornam igreja – o corpo de Cristo servindo a quem está passando necessidade.”<sup>149</sup> Leigos e leigas podem prestar um Aconselhamento eficaz com mulheres em situações de violências oferecendo uma colaboração construtiva para as mulheres da comunidade, conseqüentemente, para a comunidade como um todo. “Este enfoque reconhece que a ajuda de Deus é mediada através da ajuda humana [...]”<sup>150</sup> Aconselhadores e aconselhadoras podem, através de suas ações e atitudes, demonstrar o imenso amor de Deus pelas mulheres violentadas.

Há pessoas que têm mais facilidade e habilidades para o Aconselhamento Comunitário, também estas não deveriam estar isentas de uma capacitação, mas seria importante que todos e todas que se dispõem ao Aconselhamento Comunitário a mulheres em situações de violência passassem por formação, o que tornaria o Aconselhamento ainda mais eficaz.<sup>151</sup> Lothar Carlos Hoch afirma que ninguém deveria se aventurar no ministério do Aconselhamento Comunitário sem antes ter passado por um processo de preparação.<sup>152</sup> A preparação, através da formação, para o

---

<sup>148</sup> SCHNEIDER-HARPPRECHT; ZWETSCH; HOCH, 2011, p. 274.

<sup>149</sup> CLINEBELL, 2007, p. 385.

<sup>150</sup> COELHO; HOCH, 2008, p. 29.

<sup>151</sup> COLLINS, Gary R. **Ajudando uns aos outros pelo aconselhamento**. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. p. 39.

<sup>152</sup> HOCH, Lothar. A comunicação como chave do aconselhamento pastoral. In: NOÉ, Sidnei Vilmar; HOCH, Lothar Carlos; WONDRAČEK, Karin Hellen Kepler. SIMPÓSIO DE ACONSELHAMENTO E PSICOLOGIA PASTORAL. 2002, São Leopoldo, RS. **Comunidade terapêutica**: cuidando do ser através de relações de ajuda. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, Sinodal, 2003. p. 103.

Aconselhamento Comunitário com mulheres em situações de violências é fundamental. Através desse preparo é possível alcançar mais facilmente bons resultados.

No acompanhamento com mulheres violentadas é importante ter o conhecimento de uma variedade de métodos para ajudá-las a lidar com seus problemas da melhor forma possível, ou seja, de uma forma que possam reagir à situação enfrentada com possibilidades de aprendizado e crescimento. “[...] quando lidamos com pessoas, temos que ter muito cuidado, muita cautela, muita sobriedade e especialmente um bom preparo.”<sup>153</sup> Ajudar mulheres em situações de violências sem preparo, pode ser perigoso e pode até mesmo piorar a situação, por isso se faz necessário a formação das pessoas que se dispõe a este serviço.

Não há receitas prontas que vão abranger a forma de lidar com todos os problemas humanos em toda sua complexidade.<sup>154</sup> Mas é importante investir na formação para capacitar pessoas a acompanharem mulheres em situações de violência com seriedade e competência, motivando as pessoas para viverem o amor, participando na transformação de situações de sofrimento, como é o caso das mulheres violentadas. Através da formação convida-se a amar e valorizar as pessoas em contraponto a todas as forças que destroem a vida. Essa formação visa preparar pessoas para se relacionarem mais livremente com situações de dor e sofrimento, medo, angústias, e incertezas, como é o caso de mulheres em situações de violências.

A base para o Aconselhamento Comunitário com mulheres em situações de violências é a comunhão e a convivência.<sup>155</sup> Conforme afirma Rossi: “Nossa sociedade sofre de uma grande dificuldade em estabelecer relacionamentos saudáveis e profundos.”<sup>156</sup> As comunidades cristãs podem oferecer esse grande diferencial a partir de relacionamentos consistentes, baseados no amor, na solidariedade, no apoio, no cuidado, no respeito. A partir da comunhão e da convivência é possível recuperar a integralidade de cada pessoa, inclusive das mulheres em situações de violência. Acolher essas mulheres em sua totalidade é

---

<sup>153</sup> SCHUBERT, Waldir Humberto. A intervenção pastoral em casos depressivos. In: NOÉ, Sidnei Vilmar; HOCH, Lothar Carlos; WONDRACEK, Karin Hellen Kepler. SIMPÓSIO DE ACONSELHAMENTO E PSICOLOGIA PASTORAL. 2002, São Leopoldo, RS. **Comunidade terapêutica: cuidando do ser através de relações de ajuda**. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, Sinodal, 2003. p. 94.

<sup>154</sup> COLLINS, 2000, p. 66.

<sup>155</sup> SCHNEIDER-HARPPRECHT; ZWETSCH; HOCH, 2011, p. 257.

<sup>156</sup> ROSSI, 2006, p. 123.

atentar para a relação entre fé e demais elementos que compõe o ser humano, como saúde por exemplo.<sup>157</sup>

Hurding, baseado em Rogers Truax e Carkhuff, cita uma tríade que diz ser essencial em um Aconselhamento eficaz: autenticidade, receptividade e distanciamento no momento oportuno e empatia. E explica que a autenticidade está relacionada com a transparência de relacionamentos e com a forma de agir e reagir a seus próprios sentimentos. Receptividade e distanciamento tratam do interesse e do respeito pela pessoa, mas não só isso; trata-se também de comunicar que realmente se importa, em uma atitude não julgadora, evitando tirar conclusões, não desconsiderando a pessoa. Tentar levar a pessoa à responsabilidade pessoal e independência saudável. Empatia é sensibilidade, compreensão, tentar compreender a outra pessoa e saber comunicar essa compreensão.<sup>158</sup>

É importante falar sobre as violências contra as mulheres nas mais diferentes programações da comunidade e informar que ministros e ministras e pessoas capacitadas estão dispostos/dispostas a acompanhar as mulheres em seus problemas sejam eles quais forem. Colocar essa ajuda à disposição das mulheres da comunidade.<sup>159</sup> Ou seja, colocar-se à disposição para uma eventual visita, ou para uma conversa é importante, para que mulheres que estejam passando por situações de violências se sintam animadas a buscar ajuda, e percebam, na comunidade cristã, um espaço de acolhida, de amor, de amparo, de cuidado.

Cada caso de violência contra a mulher é um caso. “Cada situação de crise é única, sem igual”.<sup>160</sup> As pessoas são diferentes, com mais ou menos experiência de vida, com características psicológicas diferentes, as circunstâncias mudam de caso para caso, cada qual lida do seu modo, ou seja, de formas diferentes com as crises. Apesar das experiências com a violência serem diferentes de caso para caso, quem já enfrentou casos de violência consegue entender com mais facilidade o que uma mulher violentada está passando, suas dores, angústias, dúvidas. Pessoas que passaram por algum problema podem auxiliar com mais facilidade aqueles e aquelas

---

<sup>157</sup> NOÉ, Sdnei Vilmar. Ideias introdutórias ao conceito comunidade terapêutica. In: NOÉ, Sidnei Vilmar; HOCH, Lothar Carlos; WONDRAČEK, Karin Hellen Kepler. SIMPÓSIO DE ACONSELHAMENTO E PSICOLOGIA PASTORAL. 2002, São Leopoldo, RS. **Comunidade terapêutica: cuidando do ser através de relações de ajuda**. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, Sinodal, 2003. p. 11.

<sup>158</sup> HURDING, 1995, p. 40-45.

<sup>159</sup> CLINEBELL, 2007, p. 83.

<sup>160</sup> COLLINS, 2000, p. 75.

que estão enfrentando problemas semelhantes.<sup>161</sup> Isto não quer dizer que quem não enfrentou o problema da violência não pode atuar neste ministério do Aconselhamento Comunitário com mulheres em situações de violências, mas quem já enfrentou casos de violências terá mais facilidade em lidar com o assunto e entender a situação.

Quando uma mulher violentada toma a iniciativa e vem procurar ajuda, é importante tentar rapidamente descobrir a natureza e urgência do problema, e marcar o encontro/conversa o mais rápido possível. Demonstrar, desde o primeiro encontro, compreensão e solicitude é importantíssimo, ouvir com atenção e empatia, para que o relacionamento seja fortalecido, mostrando disponibilidade para a continuidade do Aconselhamento e, se necessário, encaminhando para ajuda especializada.<sup>162</sup>

Durante a primeira conversa é importante formar uma percepção, impressão diagnóstica, buscando compreender os problemas, para então intervir com a ajuda necessária.<sup>163</sup> Primeiramente, é necessário refletir sobre o que precisa ser feito com urgência, quais os encaminhamentos necessários, o que pode ser feito para ajudar. Proporcionar apoio a essas mulheres violentadas para que elas encontrem a motivação e a força para seguirem em frente suas vidas, mas também para tornarem-se agentes de cura para si mesmas e para outras pessoas.<sup>164</sup> “Capacitar as pessoas a aumentar a construtividade de seu comportamento, bem como de seus sentimentos, atitudes e valores, é crucial no processo de ajuda.”<sup>165</sup>

O Aconselhamento Comunitário vê as mulheres violentadas com uma riqueza de forças, potencialidades e recursos que precisam ser descobertos, aprimorados e desenvolvidos. “Para ser eficaz, o aconselhamento deve engajar as pessoas ativamente na mobilização de seus próprios recursos para enfrentar e crescer”.<sup>166</sup> Ou seja, o Aconselhamento Comunitário auxilia a mulher violentada a refletir, pensar, decidir. Assim, através do Aconselhamento Comunitário, a comunidade cristã caminha junto a mulheres violentadas, refletindo sobre formas de lidar com a violência sofrida, com os problemas, com as crises, com as dificuldades, com o pesar e a dor, fazendo com que a própria mulher violentada possa pensar caminhos a partir da sua própria experiência, tirando suas conclusões e tomando suas decisões.

---

<sup>161</sup> CLINEBELL, 2007, p. 401.

<sup>162</sup> CLINEBELL, 2007, p. 71.

<sup>163</sup> CLINEBELL, 2007, p. 79.

<sup>164</sup> CLINEBELL, 2007, p. 53-54.

<sup>165</sup> CLINEBELL, 2007, p. 26.

<sup>166</sup> CLINEBELL, 2007, p. 80.

Não se pode subestimar o poder do pecado, da maldade, da alienação e da destrutividade humana.<sup>167</sup> Os casos de violências são os mais diferentes. Histórias de mulheres violentadas relatam sofrimento, dor, desespero. Faz-se necessário estar preparados e preparadas para ouvir de tudo. Por isto é oportuna a frase: “Esteja disposto a crer no incrível.”<sup>168</sup> Ouvir sem julgar, afirmando a confidencialidade das conversas nos aconselhamentos é muito importante.<sup>169</sup>

Algumas dicas importantes podem auxiliar no Aconselhamento Comunitário com mulheres em situações de violências: respeitar a mulher que está falando e não a intimidar; compartilhar, no devido tempo, aquilo que ajudou em outros casos a superar as dificuldades; lembrar que não faz parte do Aconselhamento Comunitário fazer sermões ou discursos, julgar, mas sim, pensar e refletir, junto com a mulher violentada, possibilidades que possam auxiliar no processo de cura. Conforme Hurdling, é importante que conselheiro/conselheira e aconselhanda tenham expectativas e objetivos semelhantes. Se o objetivo de uma mulher que está sendo violentada é enfrentar as violências e de quem a está aconselhando é torna-la cristã, por exemplo, então dificilmente se desenvolverá um relacionamento construtivo.<sup>170</sup> No Aconselhamento a ênfase não está em “pregar” a Cristo através de sermões e pregações, mas apresentar um testemunho de vida coerente com o que se crê através dos relacionamentos pautados no amor, no apoio, na solidariedade e no cuidado.

Os símbolos religiosos como Bíblia, imagens, conceitos, histórias, oração, são importantes e podem contribuir no Aconselhamento, mas é preciso ter cuidado e saber a hora e a forma de usá-los. “Tais símbolos e práticas significam coisas diversas para pessoas diversas.”<sup>171</sup> Os símbolos religiosos podem representar uma profunda carga ou algo libertador. É preciso avaliar o quadro da mulher violentada para ver se é o momento apropriado para inserir algum símbolo. Quando for usar símbolos religiosos, sempre perguntar antes se o uso de algum símbolo seria significativo e importante para a mulher.<sup>172</sup> A oração, quando aceita, pode ser um componente importante no Aconselhamento Comunitário com mulheres em situações de violências. Pode-se orar com a mulher que está sendo aconselhada ou animar a própria mulher a dizer em

---

<sup>167</sup> CLINEBELL, 2007, p. 55.

<sup>168</sup> LANGBERG, Diane Mandt. **No limiar da esperança**: abrindo as portas para a cura de vítimas de abuso sexual. Curitiba, PR: Editora Evangélica Esperança, 2003. p. 229.

<sup>169</sup> CLINEBELL, 2007, p. 80.

<sup>170</sup> HURDLING, 1995, p. 48.

<sup>171</sup> CLINEBELL, 2007, p. 117.

<sup>172</sup> CLINEBELL, 2007, p. 118.

oração, silenciosamente ou não, o que sente, o que pensa, colocando diante de Deus os sentimentos.<sup>173</sup>

Na sociedade de hoje, em muitos casos, mulheres são responsabilizadas pelos fracassos nos relacionamentos, incluindo o matrimônio. Assim sendo, a sensação de culpa é intensa.<sup>174</sup> Atitudes, palavras ou expressões julgadoras reforçam esse sentimento de culpa, fracasso e rejeição nas mulheres violentadas. Grupos ou pessoas da comunidade que estão dispostas a auxiliar mulheres através do Aconselhamento Comunitário não devem julgar, mas escutar pacientemente, demonstrando apoio, repassando orientações que conhecem em relação a atendimentos a mulheres em situações de violência, direitos; repassando telefones e endereços que podem ser necessários em casos de agressão; encorajando a procurar ajuda nos serviços de atendimento e acompanhamento; denunciando casos de violência, falando contra relações de gênero injustas, linguagens e estereótipos machistas, sexistas e opressores.<sup>175</sup>

Em casos de violência crônica é preciso aconselhar e ajudar a mulher com os filhos e filhas a encontrarem um lugar seguro (parentes ou abrigo para mulheres violentadas), encorajar a denúncia e abertura de processo de separação.<sup>176</sup> Pode-se aconselhar a mulher vitimada a gritar por socorro, chamar alguém que possa impedir a agressão; ligar para 180 (gratuito, funciona 24h) /190/153; prestar queixa em uma delegacia; em caso de estupro, alertar para a vítima não se medicar por conta própria, mas aguardar prescrição médica; procurar assistência via defensoria pública; procurar apoio em grupos de mulheres; procurar centros de atendimento especializados em violência contra mulher.<sup>177</sup> Em caso de estupro, acompanhar imediatamente a mulher na busca de ajuda médica. É preciso identificar se é possível um Aconselhamento de casais, mas sempre acompanhado do Aconselhamento individual.<sup>178</sup>

O encaminhamento a um profissional especializado pode ser necessário. Por exemplo, em casos de depressão severa, em casos em que a mulher faz ameaças contra si ou contra outras pessoas, se a mulher tem visões ou ouve sons estranhos,

---

<sup>173</sup> RINKLIN, 2014, p. 27.

<sup>174</sup> CLINEBELL, 2007, p. 225.

<sup>175</sup> CORNAGLIA, Graciela Patrícia. **Prevenção à violência contra as mulheres**: caderno 1: conceitos e tipos de violência, Legislação, Rede de Atendimento à Mulher. Secretaria Municipal de Políticas para Mulheres. São Leopoldo: CEPI, 2010. p. 24-25.

<sup>176</sup> CLINEBELL, 2007, p. 296.

<sup>177</sup> CORNAGLIA, 2010, p. 23.

<sup>178</sup> CLINEBELL, 2007, p. 296.

se tem perguntas teológicas que o aconselhador ou aconselhadora não sabe responder, se está com problemas que precisam envolver justiça/advogados/advogadas etc., precisa ser encaminhada para um/uma profissional especializado/especializada.<sup>179</sup> “[...] mas sempre devemos lembrar-nos de que o encaminhamento não é uma confissão de fracasso. Pode ser um passo relevante para ajudar as pessoas com seus problemas.”<sup>180</sup> Até porque o aconselhador ou aconselhadora pode continuar aconselhando, mesmo após ter encaminhado para um profissional específico.

A tarefa não é fácil e, por vezes, até mesmo, dolorosa. Pois, ao ouvir histórias de violências das mulheres, seus medos, amarguras, dores e desafios, cada qual se confronta consigo mesmo/mesma, com seu mundo interior, com seus sentimentos, com suas histórias de dor e sofrimento.<sup>181</sup> Apesar de não ser fácil acompanhar mulheres em situações de violências é possível e gratificante, pois se trata de resgatar a dignidade humana dessas mulheres que sofreram ou sofrem com as violências, e levar o amor de Deus a essas mulheres.

### **3.5 Perfil de um aconselhador/uma aconselhadora**

No dia a dia as pessoas normalmente desempenham o papel de aconselhores/aconselhadoras, mesmo sem se darem conta disso. Em determinadas situações diárias pessoas aconselham alguém da família, amigos e amigas, vizinhos e vizinhas, por exemplo. Ou seja, qualquer pessoa da comunidade cristã pode fazer parte do Aconselhamento Comunitário mulheres em situações de violências. Não se está ignorando ou descartando os/as profissionais nesta área, psicólogos e psicólogas ou psiquiatras, assistente social, ministros religiosos e ministras religiosas etc., mas o que se quer frisar é que os/as profissionais não são os únicos que podem prestar ajuda através do Aconselhamento. Profissionais prestam uma ajuda especializada, mas pessoas, das mais diferentes, podem com uma formação adequada serem bons e boas aconselhores e aconselhadoras. Não é preciso deixar a tarefa do Aconselhamento exclusivamente para profissionais treinados.

---

<sup>179</sup> COLLINS, 2000, p. 67.

<sup>180</sup> COLLINS, 2000, p. 68.

<sup>181</sup> CLINEBELL, 2007, p. 15.

Alguém que pretende ser um aconselhador ou uma aconselhadora com mulheres em situações de violências precisa reconhecer o grave problema das violências contra as mulheres; estar ciente das inúmeras situações de opressão e violências que as mulheres enfrentam diariamente, inclusive por parte de comunidades cristãs; reconhecer que as violências também acontecem em meio a famílias cristãs. A partir daí se colocar à disposição para acompanhar mulheres violentadas, auxiliar e buscar alternativas de enfrentamento as violências.

O amor é a principal característica de quem pretende se integrar no ministério do Aconselhamento Comunitário e é exigência fundamental para quem decide acompanhar mulheres em situações de violências através do Aconselhamento Comunitário. Gary Collins diz que “Francis Schaeffer chamou o amor ‘a marca do cristão’.”<sup>182</sup> O apóstolo João, em 1 João 4.7-11, diz que quem é cristão/cristã é alguém que vive em amor. Consequentemente, seguidores e seguidoras de Cristo são pessoas amorosas. Conselheiros bem-sucedidos e conselheiras bem-sucedidas não o são tanto por seus conhecimentos e técnicas, mas por seu amor, empatia e autenticidade.<sup>183</sup> Diane Mandt Langberg, falando do acompanhamento a mulheres em situações de violência, traz uma frase importantíssima: “Sou chamada para estar presente e amar.”<sup>184</sup> Este é o grande diferencial do Aconselhamento Comunitário com mulheres em situações de violências praticado por cristãos e cristãs, o saber-se amado por Deus e enviado/enviada pelo próprio Deus a amar como Ele amou. 1 João 4.19 diz: “Nós amamos porque Ele nos amou primeiro”. Cristãos e cristãs foram acolhidos e acolhidas, amados e amadas e perdoados e perdoadas por Deus em Cristo, sem merecer, por pura graça, assim são convidados e convidadas também a estender este amor aqueles e aquelas que os rodeiam, o que inclui as mulheres em situações de violência. Sidnei Vilmar Noé, Lothar Carlos Hoch, Karin Hellen Kepler Wondracek afirmam: “[...] nós somos porta-vozes do Evangelho através da nossa postura toda e não apenas com a nossa boca.”<sup>185</sup> Ou seja, o amor move para a prática cotidiana. Daniel Schipani afirma que aconselhadores cristãos e aconselhadoras cristãs devem ver-se como sábios cuidadores e sábias cuidadoras.<sup>186</sup> É o amor sendo colocado em prática nos relacionamentos diários.

---

<sup>182</sup> COLLINS, 2000, p. 18.

<sup>183</sup> COLLINS, 2000, p. 31.

<sup>184</sup> LANGBERG, 2003, p. 226.

<sup>185</sup> NOÉ; HOCH; WONDRAECK; 2003, p. 100.

<sup>186</sup> SCHIPANI, 2003, p. 62.

Aconselhores e aconseladoras ouvem sobre os mais diferentes problemas e dificuldades, sobre dores na pele e na alma, por isso é tão importante sensibilidade, empatia e aptidão. Características estas de alguém dotado de amor. “O amor que cura – o amor vigoroso que junta solicitude com confrontação – é essencial em toda poimênica e em todo aconselhamento pastoral.”<sup>187</sup> Este mesmo amor faz com que seja possível enxergar o potencial de cada pessoa, muitas vezes escondido. “Como aconselhores e aconseladoras comunitárias, é necessário pôr os óculos do crescimento, que nos tornam capazes de ver e de afirmar as potencialidades dadas por Deus às pessoas.”<sup>188</sup> Aconselhores Comunitários e Aconseladoras Comunitárias com mulheres em situações de violências são um instrumento à serviço do crescimento dessas mulheres que necessitam de ajuda e apoio, e é importante o comprometimento desses aconselhores e dessas aconseladoras com a causa das mulheres, com a busca pela dignidade, paz, não violências, com o cuidado ao outro/a outra, com a ternura, a ética e a compaixão.

Entre as características que podem ser observadas em um aconselhador ou uma aconseladora está o ouvir. “[...] o primeiro serviço que alguém deve prestar ao outro na comunidade é ouvi-lo.”<sup>189</sup> Ouvir atentamente, observar cuidadosamente e buscar compreender expressões verbais ou não; responder empaticamente; buscar entendimento dos fatos, clareando a situação; explorar áreas que não foram abordadas pela pessoa, efetuar confrontação na hora adequada e de maneira apropriada.<sup>190</sup> Faz parte deste ouvir o sigilo, o que é importantíssimo.<sup>191</sup>

São muitas as características que definem um aconselhador ou uma aconseladora, mas é importante lembrar que cada um/cada uma é dotado/dotada de alguns dons e não de todos. Ninguém deve se sentir obrigado/obrigada a ter todas as características, mas na comunidade um/uma complementa o outro/a outra. “Ao lado da consciência de nossas notáveis possibilidades, é essencial estarmos conscientes de nossa finitude, de nossas limitações e de nosso quebrantamento.”<sup>192</sup> As pessoas que se dispõem a refletir o tema do enfrentamento às violências e acompanhamento a mulheres em situações de violências, não tem que ter, e não tem, todas as

---

<sup>187</sup> CLINEBELL, 2007, p. 53.

<sup>188</sup> CLINEBELL, 2007, p. 53.

<sup>189</sup> CARRETEIRO; ARMANGE, 2009, p. 28.

<sup>190</sup> CLINEBELL, 2007, p. 89.

<sup>191</sup> SILVA, 2014, p. 61.

<sup>192</sup> CLINEBELL, 2007, p. 49.

respostas, nem mesmo estão ali para oferecer respostas prontas. No Aconselhamento não se oferece respostas e soluções prontas e pré-concebidas, mas empenha-se pela busca conjunta de pistas e alternativas.<sup>193</sup> É importante que cada ser humano tenha consciência de suas limitações, não é diferente com quem se dispõe a acompanhar mulheres violentadas.<sup>194</sup> É preciso ter cuidado para não oferecer às mulheres vítimas das violências respostas prontas e soluções simplistas ou até mesmo encorajar o abandono de uma terapia especializada. Quem optou por este ministério coloca-se à disposição para caminhar junto, demonstrar amor e cuidado e auxiliar no desenvolvimento de estratégias, organização de pensamento, enfrentamento às violências. Não é tarefa de a pessoa fornecer respostas prontas. Importante lembrar sempre das palavras do apóstolo Paulo, que estão em 1Co 3.6: “Eu plantei, Apolo regou; mas o crescimento veio de Deus.” Deve-se fazer o possível, dar o máximo de si, mas estar consciente que a capacidade última de crescimento vem de Deus.

É importante que o aconselhador ou aconselhadora não assuma nenhum papel de especialista como: assistente social, psicólogo, psiquiatra, pedagogo e médico, fazendo interpretações ou análises que são provenientes das mais diversas especialidades.<sup>195</sup> Mas quando perceber a necessidade de um acompanhamento por parte destes profissionais, as mulheres devem ser encaminhadas a estes/as profissionais especializados/especializadas.

Quem se dispõe a acompanhar pessoas fragilizadas, sofridas, perdidas, afetadas pelo pecado no caos, no abismo, em trevas, no vale das sombras – por meio do Aconselhamento Comunitário, especialmente deverá saber que se trata de uma tarefa que não é meramente humana. Procede de Deus. Wondracek escreve que como conselheira, muitas vezes, diante da crise dos que buscam ajuda, se pergunta se poderia dar conta diante do caos. E a resposta é não. Mas o sopro do Espírito pode ser uma auxiliadora, uma parteira de algo novo, ou daquilo que pode ser recriado, do que poderá nascer de novo.<sup>196</sup> Aconselhamento Comunitário com mulheres em situações de violências é tarefa confiada por Deus e por isso é importante que seja realizado em cooperação e conexão com Ele.

---

<sup>193</sup> HOCH, 2003, p. 99.

<sup>194</sup> LANGBERG, 2003, p. 233.

<sup>195</sup> COELHO; HOCH, 2008, p. 34.

<sup>196</sup> WILKE; WONDRAECK, 2007, p. 36.

No decorrer da vida o ser humano está sempre em constante aprendizado, assim também acontece no Aconselhamento Comunitário com mulheres em situações de violências. O Cristo em cada pessoa vai se desenvolvendo e se intensificando a cada dia. “A conselheira vai sendo gestada no labor do aconselhamento.”<sup>197</sup>

### **3.6 Visitação como parte fundamental do Aconselhamento Comunitário com mulheres em situações de violências**

A visitação é uma forma importante de Aconselhamento Comunitário com mulheres em situações de violências. Através da visitação a comunidade cristã se relaciona com a realidade dos membros, descobrindo tanto suas alegrias, quanto suas dificuldades. O que envia pessoas cristãs para a visitação é o fato de que Deus ama e se importa com sua criação. Deus em Jesus visitou o seu povo. Esse amor de Deus leva cristãs e cristãos à reflexão sobre a realidade e a agir a partir do que foi diagnosticado. Pessoas cristãs não deveriam ficar indiferentes ao sofrimento alheio, mas ao percebê-lo são convidadas pelo próprio Deus a fazer o possível para amenizá-lo e eliminá-lo.

Nordstokke, ao se referir ao assunto do cuidado, diz que deveria haver nas pessoas cristãs, a partir do amor de Deus pelo ser humano, um impulso religioso, ético, político e social que move cada um/cada uma a não se acomodar com a realidade, mas reagir diante das injustiças dizendo: “Assim não pode ser, algo precisa ser feito!”<sup>198</sup> Ou seja, o imenso amor de Deus, acolhido na fé, move comunidades cristãs a análises e reflexões sociopolíticas e éticas, gerando ações que visam o resgate da dignidade humana. Esse amor que gera indignação com a realidade e se move para fazer diferença, não deveria ficar limitado ao espaço religioso da Igreja, mas ser ampliado e estendido para a realidade em que as pessoas vivem. Por isso a importância da visitação, do ir em direção ao próximo, conhecer qual é a realidade de cada um/de cada uma. Roseli Oliveira afirma: “[...] precisamos nos dar conta de como é difícil buscar ajuda quando as coisas não vão bem!”<sup>199</sup> Procurar ajuda, para uma mulher que está sendo violentada, pode ser algo extremamente difícil, por uma série

---

<sup>197</sup> WILKE; WONDRACEK, 2007, p. 46.

<sup>198</sup> NORDSTOKKE, 2017.

<sup>199</sup> OLIVEIRA, Roseli. Cuidando do ser na família: reflexões. In: NOÉ, Sidnei Vilmar; HOCH, Lothar Carlos; WONDRACEK, Karin Hellen Kepler. SIMPÓSIO DE ACONSELHAMENTO E PSICOLOGIA PASTORAL. 2002, São Leopoldo, RS. **Comunidade terapêutica: cuidando do ser através de relações de ajuda**. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, Sinodal, 2003. p. 28.

de questões como vergonha, medo, exposição, por exemplo. O amor de Deus pelas pessoas impulsiona as pessoas cristãs a agir em favor de outros e outras, indo ao encontro destas. Nordstokke afirma que o Evangelho, as boas novas se manifestam principalmente no amor!<sup>200</sup> Esse amor se manifesta também quando a comunidade cristã vai em direção às pessoas, procurando conhecê-las e procurando saber de suas necessidades, dificuldades e sofrimentos, colocando-se à disposição para ajudar.

O medo de serem julgadas, por exemplo, faz com que algumas mulheres evitem buscar ajuda em ministros e ministras e até mesmo em membros de comunidades cristãs. Tomar a iniciativa e ir em direção às mulheres da comunidade para saber como estão é algo louvável. O contato com as famílias é um recurso extraordinário e de fácil acesso, aos aconselhadores e aconselhadoras cristãs.<sup>201</sup> Visitas aos lares podem constituir uma valiosa parte do aconselhamento. Como diz Hildegart Hertel: “É um sentimento gratificante saber que existe alguém que nos ouve e poderá estar ao nosso lado, seja de uma ou outra forma, quando em dificuldade.”<sup>202</sup>

O Aconselhamento Comunitário com mulheres em situações de violências pode ser desenvolvido em qualquer espaço comunitário, como igrejas, centros comunitários, ou mesmo espaço livre do jardim ou praças.<sup>203</sup> Mas, é importante lembrar que a maioria dos aconselhamentos não acontece naquela conversa de horário marcado, mas em situações informais da vida cotidiana, em uma visita despreziosa por exemplo. O aconselhador ou aconselhadora, percebendo algum sinal de violência, pode tomar a iniciativa, entrando em contato com a vítima da violência, estabelecendo um relacionamento de confiança, para que a mulher envolvida se sinta segura para aceitar ajuda.<sup>204</sup> As conversas podem ser marcadas antecipadamente. No entanto, chegar de surpresa pode ser uma boa tática para se observar o andamento natural da rotina familiar.

O telefone pode ser um complemento interessante no Aconselhamento Comunitário com mulheres em situações de violências. Uma ligação entre uma visita e outra pode afirmar o apoio, colocar-se à disposição para eventuais conversas,

---

<sup>200</sup> NORDSTOKKE, 2017.

<sup>201</sup> CLINEBELL, 2007, p. 64.

<sup>202</sup> HERTEL, Hildegart. Redes sociais e qualidade de vida. In: NOÉ, Sidnei Vilmar; HOCH, Lothar Carlos; WONDRACEK, Karin Hellen Kepler. SIMPÓSIO DE ACONSELHAMENTO E PSICOLOGIA PASTORAL. 2002, São Leopoldo, RS. **Comunidade terapêutica: cuidando do ser através de relações de ajuda**. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, Sinodal, 2003. p. 32.

<sup>203</sup> SILVA, 2014, p. 31.

<sup>204</sup> CLINEBELL, 2007, p. 34.

deixando claro que a mulher pode ligar sempre que precisar e não deve hesitar em fazer isso, é de extrema importância.<sup>205</sup>

Se já existe por parte de membros da comunidade cristã um acompanhamento a mulheres em situações de violências, a famílias pertencentes à comunidade, será mais fácil diagnosticar situações de violência, por exemplo, e mais facilmente as pessoas atingidas aceitarão a ajuda, pois já tem conhecimento e confiança naqueles/naquelas que oferecem ajuda. “Quanto mais próximo estamos da pessoa em crise – quanto mais temos consciência da situação – tanto mais provável é que seremos procurados, e tanto mais facilmente podemos intervir [...]”<sup>206</sup>

Segundo Collins, os melhores aconselhadores e aconselhadoras serão aqueles e aquelas que estão mais próximos a pessoas que enfrentam a crise, aqueles e aquelas que as pessoas em crise já conhecem, já têm confiança.<sup>207</sup> Ou seja, a comunidade cristã tem grande importância na vida das pessoas e quando é uma comunidade presente, consegue com muito mais facilidade cumprir com o papel de ajudadora. Somente em um relacionamento de confiança pode-se lidar com sentimentos como de culpa intensa, raiva, pânico, baixa autoestima e impulsos sexuais, rompendo com o efeito sufocante destes sentimentos sobre vidas.<sup>208</sup> Será muito mais difícil uma mulher que está passando por situações de violências aceitar a ajuda de estranhos, do que de alguém que já a tem acompanhado, tem demonstrado amor, carinho e preocupação com sua vida, se colocando à disposição para ajudar sempre que for necessário. O grau de conhecimento e de proximidade de aconselhadores/aconselhadoras com a mulher violentada contribuirá no processo de Aconselhamento.

### **3.7 As Redes de Apoio**

Fé é algo vivo que se manifesta nas relações, não apenas na relação da pessoa com Deus, mas também nas relações cotidianas pessoais. Fé inclui ação.<sup>209</sup> Nesse sentido, pessoas cristãs são chamadas a se envolver em ações de enfrentamento à violência e se engajar no acompanhamento a mulheres em situações de violências. A

---

<sup>205</sup> CLINEBELL, 2007, p. 85.

<sup>206</sup> COLLINS, 2000, p. 76.

<sup>207</sup> COLLINS, 2000, p. 76.

<sup>208</sup> CLINEBELL, 2007, p. 81.

<sup>209</sup> NORDSTOKKE, 2017.

partir desse engajamento no Aconselhamento Comunitário com mulheres em situações de violências, cristãos e cristãs podem fazer parte de Redes de Apoio às mulheres em situações de violências.

As Redes de Apoio são ferramentas importantíssimas no enfrentamento às violências e no acompanhamento e apoio a mulheres em situações de violências. “As redes de apoio e Atendimento a mulheres em situação de violência é [são] uma articulação de serviços do poder público com organizações não governamentais e grupos da sociedade civil.”<sup>210</sup> Portanto, sendo a comunidade cristã um grupo da sociedade civil, pode fazer parte destas redes. Existem vários projetos das Redes de Apoio Social a mulheres em situações de violências com o intuito de promoção das potencialidades de cada uma. Por meio dos projetos das Redes de Apoio as mulheres em situações de violências, estas são estimuladas em suas capacidades resilientes.<sup>211</sup>

O conceito de Rede de Apoio teve seu início com John Barnes, em 1954. O conceito foi empregado para descrever as relações entre as pessoas que geram laços, seja de parentesco, vizinhança, amizade ou proximidade. O conceito se baseia em desejos e escolhas dos indivíduos, registrando a diversidade de cada indivíduo.<sup>212</sup> A Rede de Apoio é caracterizada pelo cuidado, um grupo de ajuda mútua, onde um cuida do outro.<sup>213</sup> As Redes são uma alternativa de apoio e amparo em meio sofrimento.<sup>214</sup>

Rede é uma unidade relacional que tem uma história constituída pelos laços de família, vizinhança, de amizade e de trabalho. Conceitos como cultura, discurso e discurso coletivo, desejo e desejo coletivo, dependência e autonomia se associam ao conceito de rede [...].<sup>215</sup>

---

<sup>210</sup> LIRA, Lilian Conceição da Silva; SOARES, Ilcéia Alves; LISBOA, Ester Leite. **Prevenção e enfrentamento à violência doméstica contra as mulheres**. Serviço anglicano de diaconia e desenvolvimento da igreja episcopal anglicana do Brasil. São Paulo/SP: Livraria Anglicana, Fonte Editorial, 2013. p. 32.

<sup>211</sup> COSTA, Celoi Araujo dos Santos; VOIGT, Emilio. **Projeto Rede de Apoio Social: transformando sofrimento em competência**. São Leopoldo. 2009. 85 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Práticas Sociais e Cuidado) - Escola Superior de Teologia, Programa de Pós-graduação, São Leopoldo, 2009. p. 13.

<sup>212</sup> FRIGOTTO, Silvana Maria. **Mudança social e os impactos na rede de atenção, apoio, cuidado e proteção da mulher**. São Leopoldo. 2014. 136 f. Dissertação (Mestrado) - Escola Superior de Teologia, Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo/RS: 2014. p. 50-51.

<sup>213</sup> COSTA; VOIGT, 2009, p. 15.

<sup>214</sup> COSTA; VOIGT, 2009, p. 42.

<sup>215</sup> FRIGOTTO, 2014, p. 51.

Estes grupos e organizações, chamadas Redes de Apoio, atuam de forma a auxiliar as mulheres vítimas de violências, oferecendo atendimento qualificado e quando necessário, encaminhamento, e desenvolvem ações de prevenção, educação, informações.<sup>216</sup> As comunidades cristãs podem fazer parte destas Redes de Apoio às mulheres em situações de violências através do Aconselhamento Comunitário com mulheres em situações de violências.

A Rede de Apoio e atendimento a mulheres em situações de violências abrange os setores da saúde, assistência social, justiça, segurança pública. Compreende serviços como os abrigos, as DEAMs (Delegacia Especializada no Atendimento à mulher), centros de referência, defensoria da mulher, promotorias, núcleos de gênero, juizados especializados em violências contra a mulher, central de Atendimento à mulher. Estes, por sua vez, realizam campanhas de prevenção, conscientização e enfrentamento às violências contra as mulheres; através deles é possível prestar queixa, registrar ocorrência e solicitar medidas protetivas; prestam acolhimento e acompanhamento.<sup>217</sup> Conforme Silvana Maria Frigotto: “A intervenção de rede, portanto, trabalha sobre o risco de vulnerabilidade das pessoas e pode reduzi-lo consideravelmente, à medida que consegue ampliar, em quantidade e qualidade, o capital de relações humanas à disposição.”<sup>218</sup> As redes podem intensificar positivamente os efeitos do aconselhamento.<sup>219</sup> Assim como o Aconselhamento pode intensificar os trabalhos e contribuir para bons resultados das Redes de Apoio. Quanto mais pessoas e grupos fizerem parte das Redes de Apoio a mulheres em situações de violência melhor, como afirma Lira: “[...] para que seja possível uma assistência qualificada, integral e não-revitimizante à mulher em situação de violência.”<sup>220</sup>

As principais Redes são as primárias e as secundárias. Transparecem propriedades como transparência, flexibilidade, resistência e reciprocidade. Possuem função de suporte, contenção e controle. Muitas vezes, empregada para que as pessoas se deem conta de seus problemas e necessidades.<sup>221</sup>

A rede primária tem normalmente sua maior representação na família, enquanto a rede secundária, no estado e demais organizações da sociedade

---

<sup>216</sup> LIRA; SOARES; LISBOA, 2013, p. 32.

<sup>217</sup> LIRA; SOARES; LISBOA, 2013, p. 32-33.

<sup>218</sup> FRIGOTTO, 2014, p. 34.

<sup>219</sup> CLINEBELL, 2007, p. 33.

<sup>220</sup> LIRA; SOARES; LISBOA, 2013, p. 32.

<sup>221</sup> FRIGOTTO, 2014, p. 51.

civil, a qual, mesmo se constituindo como rede secundária, desenvolve também importante papel de mediação entre o Estado e a família.<sup>222</sup>

Fazem parte da Rede primária a família, parentes, amigos, e colegas de trabalho. A Rede primária confere a cada sujeito a identidade e o sentimento de pertença. Frigotto afirma: “A família é a organização mais importante da rede primária [...]”.<sup>223</sup> Em casos de mulheres que enfrentam situações de violências, as comunidades cristãs, que fazem parte da Rede secundária, podem surgir como apoio na ausência de laços na primeira Rede ou no intuito de formar novos laços.

Cada pessoa nasce dentro da Rede primária, mas no decorrer da vida é livre para fazer opções e ir além dela e formar outras Redes. O Espírito Santo de Deus anima cada pessoa cristã a transformar sua vida e afirmá-la a partir de Cristo, buscando vida também para outras pessoas, inclusive em meio ao sofrimento.<sup>224</sup> Assim, cristãos e cristãs podem fazer parte das Redes secundárias prestando funções de ajuda, serviços, assistência, fornecimento de auxílios e intervenções em casos de violências contra as mulheres.

“As redes sociais, tanto primárias quanto secundária, são caracterizadas por três dimensões: sua estrutura, suas funções e sua dinâmica.”<sup>225</sup> A estrutura é dada pelo conjunto de laços e conexões entre as pessoas, que, quando acionada, gera as Redes. Desempenham inúmeras funções, resumidas no apoio e contenção. A dinâmica são os acontecimentos que se produzem nas Redes, o cotidiano, as circunstâncias, os eventos, os acontecimentos repetitivos: “[...] dada as lacunas da Rede primária é que se faz imprescindível o apoio da Rede secundária.”<sup>226</sup> Muitas mulheres, por terem se afastado de sua rede primária, por diversos motivos, vivem isoladas, pois não dispõem ou não encontraram uma rede substituta de apoio, uma Rede secundária.

Em situações de violências contra mulheres a intervenção da Rede se dá a partir de uma ação, de um pedido de ajuda ou de uma situação crítica. As Redes buscam formas para enfrentar a necessidade do indivíduo, fortalecendo a qualidade dos relacionamentos.<sup>227</sup> Nordstokke fala de quatro pontos fundamentais na vida das

---

<sup>222</sup> FRIGOTTO, 2014, p. 50.

<sup>223</sup> FRIGOTTO, 2014, p. 53.

<sup>224</sup> SCHNEIDER-HARPPRECHT; ZWETSCH; HOCH, 2011, p. 261.

<sup>225</sup> FRIGOTTO, 2014, p. 51.

<sup>226</sup> FRIGOTTO, 2014, p. 33.

<sup>227</sup> FRIGOTTO, 2014, p. 58.

pessoas cristãs: ver, mover-se, aproximar-se e atuar.<sup>228</sup> Em outras palavras, pessoas cristãs são desafiadas pela fé a estar de olhos atentos para a realidade e perceber onde a dignidade humana não está sendo respeitada. A partir da reflexão cada pessoa é convidada a mover-se em direção aos que necessitam de auxílio, as mulheres em situações de violências, por exemplo; aproximando-se dessas mulheres, refletindo e pensando alternativas para o restabelecimento da dignidade.

Aconselhamento Comunitário com mulheres em situações de violências não lida com indivíduos isolados, cada mulher faz parte de alguma Rede, que pode ser a família, a vizinhança, o bairro, a equipe de trabalho etc. Suas reações, muitas vezes são determinadas pelas interações com estes.<sup>229</sup> Por isso é importante que as Redes secundárias tenham uma planilha com dados de cada participante, contendo referências da Rede primária; que registrem observações, reflexões, encontros e acontecimentos; tenham conhecimento de outras redes e pessoas-profissionais que podem ser úteis, que podem oferecer suporte.<sup>230</sup> Enquanto igreja, o papel é primeiramente ter conhecimento das Redes de Atendimento às Mulheres na localidade em que a comunidade está inserida, divulgá-las e tornar-se parte dessa rede, quando necessário a elas recorrer, a elas encaminhar mulheres que enfrentam situações de violência.<sup>231</sup> Assim, através do Aconselhamento Comunitário, as comunidades estarão fazendo parte dessas Redes de Apoio a mulheres em situações de violências e conseqüentemente, tendo mais recursos para auxiliar estas mulheres.

Todo o ser humano enfrenta crises no decorrer de sua vida. Essas crises podem surgir com a morte de um ente querido, ou outras perdas; doenças; contendas; um acidente; uma reprovação na escola ou faculdade; um caso de violência etc. Nestes momentos de crises as pessoas voltam-se primeiramente a familiares, amigos e amigas, vizinhos e vizinhas, mas nem sempre encontram nesses o auxílio que procuravam, então, muitas vezes, recorrem a ministros e ministras, lideranças religiosas, membros de comunidades cristãs.<sup>232</sup> Ou seja, as crises fazem parte da vida do ser humano, e em meio a essas crises, pessoas de comunidades cristãs podem ser um auxílio, através do Aconselhamento Comunitário. Mulheres que estão passando por situações de violências estão passando por crises em suas vidas e seria

---

<sup>228</sup> NORDSTOKKE, 2017.

<sup>229</sup> SCHNEIDER-HARPPRECHT; ZWETSCH; HOCH; 2011, p. 275.

<sup>230</sup> FRIGOTTO, 2014, p. 62-63.

<sup>231</sup> LIRA; SOARES; LISBOA, 2013, p. 34.

<sup>232</sup> COLLINS, 2000, p. 73.

muito louvável se alguém da comunidade cristã se colocasse à disposição para ajudá-las a enfrentar e passar por esta crise. A pergunta é: as comunidades cristãs estão abertas para receberem e acompanharem mulheres violentadas e têm espaços para estas mulheres? Jesus envolvia a comunidade em seu ministério; nos textos de Marcos 5.43 e Marcos 6.37, por exemplo, Jesus busca a participação comunitária. Conforme os textos citados, dar de comer é uma das formas com que a comunidade pode colaborar.<sup>233</sup> A participação da comunidade no acompanhamento com mulheres em situações de violências e no enfrentamento às violências é muito significativa. Conforme Luiz Henrique Solano Rossi, há na sociedade uma necessidade premente por relacionamentos de amor e de aceitação que gerem esperança e encorajamento.<sup>234</sup> Mulheres em situações de violências, na maioria das vezes, também estão carentes desses relacionamentos. As comunidades cristãs podem contribuir neste sentido buscando oferecer mais relacionamentos de confiança, cuidado, ajuda, através do Aconselhamento Comunitário com mulheres em situações de violências.

É importante que as comunidades cristãs recriem espaços de convivência, procurando reverter a fragmentação social e o isolamento que vem se intensificando pelo processo de individualização e pluralização da sociedade.<sup>235</sup> Comunidades cristãs, muitas vezes preocupadas unicamente com questões espirituais, correm o perigo de se fecharem em si mesmas, tornando-se irrelevantes para a sociedade. Nesse sentido é importante a criação de espaços de acolhimento, atenção, afeto, respeito, amparo, interesse, ajuda, apoio às mulheres em situações de violências. Espaços onde as mulheres possam recorrer nas mais diferentes situações da vida, também em casos de dificuldades e sofrimento. “A pósmodernidade questiona nosso jeito de pensar e querer ser igreja hoje. Não mais aceita instituições rígidas, hierárquicas e centralizadas, que não respondam às necessidades das pessoas.”<sup>236</sup>

A própria mulher, mesmo que tantas vezes violentada, ela mesma pode infligir violências, de gênero ou outras, para com outras mulheres. Isto devido ao sistema machista e patriarcal na qual ela própria foi educada. “Sistematicamente, esta sociedade treina as mulheres a considerarem-se incapazes de viver autônoma e

---

<sup>233</sup> LUCKMANN, 1998, p. 16.

<sup>234</sup> ROSSI, 2006, p. 131.

<sup>235</sup> NOÉ; HOCH; WONDRACEK, 2003, p. 11.

<sup>236</sup> NOÉ; HOCH; WONDRACEK, 2003, p. 16.

independentemente. Uma mulher sem homem é, de acordo com todas as definições sociais padrão, um ser incompleto.”<sup>237</sup> Entende-se a partir daí a enorme reserva de perseverança, paciência, tolerância das mulheres em relação aos homens, e até mesmo em relação à violência sofrida. “De fato, as mulheres são, tipicamente, temerosas de serem consideradas poderosas.”<sup>238</sup> De forma consciente ou não, homens e mulheres perpetuam a discriminação, a desigualdade e as violências. “Certamente essa não é uma luta somente das mulheres, mas da sociedade como um todo.”<sup>239</sup> Por este motivo, é relevante que se trabalhe a educação familiar no sentido de enriquecimento e fortalecimento dos laços entre integrantes da família.<sup>240</sup>

Homens também podem ser envolvidos nos debates sobre as violências contra as mulheres e nas reflexões sobre o enfrentamento às violências contra as mulheres, para que se conscientizem sobre erros históricos que normatizam e legitimam as violências contra as mulheres e busquem ações para reverterem esta situação. A questão das violências contra as mulheres não é tema exclusivo para as mulheres conversarem, pensarem, refletirem, mas é tema que precisa envolver homem, mulher, criança, família, igreja, sociedade.<sup>241</sup>

A sociedade como um todo precisa mudar o seu olhar, persistir na igualdade de relações e oportunidades, trabalhar a mudança na educação de meninos e meninas, aceitar a participação das mulheres nos mais diferentes âmbitos da sociedade, eliminando o condicionamento cultural de que as meninas nascem para a vida privada e os meninos para a vida pública.<sup>242</sup> O comportamento passivo da mulher permite que o comportamento agressivo do homem tenha continuidade, mas este comportamento passivo é embasado na aceitação das crenças da sociedade, o que leva a mulher, a vitimar-se.<sup>243</sup>

Em determinados casos de crises, pode-se mobilizar a ajuda da comunidade como um todo.<sup>244</sup> Mas não somente em casos de crises isolados, mas também na prevenção às violências contra as mulheres como um todo, pode-se animar a

---

<sup>237</sup> GOODRICH, Thelma Jean. **Terapia feminista da família**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990. p. 172.

<sup>238</sup> GOODRICH, 1990, p. 173.

<sup>239</sup> FRIGOTTO, 2014, p. 27.

<sup>240</sup> CLINEBELL, 2007, p. 239.

<sup>241</sup> VASCONCELOS, Denise Pinto. **A defesa da mulher vítima de violência doméstica: contribuições da ética cristã**. São Leopoldo. 2010. 105 f. Dissertação (Mestrado) - Escola Superior de Teologia, Programa de Pós-graduação, São Leopoldo, 2010. p. 33.

<sup>242</sup> FRIGOTTO, 2014, p. 27.

<sup>243</sup> GOODRICH, 1990, p. 172.

<sup>244</sup> COLLINS, 2000, p. 80.

comunidade a refletir e encontrar formas de enfrentamento às violências, planejando e executando passos concretos que visem à superação das violências contra as mulheres. Pode ser refletido em comunidade sobre o que a própria comunidade tem feito neste sentido. A comunidade tem acompanhado seus membros, tem buscado saber de suas dores e sofrimentos, anseios ou tem se ausentado? Como a comunidade tem lidado com as situações de violências contra as mulheres? A comunidade tem conhecimento sobre os encaminhamentos possíveis a uma mulher violentada? A comunidade contribui com outras instituições que se engajam no enfrentamento as violências contra mulheres, fazendo parte das Redes de Apoio às mulheres vítimas de violência?

Em Tiago 2.14-16 consta que a fé se manifesta também nas ações diárias de cuidado, apoio e auxílio. “Igrejas deveriam incluir violência doméstica e estupro entre os problemas sociais a respeito dos quais elas informam a sua gente. Deveriam igualmente apoiar programas preventivos e terapêuticos em suas comunidades.”<sup>245</sup> Faz parte do Aconselhamento Comunitário com mulheres em situações de violências a transformação de papéis sociais, para que haja a libertação de homens e mulheres, e se estabeleça relações de igualdade e justiça entre estes.<sup>246</sup>

As comunidades cristãs dispõem de vários momentos de estudos, palestras, mensagens que poderiam ser usados para refletir sobre o assunto das violências contra as mulheres, onde se poderia apontar para uma sociedade onde reine a justiça, a igualdade, o respeito e o amor.

[...] propor ações que: desconstruam as desigualdades, e combatam as discriminações de gênero e a violência contra as mulheres; interfiram nos padrões sexistas/machistas ainda presentes na sociedade brasileira; promovam o empoderamento das mulheres; e garantam um atendimento qualificado e humanizado àquelas em situação de violência.<sup>247</sup>

Denise Pinto Vasconcelos afirma que todas as pessoas têm a responsabilidade comunitária e o compromisso de colaborar solidariamente para a construção de uma sociedade mais justa, igualitária e humana.<sup>248</sup> Aqui e agora as comunidades cristãs são convidadas a semear sinais do Reino de Deus, através do amor, carinho, respeito, dignidade, justiça, apoio, cuidado, acolhimento, aconselhamento. As ações

---

<sup>245</sup> CLINEBELL, 2007, p. 295.

<sup>246</sup> GROSSMANN, 1995, p. 16.

<sup>247</sup> LIRA; SOARES; LISBOA; 2013, p. 36.

<sup>248</sup> VASCONCELOS, 2010, p. 88.

particulares de cada um, somadas às ações de grupos cristãos e governamentais ou não governamentais podem ampliar a Rede de Apoio a mulheres em situações de violências. A fé move o ser humano a ser agente de transformação também no que diz respeito ao trabalho pelo enfrentamento às violências contra as mulheres. É importante que haja nas comunidades cristãs conscientização sobre causas originárias das violências contra mulheres.<sup>249</sup> Afinal, “[...] a igreja é chamada a atuar na história para que o reino de Deus se revele.”<sup>250</sup>

O Aconselhamento Comunitário com mulheres em situações de violências vem desmistificar justificativas biológicas, econômicas e até mesmo religiosas que têm sido usadas para legitimar a violência contra as mulheres.<sup>251</sup> Visa potencializar o poder que existe nas mulheres, para que rejeitem as violências e não se calem enquanto houver casos de violências contra mulheres.

Em um contexto em que os homens são vistos como fortes, quando ocupam posições de poder sobre mulheres e que as violências são consequência da distribuição desigual de poder e *status* entre mulheres e homens e onde a passividade aprendida das mulheres é consequência de uma cultura extremamente patriarcal, torna-se extremamente relevante falar sobre relacionamentos justos, libertadores e equitativos.<sup>252</sup> As comunidades cristãs podem promover e estimular a participação de seus membros em encontros de formação e capacitação, de prevenção e enfrentamento às violências contra mulheres, podem dispor de seus locais para que neles aconteçam reuniões, encontros, seminários, palestras sobre o tema das violências contra as mulheres, sendo elas próprias Rede de Apoio e parceiras de outras Redes de Apoio a mulheres em situações de violências.

O Aconselhamento com mulheres em situações de violência que é embasado no amor pode contribuir para uma vida renovada e para o enfrentamento às violências contra as mulheres. Este Aconselhamento pode ser um caminho para a resiliência, tema do próximo capítulo.

---

<sup>249</sup> CLINEBELL, 2007, p. 241.

<sup>250</sup> LIRA; SOARES; LISBOA, 2013, p. 37.

<sup>251</sup> GROSSMANN, 1995, p. 17.

<sup>252</sup> CLINEBELL, 2007, p. 295.



## 4 PROCESSOS DE RESILIÊNCIA A MULHERES QUE ENFRENTAM OU ENFRENTARAM SITUAÇÕES DE VIOLÊNCIAS

No decorrer de sua vida, o ser humano está propenso a ter que lidar com situações adversas, de dificuldades, verdadeiras crises que lhe acometem. Mulheres que passaram ou passam por situações de violências enfrentam constantemente os inúmeros traumas e as dificuldades advindas das violências. Torna-se oportuno, e de extrema importância, o envolvimento em processos resilientes, para que essas mulheres consigam elaborar o trauma, superando o acontecido, recuperando-se seja física, psicologicamente ou emocionalmente, e retomando as suas vidas com qualidade.

### 4.1 Conceito de resiliência

As dores psíquicas fazem parte da vida do ser humano desde sempre. Mas com o tempo começou-se a pensar no trauma<sup>253</sup>. Começou-se a pensar a possibilidade de reparação do trauma, que culminaria na recuperação. Resiliência, segundo Sandra Cabral e Boris Cyrulnik, “[...] refere-se às condições, encontradas por sujeitos ou povos, de retomada de algum processo de desenvolvimento após ou em meio a situações, experiências ou ambientes traumáticos.”<sup>254</sup> O conceito de resiliência começou a ser estudado com mais ênfase a partir da década de 1970.<sup>255</sup>

Conforme a organização mundial da saúde, saúde não é apenas ausência de doença, mas bem-estar. Assim também resiliência não é ausência de risco, adversidade ou estresse, mas ter e criar condições para enfrentar as adversidades, estresses, etc.<sup>256</sup>. Lothar Carlos Hoch e Susana Rocca afirmam: “[...] resiliência não se refere a pequenas dores, mas as grandes, aquelas que causam traumas.”<sup>257</sup>

---

<sup>253</sup> CABRAL, Sandra e CYRULNIK, Boris (Orgs.). **Resiliência, como tirar leite de pedra**. São Paulo: Casa do psicólogo, 2015. p. 7.

<sup>254</sup> CABRAL; CYRULNIK, 2015, p. 7.

<sup>255</sup> MARTINS, Rosimeire de Carvalho. **Jovens mulheres vitimadas, abuso sexual, sofrimento e resiliência**. Curitiba: Jaruá, 2010. p. 178.

<sup>256</sup> MARTINS, 2010, p. 186.

<sup>257</sup> HOCH, Lothar Carlos; ROCCA, Susana M. (Orgs.). **Sofrimento, resiliência e fé**. Implicações para as relações de cuidado. São Leopoldo: Sinodal, 2007. p. 85.

Após ou durante o trauma, problema sofrido, pode-se desenvolver processos para que esses traumas sejam enfrentados e trabalhados de forma que a pessoa venha a restabelecer a sua vida plena. A esses processos pode-se chamar de resiliência. “Atualmente, tem sido cada vez mais constante a evocação do conceito de resiliência para falar da capacidade interna de refazer-se psiquicamente após um evento doloroso.”<sup>258</sup> Conforme a autora Rosimeire Martins a resiliência

[...] dá importância aos aspectos emocionais do ser humano quando exposto ao estresse e a adversidade psicossocial, e deve sempre ser entendida e relativizada dentro de um conjunto amplo de fatores tanto intrínsecos quanto extrínsecos ao ser humano.<sup>259</sup>

O termo resiliência foi criado pela autora Emmy Werner, que observou 700 crianças do Havai, agredidas física e sexualmente. Passadas três décadas, essas crianças tinham se transformado em adultos com problemas psíquicos, mas 28% delas não sofriam psiquicamente.<sup>260</sup>

A palavra resiliência nasceu nos países latinos - re-salire -; é regularmente utilizada em metalurgia e, em agronomia, fala-se de terra resiliente quando, depois de um incêndio ou inundação, a vida retorna, com uma nova vegetação. Em psicologia [...] a metáfora da resiliência simboliza os processos de retomada a um novo desenvolvimento após um traumatismo.<sup>261</sup>

Tomada da física dos materiais, a palavra resiliência significa força de resistência e recuperação, capacidade de um material voltar a sua forma original após ter sofrido uma pressão deformadora.<sup>262</sup> É o processo de desenvolver-se, continuar a vida apesar dos traumas, lidando e enfrentando as adversidades, se transformando e até mesmo se fortalecendo a partir delas. Essa capacidade de refazer-se, de seguir em frente apesar das crises é uma capacidade de todo ser humano, alguns tem em maior outros em menor medida, ela pode se expandir devido às condições externas.<sup>263</sup>

A frase “A sua história não é o seu destino” atraiu a autora Sandra Cabral para os estudos sobre resiliência.<sup>264</sup> A partir da resiliência podemos pensar as situações de fragilidade frente aos golpes do mundo como um caminho para novas posições subjetivas.<sup>265</sup> A resiliência não leva à conformidade e acomodação, mas, pelo

---

<sup>258</sup> CABRAL; CYRULNIK, 2015, p. 7.

<sup>259</sup> MARTINS, 2010, p. 179.

<sup>260</sup> CABRAL; CYRULNIK, 2015, p. 7.

<sup>261</sup> CABRAL; CYRULNIK, 2015, p. 34.

<sup>262</sup> HOCH; ROCCA, 2007, p. 10.

<sup>263</sup> HOCH; ROCCA, 2007, p. 12.

<sup>264</sup> CABRAL; CYRULNIK, 2015, p. 58.

<sup>265</sup> CABRAL; CYRULNIK, 2015, p. 59.

contrário, inspira e anima para a transformação, viabilizando estratégias de enfrentamento.<sup>266</sup>

A imensa plasticidade do ser humano, a impossibilidade de qualquer redução dos processos de resiliência a causas únicas e lineares e a capacidade do sujeito de construir o sentido da própria existência representam, a meu ver, as principais chaves para abordar a espantosa capacidade humana de retomar o próprio desenvolvimento após um trauma.<sup>267</sup>

A resiliência está ligada à capacidade de enfrentar as dificuldades da vida, as adversidades, adaptando-se “[...] as qualidades da resiliência permitem às pessoas se refazerem de feridas dolorosas, assumirem as rédeas de sua vida e irem em frente.”<sup>268</sup>

Os diferentes conceitos de resiliência possuem algo em comum: a força que leva a pessoa a reerguer-se frente às adversidades, sendo capaz de passar por dificuldades, tragédias, traumas e mesmo assim sair fortalecida. A resiliência traz à tona a superação frente a dificuldades consideradas traumas, crises, possibilitando a construção de novos caminhos de vida; a pessoa sai modificada da experiência vivida.<sup>269</sup> “Significa adquirir a capacidade de resistir às situações críticas da vida, recompor-se e se reconstruir da melhor maneira possível.”<sup>270</sup> Essa capacidade resiliente de superar os desafios da vida, de seguir em frente apesar das crises e traumas do cotidiano é um valioso instrumento para as mulheres em situações de violências.

## 4.2 As consequências do trauma causado pelas violências contra as mulheres

São muitas as consequências do trauma causado pelas violências contra as mulheres que ficam na vida de uma mulher que sofreu com as violências. Uma mulher que sofreu ou está sofrendo violências normalmente apresenta falta de autoconfiança e autoestima. Conforme a autora Stela Nazareth Meneghel:

A fragilização e a vulnerabilização decorrente das violências incluem efeitos permanentes na autoestima e autoimagem, deixando as mulheres com menos possibilidades de se proteger, menos seguras do seu valor, e mais

<sup>266</sup> CABRAL; CYRULNIK, 2015, p. 71.

<sup>267</sup> CABRAL; CYRULNIK, 2015, p. 127.

<sup>268</sup> MARTINS, 2010, p. 181.

<sup>269</sup> TONI, Antônio Telmo de. **Advocacia e resiliência**. São Leopoldo. 2006. 36 f. Trabalho de Conclusão (Curso de Especialização Aconselhamento e Psicologia Pastoral) - Escola Superior de Teologia, PPG-Programa de Pós-Graduação em Teologia, São Leopoldo, 2006. p. 10.

<sup>270</sup> SILVA, 2014, p. 52.

propensas a aceitar a vitimização como sendo parte da condição de mulher.<sup>271</sup>

O agressor usa violência psicológica, insultos, críticas e humilhações, muitas vezes, na frente de outras pessoas, deixando a mulher com baixa autoestima. A situação vai piorando até o ponto de a mulher começar a acreditar em tudo aquilo que o agressor diz: “Você não vive sem mim”, “Se nos separarmos ninguém vai querer você”, “Você é uma imprestável”, etc. As sucessões de episódios de violências vão se acumulando, o peso das agressões e a desesperança podem levar ao suicídio caso a mulher não encontre a resiliência. As sequelas psicológicas podem ser mais agravantes que seus efeitos físicos.<sup>272</sup>

[...] a experiência constante de atos de agressão física ou psicológica expõe a mulher a um risco mais elevado de sofrer problemas mentais, fobias, síndrome de estresse pós traumático, insônia, transtornos do humor, depressão, ansiedade, consumo abusivo de álcool e drogas, pensamentos suicidas e suicídio. As consequências não fatais incluem queixas somáticas que impedem a realização de atividades diárias, dores físicas, palpitações, lombalgias, enxaquecas. Há relatos de distúrbios intestinais, úlcera gástrica, vômitos, diarreia ou constipação, síndrome do cólon irritável, alterações de peso e obesidade.<sup>273</sup>

Em relação à saúde mental das mulheres violentadas, Lilia Schaiber frisa a questão do suicídio, afirmando que: “Quanto à saúde mental das mulheres que sofrem violência, é bem conhecida a associação com ideias de suicídio e tentativas de suicídio. Estas ocorrem em quase metade das mulheres que pensam em fazê-lo, o que é um índice bastante elevado.”<sup>274</sup>

Mulheres que vivem em situações de violências podem apresentar problemas de saúde principalmente de ordem psicológica e emocional, dificuldades nos relacionamentos, dificuldades de aprendizado e desenvolvem ideias suicidas. Também problemas orgânicos podem decorrer das violências. “Entre os quadros orgânicos associados às violências encontram-se obesidades e outros distúrbios nutricionais, síndrome de dor crônica, distúrbios gastrintestinais, fibromialgia, distúrbios ginecológicos, aborto espontâneo.”<sup>275</sup>

Mulheres violentadas revelam sentimentos de imobilidade frente à situação familiar em que vivem. O pensamento é de obrigatoriedade de obedecer e permanecer

---

<sup>271</sup> MENEGHEL, 2007, p. 53.

<sup>272</sup> MENEGHEL, 2007, p. 54.

<sup>273</sup> MENEGHEL, 2009, p. 53.

<sup>274</sup> SCHAIBER, 2005, p. 52.

<sup>275</sup> MENEGHEL, 2007, p. 53.

submissas às agressões, devido a fatores sociais, culturais, econômicos, religiosos, etc. O sentimento de culpa também está presente na maioria das mulheres violentadas, bem como o medo dos mais diferentes tipos: medo do parceiro, medo do que os outros vão falar, medo de não conseguir se manter e sustentar os filhos em caso de separação, etc.<sup>276</sup>

As mulheres em situações de violências apresentam grande dificuldade de cuidar de crianças, filhos e filhas, idosos e idosas, ou pessoas que estão sob suas responsabilidades.<sup>277</sup> Também pode-se acrescentar a própria dificuldade de cuidar de si.<sup>278</sup> “Submissas, passivas, impotentes, gradualmente vão se isolando dos amigos e da comunidade perdendo a capacidade de protegerem a si e aos filhos.”<sup>279</sup>

A resiliência tem um papel fundamental na vida de mulheres que enfrentam ou enfrentaram situações de violências, pois através de processos de resiliência elas podem trabalhar as mais diferentes consequências dos traumas sofridos e encontrar alternativas para darem continuidade à vida, apesar dos males causados pela violência sofrida.

### **4.3 Processos resilientes em mulheres que enfrentam ou enfrentaram situações de violências**

O processo de resiliência em mulheres que enfrentaram situações de violências não é momentâneo, rápido, mas é um processo que se estende ao longo da vida. “Mas a construção de nossa resiliência ou de nosso desmoronamento psíquico é um processo que se gesta ao longo de toda a nossa existência”.<sup>280</sup> Pois, a todo o momento, na interação verbal ou não, nosso desenvolvimento pode ser modificado, novas representações e novos processos podem surgir.<sup>281</sup>

A reação de uma mulher aos problemas, comparada a outras ou a si mesma, pode variar. Não é porque ela foi resiliente uma vez que ela sempre será, depende de uma série de fatores, do momento que a mulher está vivendo, da intensidade das adversidades, da disponibilidade ou não de fatores de proteção, dentre outros.<sup>282</sup> Uma

---

<sup>276</sup> VASCONCELOS, 2010, p. 32.

<sup>277</sup> SCHAIBER, 2005, p. 98.

<sup>278</sup> SCHAIBER, 2005, p. 102.

<sup>279</sup> MENEGHEL, 2007, p. 54.

<sup>280</sup> CABRAL; CYRULNIK, 2015, p. 127.

<sup>281</sup> CABRAL; CYRULNIK, 2015, p. 128-129.

<sup>282</sup> CABRAL; CYRULNIK, 2015, p. 216.

mesma mulher pode apresentar processos resilientes em uma situação, mas em outro momento, diante de outra situação ser vulnerável, pode ser resiliente em uma área da vida, mas em outra não. Diante das violências sofrida, cada mulher pode responder de uma forma. Diante de um mesmo tipo de violência uma mulher pode se tornar resiliente e outra não.

Essa capacidade está ligada a cada indivíduo, é pessoal e diz muito sobre sua estrutura psicológica, física e familiar. Está inserida no seu 'ser' biológico. Entendemos que cada corpo sente uma necessidade diferente e responde diferente às várias situações principalmente a do sofrimento e da dor. O ser humano também pode mudar e refletir uma situação em vários momentos diferente de sua vida.<sup>283</sup>

A resiliência é um processo no qual as mulheres, ao enfrentarem situações de adversidades como as violências dos mais diferentes tipos, podem vencer pelo próprio esforço, mas também com o auxílio de vínculos de apoio e estímulos. Alguns autores mais recentes entendem resiliência como um processo dinâmico onde há influências do indivíduo, mas também do meio externo, do ambiente que o cerca, e essas influências interatuam em relação recíproca, o que permite a pessoa se adaptar em meio às adversidades.<sup>284</sup> Ressalta-se aqui a importância de fatores externos nos processos de resiliência.

As atitudes resilientes podem ser promovidas com o apoio de pessoas ou instituições (família, igreja, escola, centro de saúde, organizações ou associações sociais ou políticas, etc.), que se preocupam em motivar a ativação das capacidades de superação das dificuldades.<sup>285</sup>

A resiliência pode estar presente no momento da violência ou ser desenvolvida antes, durante ou após o trauma sofrido. Estar em um processo resiliente não significa que a experiência negativa da violência tenha sido apagada, mas que houve uma resignificação do trauma.<sup>286</sup>

Em síntese, as diferentes definições do conceito de resiliência enfatizam características do sujeito resiliente: habilidade, adaptabilidade, baixa suscetibilidade, enfrentamento efetivo, capacidade, resistência à destruição, condutas vitais positivas, temperamento especial e habilidades cognitivas,

---

<sup>283</sup> SILVA, 2014, p. 53.

<sup>284</sup> MELILLO, Aldo; OJEDA, Elbio Néstor Suarez (Orgs.). **Resiliência**: descobrindo as próprias fortalezas. Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 25.

<sup>285</sup> HOCH; ROCCA, 2007, p. 12.

<sup>286</sup> MARTINS, 2010, p. 178.

todas desenvolvidas durante situações vitais adversas, estressantes, etc., que lhe permitem atravessá-las e superá-las.<sup>287</sup>

#### 4.4 Desenvolvendo a resiliência – os fatores de proteção

Os aspectos que contribuem para o desenvolvimento da resiliência são denominados fatores de proteção.<sup>288</sup> Esses fatores de proteção reforçam a capacidade individual de lidar com as adversidades, contribuindo para que a resiliência aconteça. “Tais fatores possuem um efeito catalítico, na medida em que modificam os efeitos do risco por meio de sua interação com ele”.<sup>289</sup> Ou seja, estes fatores possibilitam que as mulheres interajam com as adversidades obtendo bons resultados. São fatores que protegem o ser humano dos efeitos negativos das adversidades.<sup>290</sup> São fatores de proteção as características individuais, como autoestima, autonomia, inteligência, a capacidade de enfrentar e resolver problemas; controle das emoções e dos impulsos, apoio afetivo transmitido por familiares ou pessoas próximas; apoio social externo, transmitido por pessoas da igreja, da escola, de grupos, etc.<sup>291</sup> “O amor, em suas variadas formas de expressão, sempre foi considerado um poderoso motor de diferentes realizações humanas.”<sup>292</sup> Também no que diz respeito à resiliência, o amor ocupa um lugar relevante, sendo um dos fatores de proteção, e ele é extremamente benéfico na resiliência.

Em uma pesquisa com pessoas que enfrentaram processos resilientes, todas reconhecem o apoio e a aceitação incondicional de pelo menos uma pessoa, e essa passa a ter um papel muito significativo, principalmente no que diz respeito à aceitação.<sup>293</sup> Destaca-se aqui o grande papel das comunidades cristãs no acompanhamento a mulheres em situações de violências para que possam encontrar processos de resiliência. Palavras e gestos de apoio fazem toda a diferença em processos resilientes, podem até mesmo contribuir para o fracasso ou para a vitória. Aspectos afetivos, como a confiança, o afeto, o amor, são indispensáveis ao longo da vida, também no que diz respeito a processos de resiliência. Há evidências de que os seres humanos são mais felizes e desenvolvem com mais facilidade processos

---

<sup>287</sup> MELILLO; OJEDA, 2005, p. 61.

<sup>288</sup> CABRAL; CYRULNIK, 2015, p. 217.

<sup>289</sup> CABRAL; CYRULNIK, 2015, p. 217.

<sup>290</sup> MELILLO; OJEDA, 2005, p. 60.

<sup>291</sup> CABRAL; CYRULNIK, 2015, p. 217.

<sup>292</sup> MELILLO; OJEDA, 2005, p. 135.

<sup>293</sup> HOCH; ROCCA, 2007, p. 16.

resilientes quando sabem que há pessoas dispostas a ajudar em meio às adversidades.<sup>294</sup>

Encontros com a arte, com o amor e o humor, com práticas e expressões culturais, lazer, esporte, amigos, familiares, profissionais da saúde, podem auxiliar na reparação das marcas sofridas contribuindo para a resiliência.<sup>295</sup>

Essa capacidade de criatividade na leitura e na verbalização dos fatos com bom humor também se vê favorecida pelas atividades artísticas e lúdicas, sendo a dança, a música, a poesia, o espírito celebrativo, assim como o jogo de palavras, ou outro tipo de jogos, instancias propícias para a promoção da resiliência.<sup>296</sup>

Pessoas que foram atingidas psiquicamente podem desenvolver a resiliência quando encontram um vínculo afetivo estável.<sup>297</sup> Necessitamos de vínculos para construirmos a nossa história, essas interações irão determinar sensibilidades e estilos relacionais.<sup>298</sup> O apego, os vínculos com alguém despertam e possibilitam a possibilidade de reestruturação, a resiliência.

Cyrulnik afirma que quando desejos são murmurados, apesar dos sofrimentos, e alguém ouve, a brasa da resiliência se acende.<sup>299</sup> Percebe-se a grande importância do ouvir no processo de resiliência.

Aqueles que sofreram violência, mas, ao falar, tiveram a sensação de não serem escutados, reviveram a sensação do trauma; ao contrário, aqueles que sentiram receptividade na escuta quando narraram o que padeceram, 'começaram a perceber um sentimento de autoestima, pertença e contenção'.<sup>300</sup>

A falta de apoio às vezes pode ser por não ter conseguido solicitá-lo, mas pode ser também pela sua não existência. Em uma pesquisa com mulheres que enfrentaram situações de violências, em 50% dos casos as entrevistadas buscaram auxílio em pessoas, seja da família, amigas ou grupos, para enfrentar o trauma das violências sofrida, já outras 50% não puderam contar com o auxílio da própria família, demonstrando uma falta de apoio e atenção desse grupo.<sup>301</sup> Pensando nisso é que se percebe a importância de um grupo de apoio, acolhimento e acompanhamento nas

---

<sup>294</sup> HOCH; ROCCA, 2007, p. 16.

<sup>295</sup> CABRAL; CYRULNIK, 2015, p. 70-71.

<sup>296</sup> HOCH; ROCCA, 2007, p. 20.

<sup>297</sup> CABRAL; CYRULNIK, 2015, p. 39.

<sup>298</sup> CABRAL; CYRULNIK, 2015, p. 127.

<sup>299</sup> CABRAL; CYRULNIK, 2015, p. 122.

<sup>300</sup> HOCH; ROCCA, 2007, p. 18.

<sup>301</sup> MARTINS, 2010, p. 182.

comunidades cristãs para as mulheres em situações de violências. Um grupo assim pode ser muito útil para que uma mulher violentada venha a encontrar a resiliência.

Para uma pessoa se tornar resiliente, é preciso muita força de vontade e procurar alguém que lhe ajude um especialista ligado à área pastoral ou um profissional clínico, ou mesmo um terapeuta comunitário. O indivíduo precisa buscar ajuda para enfrentar certas situações existenciais adversas, ou mesmo definir objetivos de vida, ser mais otimista, respeitar seu próprio comportamento e fortalecer sua estrutura emocional, conhecendo melhor suas limitações e capacidades, isto é, sua inteligência emocional.<sup>302</sup>

O apoio de um grupo e o amor que as pessoas do grupo podem oferecer é de extrema importância; no grupo a mulher violentada pode encontrar a força e a ajuda que necessita. Resiliência pede parceiros, empatia e encontros, e nesse sentido os pequenos grupos das comunidades de fé são fundamentais.<sup>303</sup>

A partir de Cristo e motivada por Ele, a igreja é chamada a proclamar o amor de Deus no mundo. Uma das formas de proclamar esse amor é o serviço e o cuidado ao próximo, auxiliar pessoas que enfrentam situações difíceis, de adversidades, traumas, como situações de violência contra a mulher, por exemplo. “A igreja é chamada a se preocupar e a inquietar-se com todo aquele que sofre. Tanto com aqueles que pertencem a uma denominação religiosa (missão eclesial interna), como com aqueles que estão afastados dela (missão externa).”<sup>304</sup> As comunidades cristãs inspiradas pelo próprio Cristo e pelo seu agir podem oferecer espaços de cuidado, de acolhida e de auxílio a mulheres em situações de violência, seja para aquelas de dentro da comunidade (que são membros) seja para as de fora dos muros da comunidade (aquelas que não são membros). “Não se trata de resolver os problemas das pessoas, e sim, suscitar uma dinâmica que possibilite a criação de uma rede de apoio aos que sofrem e aos que se sentem sozinhos na caminhada da vida, redes de apoio mútuo.”<sup>305</sup>

Os pequenos grupos são uma forma de a igreja permanecer viva e fazer diferença na vida das pessoas da sociedade, levando o amor de Deus adiante. Os grupos menores de uma comunidade cristã podem proporcionar uma oportunidade de

---

<sup>302</sup> SILVA, 2014, p. 57.

<sup>303</sup> SILVA, 2014, p. 57.

<sup>304</sup> CARRETEIRO; ARMANGE, 2009, p. 12.

<sup>305</sup> SILVA, 2014, p. 59.

comunhão, o início e a manutenção de relacionamentos.<sup>306</sup> Referindo-se aos pequenos grupos nas comunidades cristãs, Paulo Felipe diz:

Todas as pessoas, em princípio, têm vez e voz, podem tanto cuidar como ser cuidadas, enfim, podem fazer parte ativa dessa pequena comunidade de fé, de forma inclusiva, acolhedora, integradora e transformadora. E estes valores se mostram cada dia mais valiosos para o resgate de uma vida humana que valha a pena ser vivida.<sup>307</sup>

Estes pequenos grupos são lugar de encontro, de acolhida, de refúgio, de cuidado, onde as mulheres são valorizadas, respeitadas, apoiadas e incentivadas a se recuperarem dos traumas sofridos.

O sentimento de fazer parte de pertencimento a um determinado grupo nos leva a um sentimento de êxtase (que é o comportamento vivido por alguém que está sob o efeito de algum tipo de remédio), portanto passamos a gostar e ter uma garantia de algo que é sempre bom, divertido, alegre, é um sentimento agradável. Nesse momento o grupo tem favorecido os indivíduos a continuarem a sua jornada, apoiados para enfrentar o dia a dia, uma jornada difícil, mas que aos poucos pode ser superada.<sup>308</sup>

O sofrimento exige narrativas e a queixa pode diminuir a dor.<sup>309</sup> O falar é imprescindível para quem busca processos de resiliência; o falar externa pensamentos e sentimentos e alivia a dor. Mas nem sempre as mulheres violentadas encontram alguém com quem se sintam à vontade para falar, alguém disposto a ouvi-las sem julgamentos e acusações, mas nos pequenos grupos, isto se torna possível. Assim, percebe-se que um dos fatos mais importantes que pode acontecer nos pequenos grupos é o ouvir. Através do ouvir cuidadoso expressa-se a solidariedade, o carinho e o amor a mulheres violentadas. “Assim como o amor de Deus começa quando ouvimos a sua Palavra, assim também o amor ao irmão/a irmã inicia quando aprendemos a escutá-lo/la.”<sup>310</sup>

Pessoas não vivem isoladas, encontram-se e compartilham de suas vidas, anseios, alegrias e necessidades. Comunidades cristãs são lugares importantes para oportunizar o encontro entre pessoas.<sup>311</sup> Justamente por isso é que as Comunidades

---

<sup>306</sup> ALMEIDA, Paulo Felipe Teixeira Almeida. **Pequenos Grupos Missionários: Mãos, Braços ou corpo de Cristo?** São Leopoldo. 2011. 30 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Missão Urbana para obtenção) - Faculdades EST, Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2011. p. 17.

<sup>307</sup> ALMEIDA, 2011, p. 18.

<sup>308</sup> SILVA, 2014, p. 54.

<sup>309</sup> CABRAL; CYRULNIK, 2015, p. 204.

<sup>310</sup> CARRETEIRO, 2009, p. 28.

<sup>311</sup> NOÉ; HOCH; WONDRACEK; 2003, p. 90.

Cristãs podem ter grupos de apoio a mulheres em situações de violência. Grupo de mulheres no qual a mulher violentada pode ser convidada a participar. Um espaço para compartilhar a vida, as alegrias e tristezas, também compartilhar e conversar sobre violências, dores, enfrentamento. Pode-se fazer algum trabalho manual, por exemplo. Onde as mulheres possam compartilhar algo que saibam fazer e possam aprender com outras mulheres a fazer algo novo, no sentido de ser um espaço terapêutico, um espaço em que a mulher ensina e aprende, e onde possa externar seus sentimentos de variadas formas.

O conceito “grupo” pode ser definido como um conjunto de três ou mais pessoas, ou seja, pode ser uma família, uma turma, uma comunidade. Nestes grupos as pessoas têm interesses em comum e interagem entre si. Os grupos funcionam como Redes de Apoio.<sup>312</sup> “Os encontros grupais servem para discutir problemas coletivos e para encontrar estratégias grupais de superação de problemas que atingem a toda a comunidade.”<sup>313</sup>

Na história de Moisés, seu sogro Jetro, divide o povo em grupos (Gênesis 18.17-25). O próprio Jesus formou uma Rede de Apoio, a partir de pequenos grupos, pessoas que levaram sua mensagem adiante (Marcos 3.13-15). Também a igreja primitiva, diante da perseguição achou como solução dividir-se em grupos (Atos 2.42-47; 5.42). O mandamento da mutualidade, da comunhão em Cristo, era regra e alcançou bons resultados.<sup>314</sup> Os grupos ajudam a eliminar a ideia de isolamento.<sup>315</sup> A ideia de pequenos grupos nas comunidades cristãs nasceu pelo desejo de relacionamentos mais próximos.<sup>316</sup>

Os grupos nas comunidades cristãs surgem como um espaço onde as pessoas podem compartilhar seus sentimentos, suas dores, suas angústias, suas necessidades, suas dificuldades e encontrar apoio, cuidado, ajuda e acompanhamento.<sup>317</sup> Determinante para o sucesso dos pequenos grupos nas primeiras comunidades foi a proximidade entre as pessoas; a hospitalidade; o ambiente descontraído, informal; a troca de ideias; o clima de amizade e de edificação

---

<sup>312</sup> GIMENEZ, Miriam Noronha Mota. **A comunidade de Apoio no contexto da Igreja Batista Ágape em Campo Grande**. São Leopoldo. 2008. 41 f. Trabalho de Conclusão (Curso de especialização em Aconselhamento Pastoral) - Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2008. p. 26.

<sup>313</sup> HOCH, 1989, p. 35.

<sup>314</sup> GIMENEZ, 2008, p. 17.

<sup>315</sup> GROSSMANN, 1995, p. 35.

<sup>316</sup> GIMENEZ, 2008, p. 16.

<sup>317</sup> COELHO; HOCH, 2008, p. 27.

em Cristo entre as pessoas.<sup>318</sup> O Aconselhamento Comunitário em pequenos grupos é eficiente e, muitas vezes, até mais do que o aconselhamento particular. “É melhor serem dois do que um [...]”, conforme Eclesiastes 4.9-10.

Grupos pequenos são muito importantes em uma comunidade cristã, eles trazem vitalidade à igreja, e são uma forma de assistência, acolhimento, potencialização e transformação.<sup>319</sup> As igrejas podem construir, a partir dos pequenos grupos, redes nas quais as pessoas possam se apoiar, encontrar refúgio, onde se sintam à vontade para compartilhar seus medos, angústias, frustrações e alegrias. A prática fomenta relacionamentos baseados no amor, íntegros, amplos e mútuos, importantíssimos para a resiliência.<sup>320</sup>

A dinâmica dos pequenos grupos se desenvolve de tal forma que cada indivíduo reconhece seus valores, potencialidades, tornando-se mais autônomo a cada dia; reforça a autoestima, bem como a confiança em si próprio e a capacidade de cada um de se desenvolver e crescer como pessoa; suscita sentimento de união entre as pessoas do grupo; previne e combate situações de desigualdades entre indivíduos; a partir de conversas e reflexões promove a conscientização sobre determinados assuntos.<sup>321</sup>

Compartilhar sentimentos, ideias e experiências em um ambiente de aceitação, respeito e compreensão é benéfico e de grande valia e contribui para os processos de resiliência. O tempo pode ser mais bem administrado a partir dos grupos. Com os grupos pode-se oferecer apoio e auxílio a mais pessoas do que individualmente.<sup>322</sup> “O ser humano é por natureza um ser que vive em grupo e somente subsiste em função de seus inter-relacionamentos grupais.”<sup>323</sup> Os grupos “[...] atendem os anseios humanos primordiais como a necessidade de relacionar-se, de exteriorizar sentimentos, de compartilhar esperanças e de buscar e fornecer apoio”.<sup>324</sup> Desde o nascimento, a participação em grupos é essencial para formação da identidade (família, vizinhos, creches, escolas, trabalho).<sup>325</sup>

---

<sup>318</sup> GIMENEZ, 2008, p. 18.

<sup>319</sup> COELHO; HOCH, 2008, p. 11.

<sup>320</sup> GIMENEZ, 2008, p. 28-29.

<sup>321</sup> COSTA; VOIGT, 2009, p. 24.

<sup>322</sup> CLINEBELL, 2007, p. 342.

<sup>323</sup> COELHO; HOCH, 2008, p. 6.

<sup>324</sup> CARRETEIRO; ARMANGE, 2009, p. 25.

<sup>325</sup> COELHO; HOCH, 2008, p. 6.

Nos grupos pode acontecer a ajuda recíproca para as mulheres em situações de violências, contribuindo para que estas encontrem processos de resiliência. “O compartilhar torna-se uma forma de motivar outros participantes a exporem seus problemas.”<sup>326</sup> Nos grupos de apoio as experiências de opressão não são mais vistas unicamente como “experiências pessoais”. Os grupos revelam inúmeras experiências que fazem cada mulher violentada perceber que não está só.<sup>327</sup> O grupo como um todo se transforma em instrumento de aprendizado, cura e crescimento.<sup>328</sup> Nos pequenos grupos, seja por causa da semelhança de histórias vividas, ou por outros motivos, uma pessoa vai estimulando a outra a falar. Os pequenos grupos podem auxiliar mulheres que se sentem intimidadas para o Aconselhamento particular.<sup>329</sup>

Nos grupos pode-se experimentar a solidariedade e o amor, através do ouvir e do aconselhar. Nos grupos a experiência do indivíduo não pode ser desprezada, pois é a experiência de cada um que vai contribuir para a edificação individual e do todo.<sup>330</sup> Nos grupos há auxílio mútuo, apoio, compartilhar de experiências, que podem promover recuperação, fortalecimento e resiliência.<sup>331</sup> Em um clima de interdependência, as mulheres participantes dão e recebem ajuda, ou seja, os relacionamentos são mutuamente doadores.<sup>332</sup> Nos pequenos grupos há proximidade, vínculos de confiança, interação, envolvimento com os/as demais; pode existir uma sensação de identidade grupal, coexistência, interdependência e entrosamento entre as mulheres, membros do grupo.<sup>333</sup> O Aconselhamento Comunitário com mulheres em situações de violências, em grupo, visa levar à valorização da integridade de cada mulher participante, apontando para o crescimento pessoal de cada uma.<sup>334</sup> “O pequeno grupo se torna em canal de graça de Deus para as mulheres e é um poderoso fator na restauração e recuperação do ser humano em sua integralidade à imagem e semelhança do Criador.”<sup>335</sup>

Nos grupos é possível reconhecer problemas comuns entre as mulheres e um grupo tem mais força para mudar aquilo que não é possível mudar individualmente.

---

<sup>326</sup> COELHO; HOCH, 2008, p. 28.

<sup>327</sup> GROSSMANN, 1995, p. 17.

<sup>328</sup> CLINEBELL, 2007, p. 342-343.

<sup>329</sup> CLINEBELL, 2007, p. 343.

<sup>330</sup> COELHO; HOCH, 2008, p. 7.

<sup>331</sup> CARRETEIRO; ARMANGE, 2009, p. 28.

<sup>332</sup> COELHO; HOCH, 2008, p. 12.

<sup>333</sup> CLINEBELL, 2007, p. 343.

<sup>334</sup> CARRETEIRO; ARMANGE, 2009, p. 29.

<sup>335</sup> COELHO; HOCH, 2008, p. 12.

Podem-se formular propostas concretas de enfrentamento à violência contra as mulheres, seja individual ou coletiva.<sup>336</sup> Os grupos de apoio podem reivindicar por situações concretas que visam à superação e enfrentamento às violências contra as mulheres, por criação de delegacias da mulher na cidade, por exemplo; para que os temas relacionados às violências contra a mulher sejam discutidos na comunidade cristã e na sociedade, na busca por mudanças de papéis e estereótipos pré-estabelecidos.<sup>337</sup>

O Aconselhamento Comunitário nos grupos já vem acontecendo, informalmente, na igreja há muito tempo, como em grupos de senhoras, idosos/as, jovens, casais. As pessoas falam, desabafam, trocam conhecimentos e experiências, oram juntas e desenvolvem relações de confiança. Mas um grupo em si, pensado para o aconselhamento a mulheres em situações de violências, visando a resiliência, é mais raro. A tarefa do aconselhamento individual ainda é a mais conhecida em nossas igrejas, e na maioria das vezes, realizado pelo ministro ou pela ministra.<sup>338</sup>

Nos pequenos grupos recebem-se as mulheres com carinho, o lugar deve ser acolhedor, as mulheres devem se sentir confortáveis. Gestos de valorização e celebração da vida são importantes, como por exemplo, lembrar aniversários, cantar os parabéns.<sup>339</sup> É importante que o grupo tenha uma líder, mas que esta não seja autoritária, e sim uma facilitadora.

As regras básicas dos pequenos grupos são: respeito; fazer silêncio enquanto outra mulher fala; falar da própria experiência de dor e sofrimento, bem como o que ajudou a superar as dificuldades; não julgar; não dar respostas prontas; músicas, provérbios, piadas, histórias, dinâmicas são bem-vindas para ilustrar, refletir ou simplesmente para descontrair.<sup>340</sup> Deixar claro a importância do falar, dividir preocupações, dores, dificuldades, problemas, angústias: “Quando a boca cala, os órgãos falam, quando a boca fala, os órgãos saram”.<sup>341</sup> É importante incentivar as mulheres a verbalizarem suas emoções, problemas, histórias, construindo uma rede

---

<sup>336</sup> GROSSMANN, 1995, p. 34-35.

<sup>337</sup> GROSSMANN, 1995, p. 39.

<sup>338</sup> COELHO; HOCH, 2008, p. 27.

<sup>339</sup> COSTA; VOIGT, 2009, p. 33.

<sup>340</sup> COSTA; VOIGT, 2009, p. 34.

<sup>341</sup> COSTA; VOIGT, 2009, p. 34.

de vínculos, apoio e cuidado, onde permaneça a solidariedade e confiança.<sup>342</sup> Ou seja: “Dizer a dor é parte do processo curativo.”<sup>343</sup>

É bom que o grupo tenha encontros extras de comunhão, lazer, por exemplo.<sup>344</sup> Estes encontros extras contribuem para o fortalecimento dos vínculos de confiança e afinidade entre as mulheres participantes a ponto de cada qual se sentir à vontade para partilhar das suas dores, anseios, sentimentos.

[...] reconhecer, valorizar e agradecer o esforço, a coragem, a determinação e a sensibilidade de cada um que, em muitas outras circunstâncias, tenta ofuscar a dor e o sofrimento. Não se trata de valorizar o sofrimento em si, mas reconhecer o esforço e a vontade de superar a dificuldade.<sup>345</sup>

Em grupos há reflexão e questionamentos sobre papéis e relações, estes podem ser à luz da reflexão, modificados.<sup>346</sup> É importante expressar interesse em ajudar a mulher violentada, explicar por que as conversas no grupo são importantes, para que a pessoa possa refletir sobre seus sentimentos, seus problemas, crises e desafios.

Comunicar interesse, compreensão e aceitação são essenciais. Perguntas demonstram interesse e ajudam a própria mulher a expor seus sentimentos e encontrar a resiliência: “Faça perguntas sobre sentimentos...”<sup>347</sup> Por exemplo: o que você sentiu? O que sente hoje quando pensa no ocorrido? Fique atento/atenta a qualquer expressão de sentimentos, palavras, expressões, voz, emoção, postura. Fique atenta/atento a sentimentos negativos. Evite interpretações e conselhos prematuros, que podem bloquear os sentimentos, ou a expressão das mulheres participantes.<sup>348</sup>

Músicas, poesias e provérbios normalmente ajudam e podem ser utilizadas nos grupos, para reflexão. Pode-se usar o máximo de recursos possíveis, respeitando sempre a história de cada mulher violentada, pois Aconselhamento Comunitário com mulheres em situações de violências envolve sensibilidade, cuidado, compreensão e amabilidade.<sup>349</sup> Existem alguns tipos de respostas que podem ser dadas pela aconselhadora: avaliação - comunicam o que a mulher violentada poderia ou deveria

---

<sup>342</sup> SILVA, 2014, p. 23-24.

<sup>343</sup> WILKE; WONDRAČEK, 2007, p. 47.

<sup>344</sup> COELHO; HOCH, 2008, p. 33.

<sup>345</sup> COSTA; VOIGT, 2009, p. 38.

<sup>346</sup> GROSSMANN, 1995, p. 39.

<sup>347</sup> CLINEBELL, 2007, p. 81.

<sup>348</sup> CLINEBELL, 2007, p. 81.

<sup>349</sup> SILVA, 2014, p. 27.

fazer; interpretação - ensinando, explicando; apoio - tranquilizando, reduzindo a intensidade dos sentimentos; indagação - para obter mais informações, levar à reflexão e discussão; compreensão - para ver se está compreendendo bem os sentimentos que está sofrendo com as agressões; conselho - recomendar como proveitosas certas ações, atitudes.<sup>350</sup>

Em Lucas 18.1-8, o evangelista anima para a intercessão. No encontro em grupo, interceder pela e com a mulher que sofre violências, mas também na oração particular, individual, é importante incluir o nome dessas mulheres que enfrentam situações de violências. “Na fé cristã, a oração é compreendida como o cultivo do relacionamento pessoal com o Deus da Bíblia. Orar é silenciar-se para Ouvi-lo falar e falar com Ele para aliviar o coração”.<sup>351</sup> Orações pré-formuladas têm grande valor, como os Salmos, por exemplo. Faltando as próprias palavras no Aconselhamento Comunitário com mulheres em situações de violências podem-se fazer uso de Palavras Bíblicas.<sup>352</sup>

É muito importante que comunidades cristãs ofereçam essa oportunidade de reunir em grupos as mulheres que enfrentaram ou enfrentam situações de violência, para que também ali essas mulheres possam encontrar os caminhos da resiliência. As comunidades cristãs conseguem melhor atender às necessidades das pessoas, sejam elas físicas, psicológicas, emocionais ou espirituais, quando oferecem espaço a partir dos pequenos grupos.<sup>353</sup>

A confiança na presença Divina, expressa nos pequenos grupos das comunidades cristãs, também é importante, pois a pessoa se sente amparada por alguém maior, uma força superior.<sup>354</sup> “[...] a transcendência e a espiritualidade estão entre os recursos mais efetivos para a transformação, a aprendizagem e o crescimento a partir da adversidade.”<sup>355</sup> A fé, a religiosidade ou a espiritualidade ajudam a pessoa a enxergar além da adversidade, e somam-se a outros fatores, como a arte, a música, o humor para que a pessoa obtenha bons resultados em seus processos resilientes.

---

<sup>350</sup> CLINEBELL, 2007, p. 90.

<sup>351</sup> RINKLIN, 2014, p. 26.

<sup>352</sup> RINKLIN, 2014, p. 29.

<sup>353</sup> CARRETEIRO, 2009, p. 27.

<sup>354</sup> HOCH; ROCCA, 2007, p. 21.

<sup>355</sup> HOCH; ROCCA, 2007, p. 29.

Grupos religiosos podem usar recursos da arteterapia com mulheres em situações de violência para que das mais diferentes formas possam expor o sofrido. Técnicas e recursos criativos podem ser de grande importância nos processos resilientes. A igreja pode trazer para perto das pessoas o cuidado de Deus em Cristo Jesus, seja através das leituras bíblicas, oração, bênção, imposição de mãos, absolvição, a eucaristia, a unção com óleo; enfim, a igreja pode colocar-se ao lado das pessoas, das mulheres em situações de violência em momentos de dor e sofrimento, trazendo-lhes a certeza do cuidado de Deus.

Certamente, a Igreja do Cuidado não pode depender apenas da atuação de ministros e ministras da igreja. Toda pessoa Cristã é chamada para cuidar. A fé nos dá olhos para enxergar o outro e a outra que sofre. A fé nos liberta para estarmos centrados -as no outro e na outra.<sup>356</sup>

As comunidades cristãs podem potencializar o cuidado através dos pequenos grupos e de sua atuação seja nestes pequenos grupos ou fora deles. Nas comunidades cristãs vive-se a certeza da pertença a um grupo, um corpo. Diz o apóstolo Paulo: “Cooperem os membros, com igual cuidado, em favor uns dos outros. De maneira que, se um membro sofre, todos sofrem com ele; e se um deles é honrado, com ele todos se regozijam.” (1 Co 12.25). Os pequenos grupos podem funcionar também como prevenção a casos de violências contra as mulheres.

Qualquer pessoa que está disposta a auxiliar em processos de resiliência está ali para ajudar. O efeito das terapias, dos conselhos dados, dos mais diferentes ensinamentos depende do quanto a mulher violentada os assume como próprios. É importante que a própria pessoa seja a protagonista, autora de suas histórias.<sup>357</sup> “Este é o modelo para ser tutor de resiliência nas relações de cuidado – estar disponível, ter gestos e alcançar palavras que parem sobre o caos e soprem suavemente sobre o sofrimento [...]”<sup>358</sup>

A vivência grupal é uma necessidade do ser humano e ela também contribui para a resiliência. “Bem levado é um lugar de contenção e proteção, de descobrimento de si e dos outros, de descoberta e assunção da identidade e da autoestima.”<sup>359</sup> O grupo pode ser o lugar de partilha de sentimentos, de ideais e ideias, lugar de formar e fortalecer vínculos de amizade, de confiança, local de inclusão, de valorização, de

---

<sup>356</sup> HOCH; ROCCA, 2007, p. 70.

<sup>357</sup> HOCH; ROCCA, 2007, p. 134.

<sup>358</sup> HOCH; ROCCA, 2007, p. 87.

<sup>359</sup> HOCH; ROCCA, 2007, p. 135.

fraternidade, reconhecimento, aceitação, apoio, etc. Nos grupos resgata-se a história das mulheres, resgatando o papel protagônico destas, viabilizando a capacidade de cada uma de identificar, compreender e superar situações de dor e sofrimento e suas causas. Hoch e Rocca afirmam que “[...] é necessário que cada pessoa saiba resgatar e destacar aspectos positivos em sua vida a fim de superar situações de sofrimento.”<sup>360</sup> Esse fato se torna bem presente nos grupos, onde as características positivas de cada uma recebem destaque, o que é mais difícil acontecer de forma isolada. Para Ivan Jorge ainda são poucos os grupos que acolhem as mulheres em situações de violências nas comunidades cristãs. Segundo Jorge, este trabalho ainda precisa ser encorajado e fortalecido, sendo uma alternativa para as mulheres que enfrentam situações de violência.<sup>361</sup>

Nos processos resilientes é importante que as mulheres saibam reconhecer o problema, reconhecer as limitações a serem enfrentadas, comunicar esse problema a alguém, registrar recursos pessoais e coletivos, organizar estratégias revisando e avaliando perdas e ganhos e para que isso aconteça é necessário que haja demonstrativos de atitudes de apoio, relações de confiança, conversações.<sup>362</sup> É interessante observar como os grupos podem auxiliar na superação de problemas, até mesmo dos mais graves.

#### **4.5 As redes de apoio, de aconselhamento e acompanhamento com homens agressores**

Um problema comum a todas as classes sociais, culturas, raças, religiões é as violências contra a mulher. É considerado violência contra as mulheres todas as formas de agressões que causam morte ou danos; de natureza física, sexual, psicológica, emocional, moral ou patrimonial; não importa o tipo de agressão, ou o trauma, pois as marcas ficam na pele ou na alma.

Em 11 anos de funcionamento, cerca de 5,4 milhões de atendimentos foram realizados pela Central de Atendimento à Mulher, o Ligue 180. Somente no

---

<sup>360</sup> HOCH; ROCCA, 2007, p. 198

<sup>361</sup> LUNA, Ivan Jorge dos Santos. **Aconselhamento Pastoral com mulheres separadas**: tecendo uma rede de apoio. São Leopoldo. 2005. 66 f. Dissertação (Mestrado Profissional) - Escola Superior de Teologia, Programa de Pós-Graduação em Teologia, São Leopoldo, 2010. p. 51.

<sup>362</sup> MELILLO; OJEDA, 2005, p. 81.

primeiro semestre de 2016, a central contabilizou 555.634 atendimentos, em média 92.605 atendimentos por mês e 3.052 por dia<sup>363</sup>.

Os números são alarmantes, mas são apenas em relação às denúncias. Mesmo conhecendo a lei Maria da Penha, mulheres não denunciam por vários motivos, como medo, insegurança, esperança de mudança. Mas se o crime não é denunciado, não há punição aos agressores, conseqüentemente, continuam impunes e agredindo.

Nos casos de denúncia, há tipos de acompanhamentos à mulher que foi agredida, aos quais ela própria pode recorrer e pode ser encaminhada; mas existe acompanhamento ao agressor? As Redes de Apoio poderiam desenvolver o papel de aconselhamento e acompanhamento também aos homens agressores? Como desempenhar este papel? É possível que também o agressor encontre a resiliência?

Os agressores, quando são denunciados e o comportamento violento comprovado, são punidos. Mas, e depois da pena? Voltam para a vida em sociedade, se envolvem em novos relacionamentos e a violência continua? Ou será possível a mudança de comportamento, a resiliência, por parte do homem agressor? “Uma vez agressor, sempre agressor”?

Medidas de proteção legal à mulher são necessárias, mas não suficientes, uma vez que é comum o agressor não respeitar as medidas cautelares de afastamento do lar. A intervenção grupal com agressores é uma das estratégias de enfrentamento do problema da violência doméstica, que tem alcançado índices de sucesso que variam de 50 a 75%.<sup>364</sup>

Muitas das mulheres que são violentadas reconhecem a necessidade de um aconselhamento/acompanhamento ao agressor, bem como com as demais pessoas da família que presenciavam e foram testemunhas dos atos de violências. Conforme a autora Patrícia Grossi: “A criminalização ou a mera punição do agressor nem sempre é vista como a única ou melhor alternativa para esse problema.”<sup>365</sup>

O Acompanhamento/aconselhamento aos agressores, para que estes encontrem a resiliência, é tão importante quanto outras medidas protetivas, e visam fazer com que os agressores reflitam sobre sua vida, suas atitudes violentas,

<sup>363</sup> PORTAL BRASIL. **Ligue 180 registra mais de 555 mil atendimentos este ano.** Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2016/08/ligue-180-registra-mais-de-555-mil-atendimentos-este-ano>. Acesso em 19 abr. 2017.

<sup>364</sup> GROSSI, Patrícia Krieger. Nem com uma flor: reflexões sobre abordagens com grupos de homens agressores. In: GROSSI, Patrícia K.; WERBA, Graziela C. (Orgs.). **Violências e gênero.** Coisas que a gente não gostaria de saber. Porto Alegre/RS: EDIPUCRS, 2001. p. 104.

<sup>365</sup> GROSSI; WERBA, 2001, p. 96

reconheçam que a violência é decisão pessoal do agressor, que ele errou e precisa mudar suas atitudes. O Aconselhamento e o acompanhamento com o agressor poderão auxiliá-lo na construção de novos modelos de relacionamentos pautados no amor, no respeito, no reconhecimento da importância e do papel da mulher, seja em casa, na igreja ou na sociedade: “Se visamos à redução da violência, precisamos focar no autor dessa violência. Fazer o homem mudar de comportamento, ensiná-lo a lidar com sua raiva, ciúme. É preciso reeducar o agressor, promover a cultura do diálogo, da paz na família.”<sup>366</sup>

É importante o surgimento de serviços especializados e redes de apoio também para homens agressores, de forma que possam encontrar a resiliência, aprender a viver e a lidar com seus problemas, frustrações e conflitos sem o uso da violência. Saber como manejar com a raiva, por exemplo, pode ser algo a ser ensinado neste Aconselhamento e acompanhamento. Situações externas que fogem de nosso controle ocorrem cotidianamente, independentemente da vontade do indivíduo ou não, mas as respostas, como cada um e cada uma reage a essas situações, é decisão própria, portanto, responsabilidade igualmente própria, e deste fato o agressor precisa ter consciência.

Há centros de educação e reabilitação do agressor. O artigo 45 da Lei Maria da Penha prevê a obrigatoriedade do comparecimento do agressor a programas de reeducação, estes centros tem um caráter obrigatório e pedagógico. Busca-se através destes centros acompanhar os agressores em relação ao cumprimento de penas, medidas e decisões proferidas pelos juízos competentes.<sup>367</sup>

Estes centros têm o papel de desenvolver junto a homens agressores atividades com medidas reflexivas, educativas e preventivas. Articulam-se junto a outros serviços da Rede de Atendimento à Mulher. Fazem com que os homens repensem seus papéis na família e na sociedade, adotando atitudes e

---

<sup>366</sup> BANDEIRA, Regina; CARVALHO, Luiza de. **Cursos de responsabilização são oferecidos aos homens processados pela Lei Maria da Penha**, 2014. Disponível em: <http://cnj.jus.br/noticias/cnj/62097-cursos-de-responsabilizacao-sao-oferecidos-aos-homens-processados-pela-lei-maria-da-penha>. Acesso em 12 de abril de 2017.

<sup>367</sup> BRASIL. Presidência da República. Secretaria de políticas para mulheres, secretaria de enfrentamento à violência contra as mulheres. **Diretrizes para Implementação dos Serviços de Responsabilização e Educação dos Agressores**. Disponível em: <<http://www.spm.gov.br/sobre/a-secretaria/subsecretaria-de-enfrentamento-a-violencia-contra-as-mulheres/pacto/servico-de-responsabilizacao-do-agressor-pos-workshop.pdf>>. Acesso em 19 abr. 2017. p. 1.

comportamentos não discriminatórios. Incentivam alternativas para lidar com os conflitos que não as violências.

Já as Redes de Apoio têm um caráter assistencial, social, psicológico, comunitário e visam acompanhar as atitudes do agressor, fazê-lo perceber a sua culpa no ato violento, buscando mudanças em sua vida, atos e ações diárias. Pretendem fazer o agressor refletir sobre seus erros, reconhece-los e buscar melhorar, mudando a sua mentalidade de vida baseada nas violências, possibilitando novos relacionamentos baseados no respeito e amor, facilitando o reconhecimento de novas formas de vida que não se usem da violência.

Muitos homens foram agredidos quando crianças, ou viram seus pais agredirem suas mães; cresceram entendendo que a violência é o meio pelo qual se resolve conflitos. A partir de processos resilientes os homens passam a entender que não é assim, que isto acontece em relacionamentos doentios baseados no poder, na dominação, na humilhação. E se a violência foi um comportamento aprendido com o tempo, na história de vida, na cultura, ele pode e deve ser desaprendido e dar lugar ao respeito e ao amor. Em relacionamentos saudáveis, a violência não está presente, não tem vez.

A fala das pessoas que estão se colocando à disposição, a partir de uma rede de apoio, para ajudar os agressores, precisa sempre ser amável, mas, ao mesmo tempo, direta e clara, sem ignorar e minimizar os atos praticados de violências. Redes de Apoio podem usar de diferentes alternativas para aconselhar/acompanhar homens agressores.

É importante deixar claro ao agressor que as pessoas das redes de apoio estão ali para ajudar em meio às dificuldades. É essencial falar a verdade e frisar isso ao agressor, a importância da verdade, e do quanto a verdade é indispensável para que todos possam ajudá-lo; alertar o agressor sobre o fato de não mentir nem mesmo minimizar as violências por ele praticadas.

Ajudar o agressor a reconhecer as suas alterações físicas, emocionais, psicológicas para elaborar estratégias que afastem as violências; incentivar o agressor a usar o pensamento positivo, ignorar ou ressignificar o momento que pode levá-lo para as violências; sugerir conversas em tom de igualdade ao invés de usar as violências; explorar formas de controle de sentimentos que podem levar a explosão e agressão, por exemplo, como lidar com a raiva – estas são algumas possibilidades de intervir e ajudar o homem a mudar seu comportamento agressivo, encontrando

processos resilientes. “É fundamental ao processo de transformação do autor da violência, que ele consiga assumir a responsabilidade pelo comportamento violento.”<sup>368</sup>

Parte importante do processo de resiliência, aconselhamento e acompanhamento com agressor é ele reconhecer a sua culpa e não a transferir para a mulher agredida, ou ao estresse, cansaço, drogas ou qualquer outra pessoa. Segundo Aillen Silva e Carrol Sérgio Andrade, é preciso deixar clara a necessidade de mudança que precisa haver na vida do agressor, e que o grupo que o acompanha é aliado para que estas mudanças venham a acontecer. Nos grupos, os agressores caminham juntos. É preciso estar sempre trabalhando a parte do agressor que quer resistir às mudanças.<sup>369</sup>

Muitos agressores mostram sentimentos de remorso e mudança, mas não querem assumir as consequências de seus atos. Se for assim, não estão verdadeiramente arrependidos e buscando mudanças: “Enquanto o autor das violências não aceitar sua completa responsabilidade, a mudança será impossível.”<sup>370</sup> Isto é preocupante, pois se o agressor demonstra remorso, culpa, pede perdão, pede para voltar no relacionamento, mas se ele não estiver verdadeiramente arrependido e disposto a ser responsabilizado por seus atos, o ciclo da violência não vai ser quebrado, mas logo voltará a acontecer novamente.

Uma postura da Rede de Apoio ao agressor pode ser a de destacar vários textos da Sagrada Escritura, a Bíblia cristã, que deixam claro que Deus abomina e não aceita nenhuma forma de violência: “Não, meu irmão! Não me faça essa violência. Não se faz uma coisa dessas em Israel! Não cometa essa loucura.” (2 Samuel 13. 12). “Assim diz o Soberano Senhor: Vocês já foram muito longe, ó príncipes de Israel! Abandonem a violência e a opressão e façam o que é justo e direito. Parem de apossar-se do que é do meu povo, palavra do Soberano Senhor”. (Ezequiel 45.9). “[...] sua violência cairá sobre a sua própria cabeça”. (Salmos 7.16). “[...] decidi que a minha boca não pecará como fazem os homens. Pela palavra dos teus lábios eu evitei os caminhos do violento”. (Salmos 17.3b-4)

No acompanhamento com homens agressores deve-se questionar a cultura patriarcal e machista ainda muito presente e difundida entre os homens, bem como

---

<sup>368</sup> CARROL; ANDRADE, 2010, p. 67.

<sup>369</sup> CARROL; ANDRADE, 2010, p. 65.

<sup>370</sup> CARROL; ANDRADE, 2010, p. 68.

uso e abuso do poder pelos agressores. Faz-se necessário olhar para as raízes das violências, fatores históricos, culturais, religiosos, sua história pessoal, e outros fatores que desvalorizam a mulher e legitimam a autoridade masculina e as violências. Devem também tomar consciência da ilegalidade e consequência de seus atos.

São várias as justificativas dos agressores: “Ela não ficou quieta quando deveria ter ficado”, “ela me provocou”, “ela estava com roupas curtas demais”, “ela não me obedeceu”. Não importa o ato anterior às violências, mas a reação; não importa o porquê, importa que houve violências e elas não deveriam ter acontecido. Não há justificativas para as violências. O certo é que nunca é justificável agir com violência, em nenhum caso, não existe exceção.

Na realidade, a imagem estereotipada de um homem abusivo, como aquele homem que explode com facilidade, que não sabe controlar sua raiva, só existe na mente daqueles que desejam eliminar a possibilidade de que ele possa ser exatamente como nós<sup>371</sup>.

É importante que as Redes de Apoio façam com que as violências não sejam naturalizadas ou minimizadas. Cabe à Rede de Apoio aos agressores vislumbrar a possibilidade de resiliência, de um novo relacionamento, um relacionamento significativo, baseado no amor, no respeito, na igualdade e na autonomia de cada um. Falar sobre as possíveis consequências das violências: destruição da vida da mulher em vários sentidos (emocional, física, psicológica), perder a família, ir para a cadeia. Falar sobre a importância e a necessidade de controlar seus atos. Deixar claro que relacionamentos saudáveis não são construídos com autoritarismo, controle e jogos de poder, mas são baseados no amor e no respeito.

Tanto os centros especializados, como as Redes de Apoio, são alternativas para trabalhar junto com homens agressores uma formação não patriarcal, refletir sobre relações desiguais, mostrar que a mudança é possível, mas requer um processo no qual o agressor precisa estar envolvido: reflexões em torno de sua conduta, conversas, revisão de conceitos, percepções de igualdade, valorização da mulher, para que se possa ir cessando o uso das violências e para que estes homens agressores encontrem processos resilientes.

Ambos buscam fazer com que as violências não sejam mais naturalizadas ou minimizadas. O foco é de que os homens agressores tenham consciência da dimensão e da gravidade da violência e tenham consciência que são os únicos

---

<sup>371</sup> GROSSI; WERBA, 2001, p. 102.

responsáveis por ela. Que percebam que esta violência é crime, pois fere os direitos humanos das mulheres. E busquem uma vida diferente, sem violência, baseada no respeito, amor, igualdade. Essa vida é possível a partir da resiliência e das reflexões citadas anteriormente.

Comunidades cristãs são desafiadas a se envolverem no enfrentamento as violências contra as mulheres. Uma forma de se envolver é através do Aconselhamento Comunitário, tanto mulheres em situações de violências como homens agressores podem ser acompanhados, para que ambos consigam encontrar a resiliência e dar seguimento às suas vidas apesar do acontecido.

## 5 CONCLUSÃO

Violências contra as mulheres é um assunto que tem perpassado a história da humanidade; há séculos mulheres vêm sendo violentadas das mais diferentes formas. A violência está ligada a relações de poder que são constantemente afirmadas e naturalizadas. Este tem sido um tema polêmico e atual em nossa sociedade, bem como nas comunidades cristãs, permeando nosso dia a dia.

A violência contra as mulheres é um problema gravíssimo, está presente em todas as localidades, classes sociais, raças e credos, e se apresenta das mais diferentes maneiras na vida cotidiana das mulheres. As violências acontecem independente de hora, lugar ou idade. Dia após dia mulheres enfrentam violência sexual, psicológica, física, patrimonial, moral. Por vezes, apenas um tipo de violência, mas na maioria das vezes, os tipos se misturam. Violências que colocam a vida de muitas mulheres em risco ou que até mesmo levam a morte.

Entristece e preocupa ainda mais o fato de que os principais agressores são homens que possuem vínculos com as mulheres agredidas. Na maioria dos casos, os agressores são do círculo de convivência mais próximo das vítimas. Na minoria dos casos, os agressores são do círculo mais distante ou desconhecido. Faz-se necessária uma conscientização sobre as violências contra as mulheres. A violência não pode continuar invisível. Fechar os olhos aos inúmeros casos de violências é colaborar para que cada vez mais mulheres sejam vitimadas; é contribuir para que o número de casos, que já são alarmantes, cresça ainda mais.

Buscar a prevenção, o enfrentamento às violências e a assistência às mulheres violentadas é tarefa de toda a sociedade, também das comunidades cristãs. Ainda que o poder da igreja é, de certa forma, limitado, ela está aí para ser sal e luz no mundo (Mateus 5.13-16).

Nos mais diferentes grupos dos quais as pessoas fazem parte, na comunidade ou na sociedade, é necessário falar sobre a igualdade e a não violência, sobre relacionamentos saudáveis, bem como falar de medidas preventivas e protetivas. Nestes mesmos grupos pode-se alertar sobre características de um relacionamento violento, auxiliando a detectar sintomas de possíveis violências. No âmbito das comunidades cristãs, pode-se educar, quebrando paradigmas e pré-conceitos. É

possível também empoderar as mulheres para quebrarem os ciclos da violência, denunciando e buscando possibilidades de vida digna e justa.

Quando se fala de violências contra as mulheres, ainda há muito por fazer. Os desafios no acompanhamento com mulheres em situações de violências são grandes. Comunidades cristãs podem desempenhar um importante papel neste sentido, e têm muito a contribuir no enfrentamento às violências contra as mulheres. A proposta libertadora de Jesus, de estar presente e amar, aponta caminhos; Jesus é o modelo para o Aconselhamento com mulheres em situações de violências. No agir de Jesus toda pessoa cristã pode se espelhar.

Reconhecer os inúmeros casos de violências contra as mulheres e chamar a atenção de pessoas cristãs para uma postura de respeito e preocupação com a dignidade humana de mulheres que são vítimas de violência é essencial. Incentivar, motivar pessoas a se engajarem no Aconselhamento Comunitário com mulheres em situações de violência é necessário, bem como fornecer capacitação para estas pessoas.

Muitas vezes, diante de situações de violências, clama-se nas comunidades cristãs pela presença e intervenção divina, mas é necessário lembrar que Deus atua na história, se torna presente e intervém também através de pessoas que se colocam à disposição. Acompanhar mulheres vítimas da violência através do Aconselhamento Comunitário é colocar-se à disposição de Deus para que Ele possa agir, através de cristãos e cristãs, em favor dessas mulheres violentadas.

Através do Aconselhamento Comunitário, acompanhamento, valorização de pensamentos, gestos, atitudes e sentimentos, é possível resgatar a autoimagem de uma mulher que foi violentada, fazendo com que mulheres em situações de violência possam redescobrir-se cada vez mais como criaturas feitas à imagem de Deus, com suas peculiaridades e qualidades. A meta fundamental do Aconselhamento a mulheres em situações de violência é identificar e suscitar as forças e as capacidades dessas mulheres, para que possam encontrar as suas próprias alternativas de enfrentamento à violência.

O Aconselhamento Comunitário pode ser parte de uma Rede de Apoio a mulheres em situações de violência. A partir de vínculos de compaixão, apoio, cuidado e solidariedade com aconselhadore e aconselhadoras, as mulheres podem desenvolver confiança e se sentirem seguras, livres e animadas a interagir e falar de seus sentimentos. O Aconselhamento pode auxiliar as mulheres a desenvolver

autodeterminação, saber que possuem o direito e a capacidade de fazer escolhas sozinhas; saber examinar opções, imaginar opções reais significativas; mostrar que crenças pré-determinadas não constituem verdades absolutas, pois existe a possibilidade de outras crenças; fazer distinção entre decisões automáticas, as que são esperadas, e decisões tomadas a partir de ampla reflexão, pensamento e posicionamento próprio; explorar desejos próprios, bem como aspirações, sonhos e carências; ir ensaiando escolhas; pode fazer experimentar-se como um ser ativo e não passivo.

A força do cuidado, da amorosidade, da solidariedade e da compaixão, quando presentes no Aconselhamento Comunitário com mulheres em situações de violências, podem trazer transformação, cura, esperança renovada e novo sentido para a vida de mulheres que sofreram com os mais diferentes tipos de violências.

As violências contra as mulheres se expressam de forma multifacetada e complexa. São várias as formas de violência, violação dos direitos humanos, que ameaçam a integridade das mulheres, e levam a experiências traumáticas de sofrimento e dor. Processos de resiliência podem auxiliar essas mulheres a retomarem suas vidas e enfrentar a violência sofrida e as causas destas. Ao buscar serviços especializados, grupos e Redes de Apoio, estas mulheres já estão entrando em processos de resiliência.

Destaca-se a importância dos pequenos grupos de acompanhamento e aconselhamento das comunidades cristãs como fatores de resiliência. Esses pequenos grupos, a partir do ouvir, aceitar, cuidar, podem desencadear processos resilientes nestas mulheres que enfrentam ou enfrentaram situações de violências.

Cabe ressaltar também a importância de grupos que venham a trabalhar com os homens agressores para que estes também encontrem processos resilientes. Observa-se que tanto homens agressores como mulheres violentadas podem se reconstituir, retomar suas vidas apesar do acontecido. Mas é imprescindível a mobilização interna de cada qual e o apoio da sociedade, bem como das comunidades cristãs. Gestos de acolhimento, afeto, cuidado, e carinho são de extrema importância para que esses processos resilientes venham a acontecer.



## REFERÊNCIAS

A BÍBLIA SAGRADA. Nova Tradução na Linguagem de Hoje. Edição em letra grande. Barueri/São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil: 2001.

ALMEIDA, Paulo Felipe Teixeira Almeida. **Pequenos Grupos Missionários**: Mãos, Braços ou corpo de Cristo? São Leopoldo. 2011. 30 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Missão Urbana para obtenção) - Faculdades EST, Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2011.

BANDEIRA, Regina; CARVALHO, Luiza de. **Cursos de responsabilização são oferecidos aos homens processados pela Lei Maria da Penha**, 2014. Disponível em: <http://cnj.jus.br/noticias/cnj/62097-cursos-de-responsabilizacao-sao-oferecidos-aos-homens-processados-pela-lei-maria-da-penha>. Acesso em 12 de abril de 2017.

BARSTED, Leila Linhares. A violência contra as mulheres no Brasil e a Convenção de Belém do Pará dez anos depois. In: PEIXOTO, Mariana da Costa. **Protegendo as Mulheres da Violência Doméstica**. Brasília/DF: FNEDH, 2006.

BINGEMER, Maria Clara Luchetti (Org.). **O Lugar da mulher**. São Paulo: Edições Loyola, 1990.

BRAGA, Maria Elisa dos Santos. **Campanha dos 16 dias de ativismo pelo fim da violência contra as mulheres**: 20 de novembro a 10 de dezembro. Disponível em: <<http://www.cfess.org.br/arquivos/contraviolenciamulher2.pdf>>. Acesso em 01 jun. 2017.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 1988. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/governo/2010/01/constituicao>>. Acesso em 31 maio 2017.

\_\_\_\_\_. Presidência da República. Secretaria de políticas para mulheres, secretaria de enfrentamento à violência contra as mulheres. **Diretrizes para Implementação dos Serviços de Responsabilização e Educação dos Agressores**. Disponível em: <<http://www.spm.gov.br/sobre/a-secretaria/subsecretaria-de-enfrentamento-a-violencia-contra-as-mulheres/pacto/servico-de-responsabilizacao-do-agressor-pos-workshop.pdf>>. Acesso em 19 abr. 2017.

BRENNER, Lara. **25 de novembro**: Dia Internacional da Não Violência Contra a Mulher. Disponível em: <<http://www.revistabula.com/5521-25-de-novembro-dia-internacional-da-nao-violencia-contra-a-mulher/>>. Acesso no dia 01 jun. 2017.

CABRAL, Sandra e CYRULNIK, Boris (Orgs.). **Resiliência, como tirar leite de pedra**. São Paulo: Casa do psicólogo, 2015.

CARRETEIRO, Maria Aparecida M. de Almeida; ARMANGE, Marcos Augusto. **A superação de crises a partir do aconselhamento pastoral e dos grupos de apoio**: a Bíblia como recurso terapêutico. São Leopoldo. 2009. 44 f. Trabalho de

Conclusão (Especialização em Aconselhamento e Psicologia Pastoral) - Escola Superior de Teologia, Programa de Pós-graduação, São Leopoldo, 2009.

CARROL, Aileen Silva; ANDRADE, Sérgio. **Até quando?** O cuidado pastoral em contexto de violência contra a mulher. Viçosa-MG: Ultimato, 2010.

CLINEBELL, Howard J. **Aconselhamento pastoral**: modelo centrado em libertação e crescimento. 4. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

COELHO, Ana Alice Teixeira de Lima; HOCH, Lothar Carlos. **Aconselhamento em grupos na igreja local**. São Leopoldo. 2008. 47 f. Trabalho de Conclusão (Especialização em Aconselhamento e Psicologia Pastoral) - Escola Superior de Teologia, Programa de Pós-graduação, São Leopoldo, 2008.

COLLINS, Gary R. **Ajudando uns aos outros pelo aconselhamento**. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000.

CORNAGLIA, Graciela Patrícia. **Prevenção à violência contra as mulheres**: caderno 1: conceitos e tipos de violência, Legislação, Rede de Atendimento à Mulher. Secretaria Municipal de Políticas para Mulheres. São Leopoldo: CEBI, 2010.

CORNAGLIA, Graciela Patrícia; SANTOS, Karine dos (Orgs). **Pacto Nacional pelo enfrentamento à violência contra as mulheres**. São Leopoldo: CEBI, 2010. (Caderno 2).

COSTA, Celo Araujo dos Santos; VOIGT, Emilio. **Projeto Rede de Apoio Social**: transformando sofrimento em competência. São Leopoldo. 2009. 85 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Práticas Sociais e Cuidado) - Escola Superior de Teologia, Programa de Pós-graduação, São Leopoldo, 2009.

CUNHA, Tânia Rocha Andrade. **O preço do silêncio**. Mulheres ricas também sofrem violência. Vitória da Conquista/BA: Edições Uesb, 2007.

EGGERT, Edla. **Narrar processos**: tramas da violência doméstica e possibilidades para a educação. Florianópolis/SC: Ed Mulheres, 2009.

FRIGOTTO, Silvana Maria. **Mudança social e os impactos na rede de atenção, apoio, cuidado e proteção da mulher**. São Leopoldo. 2014. 136 f. Dissertação (Mestrado) - Escola Superior de Teologia, Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo/RS: 2014.

GIMENEZ, Miriam Noronha Mota. **A comunidade de Apoio no contexto da Igreja Batista Ágape em Campo Grande**. São Leopoldo. 2008. 41 f. Trabalho de Conclusão (Curso de especialização em Aconselhamento Pastoral) - Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2008.

GOODRICH, Thelma Jean. **Terapia feminista da família**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

GROSSI, Patrícia K.; WERBA, Graziela C. (Orgs). Nem com uma flor: reflexões sobre abordagens com grupos de homens agressores. In: GROSSI, Patrícia K.;

WERBA, Graziela C. **Violências e gênero**. Coisas que a gente não gostaria de saber. Porto Alegre/RS: EDIPUCRS, 2001.

GROSSI, Patrícia Krieger. Nem com uma flor: reflexões sobre abordagens com grupos de homens agressores. In: GROSSI, Patrícia K.; WERBA, Graziela C. (Orgs.). **Violências e gênero**. Coisas que a gente não gostaria de saber. Porto Alegre/RS: EDIPUCRS, 2001.

GROSSMANN, Carla Andrea. **O aconselhamento pastoral a partir de uma ótica feminista**. São Leopoldo. 1995. 50 f. Trabalho (Conclusão de curso de Teologia) – Faculdades EST, São Leopoldo, 1995.

HERTEL, Hildegart. Redes sociais e qualidade de vida. In: NOÉ, Sidnei Vilmar; HOCH, Lothar Carlos; WONDRACEK, Karin Hellen Kepler. SIMPÓSIO DE ACONSELHAMENTO E PSICOLOGIA PASTORAL. 2002, São Leopoldo, RS. **Comunidade terapêutica**: cuidando do ser através de relações de ajuda. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, Sinodal, 2003.

HOCH, Lothar Carlos e ROCCA, Susana M. (Orgs.). **Sufrimento, resiliência e fé**. Implicações para as relações de cuidado. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

HOCH, Lothar Carlos. Aconselhamento pastoral e libertação. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 29, p. 17-40, 1989. Disponível em: <[http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos\\_teologicos/article/view/1054/1011](http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/1054/1011)>. Acesso em 23 nov. 2017.

\_\_\_\_\_. A comunicação como chave do aconselhamento pastoral. In: NOÉ, Sidnei Vilmar; HOCH, Lothar Carlos; WONDRACEK, Karin Hellen Kepler. SIMPÓSIO DE ACONSELHAMENTO E PSICOLOGIA PASTORAL. 2002, São Leopoldo, RS. **Comunidade terapêutica**: cuidando do ser através de relações de ajuda. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, Sinodal, 2003.

HURDING, Roger F. **A árvore da cura**: modelos de aconselhamento e de psicoterapia. São Paulo: Vida Nova, 1995.

JOVENS da Betel.com. **O ser humano como homem e mulher**. Disponível em: <<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/educacao/referencias-bibliograficas-tiradas-na-internet-como-colocar-no-trabalho/48764>>. Acesso em 04 jun. 2017.

LANGBERG, Diane Mandt. **No limiar da esperança**: abrindo as portas para a cura de vítimas de abuso sexual. Curitiba, PR: Editora Evangélica Esperança, 2003.

LIBARDONI, Alice. **Direitos humanos das mulheres....** Em outras palavras: Subsídios para capacitação legal de mulheres e organizações. Brasília: Agende, 2002.

LIRA, Lilian Conceição da Silva; SOARES, Ilcéia Alves; LISBOA, Ester Leite. **Prevenção e enfrentamento à violência doméstica contra as mulheres**. Serviço anglicano de diaconia e desenvolvimento da igreja episcopal anglicana do Brasil. São Paulo/SP: Livraria Anglicana, Fonte Editorial, 2013.

LUCKMANN, Sandro. **Ensaio sobre a prática poimênica**. São Leopoldo. 1998. 33 f. Monografia (Semestral) – Faculdades EST, São Leopoldo, 1998.

LUNA, Ivan Jorge dos Santos. **Aconselhamento Pastoral com mulheres separadas**: tecendo uma rede de apoio. São Leopoldo. 2005. 66 f. Dissertação (Mestrado Profissional) - Escola Superior de Teologia, Programa de Pós-Graduação em Teologia, São Leopoldo, 2010.

MARTINS, Rosimeire de Carvalho. **Jovens mulheres vitimadas, abuso sexual, sofrimento e resiliência**. Curitiba: Jaruá, 2010.

MELILLO, Aldo; OJEDA, Elbio Néstor Suarez (Orgs.). **Resiliência**: descobrindo as próprias fortalezas. Porto Alegre: Artmed, 2005.

MELO, Daniel. Mais de 500 mulheres são agredidas por hora no Brasil. **Agência Brasil**, 8 de março de 2017. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2017-03/mais-de-500-mulheres-sao-agredidas-por-hora-no-brasil-mostra>>. Acesso em 16 maio 2017.

MENEGHEL, Stela Nazareth (Org.) **Rotas Críticas II**. Ferramentas para trabalhar com a violência de gênero. Santa Cruz do Sul/RS: EDUNISC, 2009.

\_\_\_\_\_. **Rotas críticas**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2007.

MILLER, Mariy Susan. **Feridas invisíveis**: abuso não-físico contra mulheres. São Paulo: Summus, 1999.

MUSSKOPF, André S.; BLASÍ, Marcia (Orgs.). **Ainda feminismo e gênero**. São Leopoldo: CEBI, 2014.

NOÉ, Sidnei Vilmar. Ideias introdutórias ao conceito comunidade terapêutica. In: NOÉ, Sidnei Vilmar; HOCH, Lothar Carlos; WONDRACEK, Karin Hellen Kepler. SIMPÓSIO DE ACONSELHAMENTO E PSICOLOGIA PASTORAL. 2002, São Leopoldo, RS. **Comunidade terapêutica**: cuidando do ser através de relações de ajuda. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, Sinodal, 2003.

NORDSTOKKE, Kjell. **A diaconia como prática social e saber acadêmico**. Seminário oferecido pela Faculdades EST, 16 a 20 de outubro de 2017.

OLIVEIRA, Roseli. Cuidando do ser na família: reflexões. In: NOÉ, Sidnei Vilmar; HOCH, Lothar Carlos; WONDRACEK, Karin Hellen Kepler. SIMPÓSIO DE ACONSELHAMENTO E PSICOLOGIA PASTORAL. 2002, São Leopoldo, RS. **Comunidade terapêutica**: cuidando do ser através de relações de ajuda. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, Sinodal, 2003.

PAIM, Juliana. Entendendo a Violência Doméstica. In: PEIXOTO, Mariana da Costa. **Protegendo as Mulheres da Violência Doméstica**. Brasília/DF: FNEDH, 2006.

PAZ, Nivea Ivette Núñez de la (org.). **Da violência de gênero para relações humanizadas**: guia regional. São Leopoldo: CEBI, 2010.

PORTAL BRASIL. **Ligue 180 registra mais de 555 mil atendimentos este ano.** Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2016/08/ligue-180-registra-mais-de-555-mil-atendimentos-este-ano>. Acesso em 19 abr. 2017.

RINKLIN, Ruth. **A fé cristã como auxílio na recuperação da dignidade humana em vítimas de abuso sexual.** São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2014.

ROSSI, Luiz Henrique Solano. A vocação terapêutica da Igreja. In: KOHL, Manfred Waldemar; BARRO, Antônio Carlos. **Aconselhamento Cristão Transformador.** Londrina/PR: Descoberta, 2006.

RUDY, Jefferson. A cada 11 minutos, uma mulher é estuprada no Brasil. **Agência Senado**, 30 de maio de 2015. Disponível em: <<http://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/05/30/a-cada-11-minutos-uma-mulher-e-estuprada-no-brasil-alerta-simone-tebet>>. Acesso em 16 de maio de 2017.

SANTOS, Barbara Ferreira. Os números da violência contra mulheres no Brasil. **Revista Exame**, São Paulo, Editora Abril, 8 de março de 2017. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/brasil/os-numeros-da-violencia-contra-mulheres-no-brasil/>>. Acesso em 05 jun. 2017.

SCHAIBER, Lilia Blima et al. **Violência dói e não é direito.** São Paulo: UNESP, 2005.

SCHEUNEMANN, Arno. Crises pessoais: sua interface com as novas articulações sociais e o aconselhamento como empoderamento em redes sociais de apoio, significado, serviços e trabalho. In: HOCH, Lothar Carlos e SCHEUNEMANN, Arno (Orgs.). **Redes de Apoio na crise.** São Leopoldo/RS: Escola Superior de Teologia, 2003.

SCHIPANI, Daniel S. **O caminho da sabedoria no Aconselhamento Pastoral.** São Leopoldo/RS: Sinodal, 2003.

SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph; ZWETSCH, Roberto E.; HOCH, Lothar Carlos. **Teologia prática no contexto da América Latina.** 3. ed. revista e ampliada São Leopoldo, RS: Sinodal, 2011.

SCHUBERT, Waldir Humberto. A intervenção pastoral em casos depressivos. In: NOÉ, Sidnei Vilmar; HOCH, Lothar Carlos; WONDRAČEK, Karin Hellen Kepler. SIMPÓSIO DE ACONSELHAMENTO E PSICOLOGIA PASTORAL. 2002, São Leopoldo, RS. **Comunidade terapêutica: cuidando do ser através de relações de ajuda.** São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, Sinodal, 2003.

SILVA, Elizabeth Luiza da. **Terapia comunitária. Ética, resiliência e aconselhamento pastoral.** São Leopoldo. 2014. 73 f. Dissertação (Mestrado Profissional) - Escola Superior de Teologia, Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2014.

SILVA, Marlise Vinagre. **Violência contra a mulher: Quem mete a colher?** São Paulo: Cortez, 1992.

SUPERELA. **Violência contra a mulher**: Conheça os tipos e saiba denunciar. Disponível em: <<http://superela.com/2015/11/10/violencia-contra-a-mulher-conheca-os-tipos-e-saiba-como-denunciar/>>. Acesso em 28 jun. 2017.

TONI, Antônio Telmo de. **Advocacia e resiliência**. São Leopoldo. 2006. 36 f. Trabalho de Conclusão (Curso de Especialização Aconselhamento e Psicologia Pastoral) - Escola Superior de Teologia, PPG-Programa de Pós-Graduação em Teologia, São Leopoldo, 2006.

TONSA, Sandra. **O Ciclo da Violência CONTRA a Mulher**. 2012. Disponível em: <<http://psicologiaautoestimaebelleza.blogspot.com.br/2012/02/o-ciclo-da-violencia-contra-mulher.html>>. Acesso em 01 jun. 2017.

VASCONCELOS, Denise Pinto. **A defesa da mulher vítima de violência doméstica**: contribuições da ética cristã. São Leopoldo. 2010. 105 f. Dissertação (Mestrado) - Escola Superior de Teologia, Programa de Pós-graduação, São Leopoldo, 2010.

VILHENA, Valéria Cristina; SOUZA, Sandra Duarte de. **Pela voz das mulheres**: uma análise da violência doméstica entre mulheres evangélicas atendidas no Núcleo de Defesa e Convivência da Mulher - Casa Sofia. São Bernardo do Campo. 2009. 152 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Humanidades e Direito, Universidade Metodista de São Paulo, Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião, São Bernardo do Campo, 2009.

WILKE, Ester Delene; WONDRACEK, Karin Hellen Kepler. **O aconselhamento pastoral à luz do Deus triúno**: tarefa curativa como ministério do espírito. São Leopoldo. 2007. 54 f. Trabalho de Conclusão (Especialização em Aconselhamento e Psicologia Pastoral) - Escola Superior de Teologia, Programa de Pós-graduação, São Leopoldo, 2007.